GÊNERO E JUVENTUDE NAS CADEIAS DE VALOR DO MÉDIO JURUÁ

RELATÓRIO TÉCNICO

Amazonas

Outubro, 2022

Realização:

ASMAMJ
Associação das Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá

INSTITUTO JURUÁ

Apoio:

cooperação alemã
DEUTSCHE ZUSAMMENARBEIT

Por meio da:

giz Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH

develoPPP
Where business meets development.

natura

symrise

ÍNDICE

Lista de Figuras 4

Lista de Fotos 11

Lista de Tabelas 13

Equipe Técnica 14

Coordenação geral 14

Concepção 14

Elaboração das entrevistas 14

Oficinas de mapeamento das cadeias de valor sensíveis ao gênero 14

Coleta de Dados 14

Organização e Digitalização dos Dados 15

Sistematização, Análise de Dados e Redação 15

Revisões, discussões e outras contribuições 15

Financiamento 15

Lista de Abreviaturas e Siglas 16

1. APRESENTAÇÃO 18

2. CONTEXTUALIZAÇÃO 20

2.1 Área de Trabalho 21

2.2 Conceitos abordados 25

2.2.1 Gênero e Juventude 25

2.2.2 Cadeias Produtivas e Cadeias de Valor 29

3. METODOLOGIA 32

3.1 Diagnósticos 32

3.1.1 Diagnóstico de Gênero com enfoque nas Cadeias Produtivas 33

3.1.2 Diagnóstico da Juventude com enfoque nas Cadeias Produtivas 36

3.2 Análises 35

4. RELATORIA 36

4.1 DIAGNÓSTICO DE GÊNERO 37

4.1.1 Contexto Socioeconômico 37

4.1.2 Autonomia, Participação Social e Representatividade 48
4.1.3 Percepções de Qualidade de vida, Papéis de gênero e Valores 58
4.1.4 Gênero, Trabalho e as Cadeias Produtivas 58
4.1.4.1 Uso do Tempo 58
4.1.4.2 Trabalho assalariado e Cadeias Produtivas 64
4.1.5 Sonhos e desejos; Medos e aflições 95
4.2 OFICINAS: Mapeamento de Cadeias de Valor Sensíveis ao Gênero 101
4.2.1 Oficina 1: Pescado na Vila Ramalho 104
4.2.2 Oficina 2: Seringa em São Raimundo (cadeia da borracha) 109
4.2.3 Oficina 3: Oleaginosas no Roque 113
4.2.4 Oficina 4: Mandioca no Pupuaí (cadeia da farinha) 116
4.2.5 Oficina 5: Açaí no Bacaba 120
4.2.6 Oficina 6: Pirarucu de Manejo no Lago Serrado 124
4.2.6.6 Diagrama extra: Pirarucu no Médio Juruá 127
4.3 DIAGNÓSTICO DA JUVENTUDE 129
4.3.1 Contexto Socioeconômico 129
4.3.2 Sonhos e desejos; Medos e aflições 132
4.3.3 Juventude, Trabalho e Cadeias Produtivas 135
4.3.3.1 Cadeias Produtivas 135
4.3.3.2 Uso do Tempo 143
4.3.5 Percepções de Qualidade de vida, Papéis de gênero e Valores 147
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 152
7. LISTA DE ANEXOS 157

Lista de Figuras

Figura 1: Área de abrangência deste plano de trabalho: comunidades rurais de Carauari, inseridas ou externas às unidades de conservaçã destacadas no mapa. 21

Figura 2: Mapa das comunidades visitadas. Os destaques com asterisco na legenda correspondem às comunidades em que foram realizadas oficinas participativas. A área da RESEX Médio Juruá corresponde à delimitação azul clara e a da RDS Uacari, azul escura. O mapa à esquerda mostra a América do Sul com destaque ao município de Carauari, também com sua sede indicada (letra E). 22

Figura 3: Autodeclaração de cor/raça de acordo com as categorias do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 38

Figura 4: Distribuição de idade dos entrevistados. 40

Figura 5: Idade com que teve o(a) primeiro(a) filho(a). As linhas vermelhas contínua e tracejada indicam, respectivamente, idades de 14 (somente as mulheres tiveram filhos antes dos 14 anos) e 18 anos. 42

Figura 6: Escala Likert mostrando as percepções dos direitos reprodutivos por homens e mulheres. 44

Figura 7: Idade com que se casou ou foi viver junto com o(a) parceiro(a) pela primeira vez. As linhas vermelhas contínua e tracejada indicam, respectivamente, idades de 14 e 18 anos. 45

Figura 8: Estado civil dos entrevistados. 46

Figura 9: Grau de escolaridade dos entrevistados e os motivos declarados de impedimento à continuação dos estudos identificada pelos entrevistados. 49

Figura 10: Proporções de A) Homens e B) Mulheres em posições de liderança na comunidade, que tem vontade de ocupar posição de liderança, que dizem participar das reuniões comunitárias, que dizem se sentir à vontade para expressar suas opiniões nessas reuniões, que participam de reuniões de associações, que disseram haver algum associado na família, que gostariam de ser associadas (os) e que consideram que o cuidado com crianças e levado em conta pelos coletivos durante as reuniões. 50

Figura 11: Porcentagem de mulheres e homens filiados às organizações comunitárias presentes no território. 51

Figura 12: Quantidade de mulheres (lilás) e homens (verde) que participaram da diretoria da AMARU nos últimos 7 anos. Dados obtidos pela ASMAMJ com base em documentos históricos da associação. 52

Figura 13: Quantidade de mulheres (lilás) e homens (verde) que participaram da Assembleia Geral da ASPROC nos últimos 6 anos. Dados obtidos por meio das listas de presença dos eventos. 53

Figura 14: Diferença entre número de reuniões com mais de duas comunidades em que homens e mulheres participaram no último ano. Homens participaram de um número significativamente maior do que as mulheres em reuniões com participação de mais de duas comunidades (teste kruskal-wallis: chi-square = 7.2, p = 0.007). 54

Figura 15: Principal responsável pelo cuidado com crianças durante reuniões comunitárias ou de associações. 55

Figura 16: Proporção de entrevistados e entrevistadas que sabem dirigir e que tem acesso a rabeta (A), com quem aprenderam a dirigir (B), por que não sabem dirigir (C) e o principal motivo de saída da comunidade (D). 57

Figura 17: Percepções relativas à segurança física e à autonomia na tomada de decisão por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert. 58

Figura 18: Percepções relativas a estereótipos de gênero e cuidado dos filhos por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert. 59

Figura 19: Percepções relativas a direitos reprodutivos por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert. 59

Figura 20: Percepções sobre direitos básicos e qualidade de vida, por homens (A) e mulheres (B) com base na escala Likert. 60

Figura 21: Percepções relativas a estereótipos de gênero e feminismo por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert . 60

Figura 22: Percepções de estereótipo de gênero, trabalho e remuneração por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert. 61

Figura 23: Percepções de estereótipo de gênero e habilidades de homens e mulheres nas diferentes cadeias produtivas, por homens (A) e mulheres (B), conforme escala Likert. 61

Figura 24: Diagrama Sankey mostrando a proporção de tempo utilizado em cada atividade por homens (verde) e mulheres (lilás). Cada linha representa uma pessoa e a espessura das linhas representa a proporção de tempo dedicada a cada atividade. 64

Figura 25: Diagramas Sankey mostrando a proporção de tempo dedicada a cada atividade por homens (verde) e mulheres (lilás) nas áreas A) Área do Acordo de Pesca (fora das UCs), B) da RDS de UACARI e C) da RESEX Médio Juruá. 65

Figura 26: Participação de homens (verde) e mulheres (lilás) em pelo menos uma (1) etapa das sete (7) principais cadeias do território. 69

Figura 27: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na extração do açaí. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da extração de açaí; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família não foi significativa ($p = 0.255$). 71

Figura 28: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero no extrativismo da seringa. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da seringa; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família não foi significativa ($p = 0.188$). 73

Figura 29: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na roça. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da roça; C)

Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família foi significativa (p = 0.005). O dunnTest mostra que a diferença é entre homens e família (p = 0.006). O valor discrepante de R$20.000,00 é um homem de 61 anos. 77

Figura 30: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na atividade de pesca. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da pesca; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família não foi significativa (p = 0.787). 79

Figura 31: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero no manejo do pirarucu. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa do manejo do pirarucu; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por homens, mulheres e família não foi significativa (p = 0.112). 82

Figura 32: Valores em reais (R$) recebidos por gênero com o extrativismo de Murumuru. C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família foi significativa (p = 0.047), porém corrigindo para múltiplos testes (correção de Bonferroni) a diferença entre mulheres e família fica não significativa (p = 0.078). 84

Figura 33: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na extração de andiroba. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da extração da andiroba; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por mulheres, homens e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família dinheiro não foi significativa (p = 0.823). 86

Figura 34: Nuvem de palavras representando respostas das mulheres quando questionadas quanto ao tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam número similar de menções. 90

Figura 35: Nuvem de palavras representando respostas dos homens quando questionados quanto ao tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. As palavras ‘pirarucu’, ‘manejo’ e ‘seringa’ foram citadas 26, 18 e 14 vezes, respectivamente. 91

Figura 36: Atividade indicada pelos entrevistados como a mais perigosa (entre as que compõem as sete principais cadeias produtivas). 92

Figura 37: Consequências de acidentes relacionados às cadeias produtivas e perigos mais comumente associados às atividades. 94

Figura 38: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos adultos (homens e mulheres) quando perguntados qual o maior sonho/desejo da vida. O tamanho das palavras

é proporcional ao número de vezes que foram citadas. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. As palavras ‘estudo’, ‘dinheiro’ e ‘estudo filhos’ foram citadas 30, 29 e 28 vezes, respectivamente, enquanto ‘saúde’, ‘emprego’ e ‘carreira educação’ (referindo-se à vontade de seguir carreira na área da educação), tiveram 24, 20 e 20 menções. 95

Figura 39: Nuvem de palavras representando palavras mais citadas pelas mulheres quando perguntadas qual seu maior sonho/desejo da vida. 183 mulheres responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. ‘Estudo’ e ‘estudo filhos’ foram citadas 24 e 23 vezes, respectivamente. 96

Figura 40: Nuvem de palavras representando palavras mais citadas pelos homens quando perguntados qual seu maior sonho/desejo da vida. 99 homens responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. ‘Dinheiro’ e 'saúde' foram citadas 18 e 10 vezes, respectivamente. 97

Figura 41: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos adultos (homens e mulheres) quando perguntados qual era seu maior medo. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. ‘Filhos’ e 'família’ foram citadas 44 e 42 vezes, respectivamente. 98

Figura 42: Nuvem de palavras representando palavras citadas pelas mulheres quando perguntadas qual seu maior medo/aflição. 188 mulheres responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. ‘Filhos’, 'família’ e ‘drogas filhos’ foram citadas 34, 28 e 23 vezes, respectivamente. 99

Figura 43: Nuvem de palavras representando palavras citadas pelos homens quando perguntados qual seu maior medo/aflição. 93 homens responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. 'Família', ' morte família’ foram citadas 14 e 12 vezes, respectivamente, enquanto ‘filhos’ e 'doenças' foram citados 10 vezes cada. 99

Figura 44: Cadeia do pescado na perspectiva da comunidade Vila Ramalho, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: nesta oficina não foram levantadas as posições dos serviços de apoio; somente da instituição reguladora e das organizações operadoras. 108

Figura 45: Cadeia da borracha (Seringa) na perspectiva da comunidade de São Raimundo, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição

em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. 112

Figura 46: Cadeia das oleaginosas na perspectiva do Roque, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: nesta oficina não foram mapeados os serviços de apoio e instituições reguladoras, haja vista a larga necessidade de se debater os primeiros pontos levantados no quadro. 115

Figura 47: Cadeia da farinha de mandioca na perspectiva da comunidade do Pupuaí, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: Nesta oficina foi necessário desmembrar mais os elos para tornarmos visíveis as atividades às quais as mulheres se dedicam mais. 119

Figura 48: Cadeia do açaí na perspectiva da comunidade Bacaba, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: Nesta oficina foi necessário desmembrar mais os elos para tornarmos visíveis as atividades às quais as mulheres se dedicam mais. OBS 3: nesta oficina não foram levantadas as posições dos serviços de apoio e instituições reguladoras; somente as das organizações operadoras primárias. 123

Figura 49: Os elos da cadeia do pirarucu na perspectiva da comunidade Lago Serrado, conforme mapeamento participativo. OBS: Houve perda de registro sobre os demais elementos que compõem o quadro. Para melhor entendimento deste cenário, sugere-se a leitura da Figura 50. 124

Figura 50: Cadeia do pirarucu na perspectiva geral do Médio Juruá, conforme mapeamento participativo, realizado por moradores e/ou trabalhadores da região, durante o curso "*Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero*", em Manaus, Abril de 2022. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: Nesta oficina não foram levantadas as posições das instituições reguladoras; somente as das organizações operadoras primárias e os serviços de apoio. 127

Figura 51: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos jovens quando perguntados sobre seus sonhos e desejos. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: professor (34), medicina (22), viajar (14), jogador(a) futebol (11), ser policial (10). 132

Figura 52: Fatores impeditivos ao acesso à formação e/ou cursos a partir da percepção dos jovens. 133

Figura 53: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos jovens quando perguntados qual era seu maior medo ou aflição. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: doença (13), doença família (13), longe família (8), dinheiro (7), cobra (6), não estudar (6), morte família (5). 134

Figura 54: Proporção de meninos e meninas participantes de pelo menos uma (1) etapa de cada cadeia produtiva. 135

Figura 55: Gráfico da participação nas etapas do roçado por gênero: A) meninos e B) meninas. 136

Figura 56: Gráfico da participação por gênero em cada etapa do manejo do pirarucu por A) meninos e B) meninas. 136

Figura 57: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da pesca por A) meninos e B) meninas. 137

Figura 58: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração da seringa por A) meninos e B) meninas. 138

Figura 59: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração do murumuru por A) meninos e B) meninas. 138

Figura 60: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração da andiroba por A) meninos e B) meninas. 139

Figura 61: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração do açaí por A) meninos e B) meninas. 139

Figura 62: Nuvem de palavras representando as respostas dos jovens quando questionados sobre o tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao nº de citações. Palavras com a mesma cor receberam um nº similar de menções. 140

Figura 63: Atividades produtivas que adolescentes acreditam que funcionariam e que gostariam que existissem na comunidade. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: saboaria (16), artesanato (9), banana (9), plantar açaí (4), crochê (4). 140

Figura 64: Atividades que jovens disseram não gostar de realizar. 141

Figura 65: Atividades citadas como preferidas pelos jovens. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: açaí (33), andiroba (16), pesca(15), roça (12), raspar mandioca (6), murumuru (5). 142

Figura 66: Diagrama Sankey mostrando a proporção de tempo gasta em cada atividade por meninos (verde) e meninas (lilás). Cada linha representa uma pessoa e a espessura das linhas representa o tempo dedicado a cada atividade. 143

Figura 67: Atividades para as quais os jovens gostariam de dedicar mais tempo. 145

Figura 68: Atividades que os jovens costumam fazer em seu tempo livre. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: jogar bola (53), estudar (15), amigos (13), celular (10), ler (9), dormir (7). 145

Figura 69: Nuvem de palavras representando atividades que jovens demonstraram interesse em desenvolver em suas comunidades. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: computação (7), violão (6), canto (5), música (3), vôlei (3). 146

Figura 70: Percepções relativas a qualidade de vida e oportunidades na comunidade de meninos (A) e meninas (B), com base na escala Likert. 147

Figura 71: Percepção dos jovens em relação a seu padrão de qualidade de vida. 147

Figura 72: Percepções relativas aos direitos reprodutivo de meninos (A) e meninas (B), com base na escala Likert. 148

Figura 73: Percepções relativas à participação nas cadeias produtivas (A) e meninas (B), com base na escala Likert. 149

Figura 74: Percepções relativas ao feminismo e direitos e deveres com os filhos de meninos (A) e meninas (B), com base na escala Likert. 150

Lista de Fotos

Foto 1 - Comunidade de várzea típica da zona rural de Carauari, à beira do Rio Juruá. 22

Foto 2 - Equipe de campo participante da expedição a bordo no Hylea, em Maio e Junho de 2022. 25

Foto 3 - Equipe da ASMAMJ em campo para entrevistas de gênero e juventude no Médio Juruá. 32

Foto 4 - Diversidade étnica e racial dos povos do Médio Juruá. 39

Foto 5 - Treinamento da equipe ASMAMJ em parceria com o IJ para aplicação da entrevista. 63

Foto 6 - Mulheres do Médio Juruá realizando trabalho doméstico (típica técnica de lavar louça e roupa). 67

Foto 7 - Retirada da polpa do açaí de forma artesanal. 72

Foto 8 - Francisco Lucas da Cunha Figueiredo, de 24 anos, da comunidade São Raimundo, extraindo o látex da seringueira. 76

Foto 9 - Ambas as fotos são de Bernardo Oliveira (2021) e demonstram: 1) o transporte da mandioca para a Casa de Farinha; 2) o processamento da farinha com a peneira. 78

Foto 10 - Tratamento do peixe de modo artesanal. 81

Foto 11 - Peça publicitária da campanha Mulheres na Contagem, que vem ganhando corpo no Médio Juruá, especialmente nos anos de 2021 e 2022. 83

Foto 12 - Sementes coletadas de murumuru para secagem e comercialização à CODAEMJ. 85

Foto 13 - Coletoras e coletores de sementes de andiroba. 87

Foto 14 - Oficina participativa sobre a questão de gênero na cadeia do pescado da Vila Ramalho (Chue). 104

Foto 15 - Quadro gerado sobre a questão de gênero na cadeia do pescado da Vila Ramalho (Chue). 105

Foto 16: Imagem ilustrativa da feira do pescado organizada pelo ICMBio, do lago de uma comunidade próxima à Vila Ramalho - peixes como pacu, tucunaré, tambaqui, etc., vendidos a preço subsidiado. 107

Foto 17: Quadro elaborado na oficina ministrada em São Raimundo. 109

Foto 18: Algumas das participantes de São Raimundo reunidas após a oficina. 111

Foto 19 - Quadro elaborado na oficina ministrada no Roque. 113

Foto 20 - Grupo de extrativistas do Roque presente até o final da atividade. 115

Foto 21 - Alguns dos materiais necessários ao manejo da casa de farinha. 117

Foto 22 - Alguns dos processamentos comuns na cadeia produtiva da mandioca. 117

Foto 23: Quadro elaborado na oficina para mapeamento da cadeia da mandioca no Pupuaí. 117

Foto 24 - Participação do grupo na oficina que se deu na casa comunitária do Pupuaí. 118

Foto 25 - Quadro elaborado na oficina da cadeia do açaí, na comunidade Bacaba. 121

Foto 26 - Grupo participante ao término da oficina do Bacaba. 122

Foto 27 - Carregamento do pirarucu na cidade de Carauari. 124

Foto 28 - Participantes da oficina da cadeia do pirarucu de manejo, na comunidade Lago Serrado. 126

Foto 29 - Curso "*Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero"* no momento da oficina de *"Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero"* sobre o Pirarucu, que gerou a Figura 50. 127

Foto 30 - Alguns dos jovens participantes das entrevistas. 128

Foto 31 - Curso da ASMAMJ de medicina natural no módulo sobre parteria tradicional (acompanhamento do pré-natal). 130

Foto 32 - Ensino Médio e Técnico Profissionalizante na Casa Familiar Rural do Campina 131

Foto 33 - Menino participante da pesca. 137

Lista de Tabelas

Tabela 1: Data das coletas em cada comunidade e a região a qual cada comunidade pertence.23

Tabela 2: Principais diferenças entre uma cadeia produtiva e uma cadeia de valor. 30

Tabela 3: Cadeias produtivas por grupo focal aplicado em cada comunidade. 34

Tabela 4: Distribuição por grupos etários dos entrevistados. 40

Tabela 5: Situação etária, conjugal, de filhos, e de intenção de continuar na comunidade, entre os entrevistados. 40

Tabela 6: Ações sugeridas para que o cuidado com as crianças seja levado em conta e não impeça a participação das mulheres nas assembleias comunitárias e de associações. 55

Tabela 7: Porcentagem do tempo gasto por homens e mulheres nas diferentes atividades. 66

Tabela 8: Número de mulheres e homens que consideram o trabalho nas principais cadeias produtivas como exclusivamente masculino. 89

Tabela 9: Número de entrevistados que disseram conhecer um caso de acidente que tenha acontecido durante a realização de atividades relacionadas às das cadeias de valor abaixo. 93

Tabela 10: Comunidades participantes das oficinas de grupo focal. 101

Tabela 11: Intervalo e média de idades de meninas e meninos para diferentes estimativas, além de número e quantidade de filhos. 129

Tabela 12: Porcentagem do tempo gasto por meninos e meninas nas diferentes atividades. 144

Equipe Técnica

Coordenação geral
João Vitor Campos-Silva - Presidente do Instituto Juruá
Rosangela Cunha - Presidenta da ASMAMJ

Concepção
Almira Nascimento - ASMAMJ e Instituto Juruá
Carolina Freitas - Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)
Jessica Pereira de Souza - Memorial Chico Mendes e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)
João Vitor Campos-Silva - Instituto Juruá
Quilvilene Cunha - ASMAMJ
Raqueline Nery - ASMAMJ e FMJ - Fundo Médio Juruá
Rosangela Cunha - ASMAMJ
Ronnayana Silva - Sitawi e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)

Elaboração das entrevistas
Jessica Pereira de Souza - Memorial Chico Mendes e Inst. Juruá (pesquisadora colaboradora)
João Vitor Campos-Silva - Instituto Juruá
Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University
Nathalia Zouain Messina - Instituto Juruá
Ronnayana Silva - Sitawi e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)

Oficinas de mapeamento das cadeias de valor sensíveis ao gênero
Antônia Rosa de Souza Matos - Equipe de campo ASMAMJ
Fabrício Carvalho da Costa - Equipe de campo ASMAMJ
Fernando da Costa - Equipe de campo ASMAMJ
Francisca Braga de Lima - Equipe de campo ASMAMJ
Gabriela Vedovello - INPA e Instituto Juruá
Leidyane Araújo da Costa - Equipe de campo ASMAMJ
Lísley Pereira Gomes - Virginia Tech, Instituto Mamirauá e RedeFauna
Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University
Nathália Zouain Messina - Instituto Juruá
Andressa Sayori Minato - Instituto Juruá
Rosangela Cunha de Lima - Equipe de campo e presidenta da ASMAMJ

Coleta de Dados
Antônia Rosa de Souza Matos - Equipe de campo ASMAMJ
Fabrício Carvalho da Costa - Equipe de campo ASMAMJ
Fernando da Costa - Equipe de campo ASMAMJ
Francisca Braga de Lima - Equipe de campo ASMAMJ
Leidyane Araújo da Costa - Equipe de campo ASMAMJ
Silvia Helena Rodrigues - Instituto Juruá (voluntária no ciclo 2022/02)
Rosangela Cunha de Lima - Equipe de campo e presidenta da ASMAMJ

Organização e Digitalização dos Dados
Viviane Costa da Silva - Instituto Juruá (colaboradora)

Sistematização, Análise de Dados e Redação
Camila Duarte Ritter - Instituto Juruá
Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University
Nathália Zouain Messina - Instituto Juruá

Revisões, discussões e outras contribuições
Almira Nascimento - ASMAMJ e Instituto Juruá
Camila Duarte Ritter - Instituto Juruá
Candida Mota - Instituto Juruá (voluntária no ciclo 2022/02)
Diego Viegas - Natura
Jessica Pereira de Souza - Memorial Chico Mendes e I. Juruá (pesquisadora colaboradora)
João Vitor Campos-Silva - Instituto Juruá
Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University
Nathália Zouain Messina - Instituto Juruá
Quilvilene Cunha - ASMAMJ
Raqueline Nery - ASMAMJ e FMJ - Fundo Médio Juruá
Rosangela Cunha - ASMAMJ
Ronnayana Silva - Sitawi e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)
Thaís Penna - GIZ Brasil

Financiamento
• Projeto Cosméticos Sustentáveis da Amazônia, uma parceria entre a (Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH e as empresas Natura e Symrise, no âmbito do programa develoPPP do Ministério da Cooperação da Alemanha (BMZ)
• Instituto Juruá
• Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá - ASMAMJ

Lista de Abreviaturas e Siglas

AMAB – Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá

AMARU – Associação dos Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari

AMECSARA – Associação dos Moradores Extrativistas da Comunidade São Raimundo

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

ASMAMJ – Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá

ASPROC – Associação de Produtores Rurais de Carauari

CNS – Conselho Nacional das Populações Extrativistas

CODAEMJ – Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária da Reserva Extrativista do Médio Juruá

FAS – Fundação Amazônia Sustentável

Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz

FMJ – Fundo Médio Juruá

FOSPA – Fórum Social Pan-Amazônico

GIZ – Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit GmbH

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IDAM – Instituto de Desenvolvimento do Amazonas

IJ – Instituto Juruá

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JLPC – Jovens Lutando pela Caminhada

MCM – Memorial Chico Mendes

MEB – Movimento de Educação de Base

N/A – Não se aplica

OSC – Organização da Sociedade Civil

ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PPA – Plataforma Parceiros pela Amazônia

RDS – Reserva de Desenvolvimento Sustentável

ReLLAC-J – Rede de Jovens Líderes em Áreas Protegidas e Conservadas da América Latina e Caribe

RESEX – Reserva Extrativista

SAF – Sistema Agroflorestal

SEMA-AM – Secretaria de Estado Do Meio Ambiente do Amazonas

SIM – Serviço de Inspeção Municipal

TMJ – Território Médio Juruá

UC – Unidade de Conservação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USAID – United States Agency for International Development

1. APRESENTAÇÃO

A concepção deste diagnóstico se iniciou em 2019 no contexto da Assembleia Geral da Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ), durante a construção do planejamento estratégico da associação. Na ocasião, as mulheres trouxeram à tona seu incômodo quanto às restrições à participação feminina em etapas específicas das cadeias produtivas[1] e a invisibilização não só dos trabalhos realizados por elas nas etapas das cadeias, mas também do papel de mantenedoras da existência dessas atividades através dos trabalhos domésticos de produção e reprodução da vida. Dessa percepção coletiva de injustiça, surgiu a necessidade de realizar um levantamento abrangente e profundo da atuação das mulheres nas cadeias produtivas e na vida comunitária e familiar no Médio Juruá.

Nesse sentido, outro grupo historicamente invisibilizado quanto a seu trabalho nas cadeias produtivas, às suas necessidades e especificidades é a juventude. Jovens não só são atores importantes no funcionamento das cadeias produtivas da região do Médio Juruá, mas também carregam consigo a potencialidade de construir futuros mais justos e prósperos no território. Além disso, as desigualdades de gênero permeiam todas as faixas etárias. Portanto, para que seja possível estabelecer estratégias direcionadas, consideramos fundamental abranger neste diagnóstico as percepções da juventude quanto aos papéis de gênero em que estão sendo socializados.

[1] As cadeias produtivas, que são um conjunto de fases operacionais consecutivas na qual uma matéria-prima é transformada em um produto final.

A realização desse levantamento e execução do diagnóstico foi possibilitada pelo excelente trabalho da ASMAMJ (Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá) em forte parceria com o Instituto Juruá e com o fundamental apoio do projeto "Cosméticos Sustentáveis da Amazônia". Este é um projeto "develoPPP", ou seja, de parceria público privada entre o "Ministério Federal da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento da Alemanha (BMZ na sigla em alemão)", por meio da "Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH" e as empresas "Natura" e "Symrise". Além do mais, dado o alto potencial de arranjos colaborativos no território, também devemos citar a importante presença de parceiros como: a ASPROC (Associação de Produtores Rurais de Carauari), a AMARU (Associação de Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari), o Memorial Chico Mendes (MCM) e outras organizações que fortalecem o trabalho.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Alcançar a equidade de gênero e empoderar as mulheres e meninas, sobretudo em países periféricos e com altas desigualdades sociais, é um tema imperativo em todo o mundo e representa um dos Objetivos da Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030 das Nações Unidas[2]. De forma similar, a capacitação de jovens para que consigam uma absorção digna no trabalho também vem sendo abordada como um tema crucial para o desenvolvimento local em diversos territórios.

Nos países tropicais e especialmente na Amazônia rural, o empreendedorismo das mulheres e jovens nas cadeias de valor de produtos da sociobiodiversidade é um importante mecanismo para incidências políticas e obtenção de resultados positivos para os arranjos locais.

Assim, a presente pesquisa objetiva tecer um diagnóstico profundo sobre as condições das mulheres e dos jovens nas cadeias produtivas mais importantes do Médio Juruá[3], a fim de agregar valores que possam qualificar o trabalho e a reprodução da vida nas comunidades.

Tendo em vista que os produtos gerados a partir deste diagnóstico poderão guiar iniciativas de conservação e desenvolvimento local, temos como premissa a proteção da sociobiodiversidade alinhada à equidade de gênero e questões interseccionais, ao bem estar e à dignidade humana.

[2] Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>, acesso em set. 2022.

[3] Principais cadeias identificadas na região: oleaginosas - murumuru e andiroba ; açaí; pirarucu de manejo; pescado (caminhos para o manejo); seringa; e mandioca.

2.1 Área de Trabalho

A condução dos trabalhos se dá em comunidades rurais do município de Carauari, localizado a Sudoeste do Amazonas, no médio curso da bacia do rio Juruá (Figura 1). O estudo abrangeu 22 comunidades de três áreas distintas, das quais destacamos: uma área contemplada por Acordo de Pesca, abaixo da sede municipal[4], e outras duas contempladas por Unidades de Conservação (UC), acima da zona urbana - a *Reserva Extrativista do Médio Juruá (RESEX Médio Juruá),* criada em 1997, com 253.227 hectares; e a *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (RDS Uacari)*, criada em 2005, com 632.949 hectares. Todas estas áreas são banhadas pelo rio Juruá, um importante tributário de água branca do rio Solimões (Figura 2).

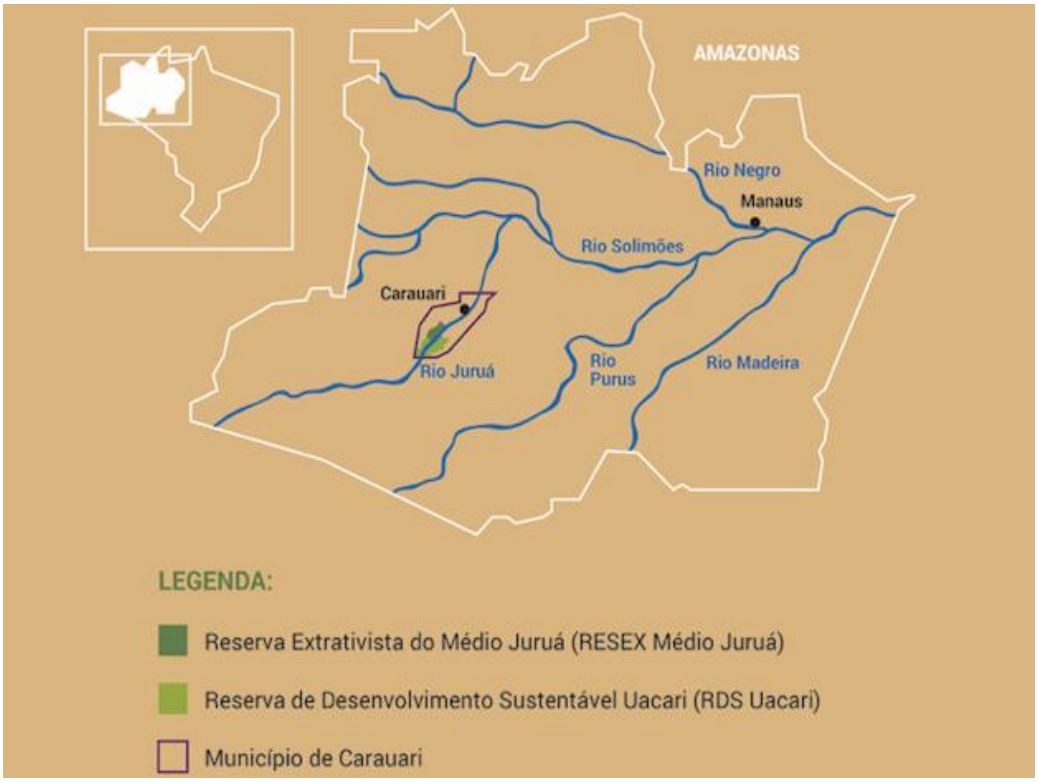


Figura 1: Área de abrangência deste plano de trabalho: comunidades rurais de Carauari, inseridas ou externas às unidades de conservação destacadas no mapa.
Fonte: Sitawi apud Página 22, acesso em <pagina22.com.br>, disponível em Maio de 2022.

[4] A área do Acordo de Pesca localiza-se abaixo da sede de Carauari, pela ótica do curso do rio Juruá.

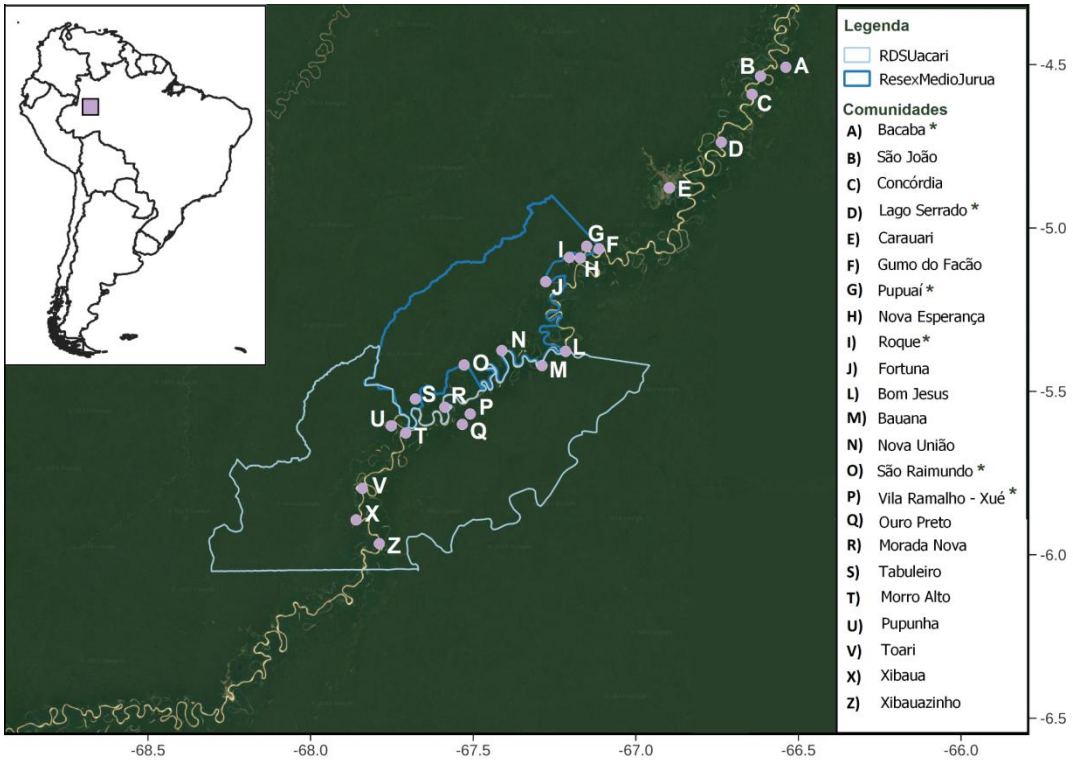


Figura 2: Mapa das comunidades visitadas. Os destaques com asterisco na legenda correspondem às comunidades em que foram realizadas oficinas participativas. A área da RESEX Médio Juruá corresponde à delimitação azul clara e a da RDS Uacari, azul escura. O mapa à esquerda mostra a América do Sul com destaque ao município de Carauari, também com sua sede indicada (letra E).

As comunidades estão localizadas ao longo do canal principal do rio (Figura 2), em igarapés tributários ou nas margens de lagos. As principais atividades econômicas das comunidades são a agricultura, o extrativismo e a pesca**.**

Foto 1 - Comunidade de várzea típica da zona rural de Carauari, à beira do Rio Juruá.
Fonte: acervo Instituto Juruá, 2021.

A realização da etapa de coleta de dados ocorreu entre os dias 18 de Maio e 26 de Junho de 2022, nas regiões e comunidades destacadas na Tabela 1, conforme roteiro das atividades de campo.

Tabela 1: Data das coletas em cada comunidade e a região a qual cada comunidade pertence.

Data	Comunidades	Região
22/Mai	Xibauazinho	RDS Uacari
23/Mai		
24/Mai	Xibauá	
25/Mai	Toari	
26/Mai	Morro Alto	
27/Mai	Pupunha	RESEX MJ
28/Mai	Tabuleiro	
29/Mai		
30/Mai	Ouro Preto	RDS Uacari
31/Mai	Morada Nova	RESEX MJ
31/Mai	Vila Ramalho (Chue)*	RDS Uacari
01/Jun		
01/Jun	São Raimundo*	RESEX MJ
02/Jun		
03/Jun	Nova União	
04/Jun	Bauana	RDS Uacari
05/Jun		
06/Jun	Bom Jesus	
07/Jun		
08/Jun	Roque*	RESEX MJ
09/Jun		
11/Jun		
12/Jun	Nova Esperança	

13/Jun	Pupuaí* e Novo Horizonte	
14/Jun		
15/Jun	Gumo do Facão	
19/Jun	Bacaba*	Área do Acordo de Pesca, externa à UC
20/Jun		
21/Jun	São João	
22/Jun	Concórdia	
23/Jun		
24/Jun	Lago Serrado*	
25/Jun		
Total:	22 comunidades entrevistadas	

* Comunidades em que foram realizadas as atividades do grupo focal.

A expedição com a equipe de campo da ASMAMJ e do Instituto Juruá (Foto 2) se estendeu por mais de um mês , entre Maio e Junho de 2022, passando de comunidade em comunidade para realização das entrevistas individuais. Já para as atividades de grupo focal, explicadas na próxima sessão “3. Metodologia”, designamos seis comunidades destacadas acima (*): Lago Serrado, Bacaba, Pupuaí, Roque, São Raimundo e Vila Ramalho, cujos temas das cadeias sensíveis ao gênero foram, respectivamente, pirarucu, açaí, mandioca, oleaginosas (andiroba e murumuru), seringa (borracha) e pescado.

Foto 2 - Equipe de campo participante da expedição a bordo no Hylea, em Maio e Junho de 2022.
Fonte: Fernanda Preto, 2022.

2.2 Conceitos abordados

Em princípio, é importante esclarecer minimamente o que esta pesquisa entende por "*Gênero*", "*Juventude*" e a relação entre "*Cadeias Produtivas*" e "*Cadeias de Valor*", como uma espécie de glossário que apresenta conceitos globalmente aceitos, bem como aqueles mais adequados à realidade da Amazônia brasileira, com fins propositivos para o cascateamento de ações no Território Médio Juruá.

2.2.1 Gênero e Juventude

O conceito de gênero vem de uma construção social, que muda com o tempo, o local e o contexto para a atribuição dos papéis, comportamentos e atitudes designados para homens, mulheres, meninas e meninos. Assim, diferentemente do sexo, que significa o biológico, o gênero representa todo o acúmulo de processos sociais e culturais que são transferidos em um dado tempo e espaço aos homens e às mulheres.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), entende-se que o conceito de 'Gênero' reporta-se a:

> "papéis, comportamentos, atividades e atributos que uma dada sociedade em um dado momento considera apropriado para homens e mulheres [e as relações entre meninas e meninos, mulheres e homens]. Estes atributos, oportunidades e relações são socialmente construídas e são aprendidas por meio de processos de socialização. Elas são específicas a um contexto e a um tempo, bem como são mutáveis. O gênero determina o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher ou

> em um homem em um determinado contexto (...).” (Organização das Nações Unidas no Brasil, 2016)

Deste modo, afirmamos de antemão que gênero não é sinônimo de mulher, mas para alcançarmos a equidade de gênero, há que se debruçar em um trabalho sério e comprometido, de curto, médio e longo prazo, que valorize a mulher em todas as instâncias da vida social, assim como afirma a ASMAMJ em seu Planejamento Estratégico do biênio 2022-24: “Mais voz e mais vez para as mulheres”.[5]

Para que a abordagem de gênero seja plenamente contemplada, é importante trazer um olhar interseccional, que envolva questões geracionais, etárias, étnicas, raciais, econômicas, territoriais e outras relevantes à análise sociocultural.

Assim, ao encomendar o diagnóstico, a ASMAMJ levantou outro tema latente do território, que necessita ganhar força e reconhecimento para impactos significativos - a Juventude.

No Médio Juruá observamos a força deste grupo representativo advinda de um processo histórico do MEB (Movimento de Educação de Base), somado ao projeto educativo Jovens Protagonistas do ICMBio[6], que deixaram seus legados, reverberando na geração atual como bases fundamentais a serem levadas em conta nas diretrizes de novas ações. Esses jovens devem ser encarados como agentes capazes de protagonizar aspectos econômicos, políticos, ambientais e socioculturais relacionados ao território em que vivem.

Mas o que é ser jovem na Amazônia, afinal? Embora "juventude" seja um conceito atrelado à idade como ideia central, sabemos que essa é uma categoria fluida, que muda de contexto para contexto, e que a experiência de ser jovem supera a questão etária.

No Brasil, temos um importante documento que rege sobre isso, chamado ‘Estatuto da Juventude’. Este regulamento aponta que: "*(...) são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade*" (Senado Federal, 2013, p. 26). Já a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) considera criança, “a pessoa até doze (12) anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze (12) e dezoito (18) anos de idade”.

Para as Nações Unidas (ONU), o conceito de Juventude diz sobre: "*a faixa etária que abrange pessoas entre os 15 e os 24 anos de idade. No entanto, sabemos que a experiência de ser jovem pode variar enormemente em todo o mundo, e que, muitas vezes, (...) essa definição é flexível e pode variar entre países e regiões.*" (UNESCO,

---

[5] Documento interno da ASMAMJ, em forma de planilha, utilizado para o planejamento do biênio 2022 a 2024 da associação. Acesso via e-mail: <asmamj.mulheres@gmail.com>.

[6] Projeto Intercambiando: Caderno do educador jovem. Educação Ambiental e Protagonismo Jovem no Médio Juruá. Disponível em: <https://wwfbr.awsassets.panda.org/downloads/intercambiando_cad_educador_interativo_2.pdf>, acesso em Set 2022. WWF-Brasil, ICMBio, Coca-Cola Brasil e Instituto Coca-Cola Brasil. Brasília, Abril de 2016.

acesso em 2022)[7]. Assim, nota-se que a ONU também traz a faixa etária como elemento definidor da 'Juventude', mas acrescenta a importante reflexão sobre os diferentes contextos, espaços geográficos, culturas e pontos de vista.

A partir dessas definições, extrapolamos o entendimento de que a condição juvenil é dada somente por um dado período do ciclo biológico da vida, acrescentando-se, portanto, as circunstâncias sociais, o momento histórico, a conjuntura regional e o contexto cultural. Isso nos leva a crer que a juventude não pode mais ser compreendida como apenas uma fase de preparação para a vida adulta, embora envolva processos fundamentais de formação e experimentação. Ela corresponde a uma etapa de profundas definições de identidade nas esferas pessoal e social.

Para compreender melhor este cenário no Território Médio Juruá, levamos alguns questionamentos a diferentes perfis de moradores que passaram sua juventude na zona rural, em um processo de escuta ativa. Sintetizando seus depoimentos, observamos que:

- Para Fernando da Costa, de 20 anos, da comunidade Lago Serrado (área do Acordo de Pesca), ser jovem é "*ter vontade de descobrir as coisas e levar nossa voz mais longe*", ainda que sejam poucas as oportunidades. Ele declara que, só pelo fato de serem jovens, "*não querem acreditar em nosso potencial. Somos discriminados, principalmente pelos mais velhos, que não [nos] acham capazes. O que queremos é só oportunidade para evoluir cada vez mais*". Ao perguntar como ele se sente no contexto rural do Médio Juruá, Fernando responde: "*de uma forma meio importante, até porque a juventude que tem que dar continuidade em todo trabalho que já foi conquistado, para que não pare essa mobilização de mostrar que somos capazes de fazer aquilo que achamos certo para o futuro de toda geração amazônica*" (Fernando da Costa, 2022).

- Já para Fabrício Carvalho da Costa, de 20 anos, da comunidade do Roque (RESEX Médio Juruá), "*ser jovem é uma etapa da vida que nos exige mudança e responsabilidade*." Ele cita que esta é uma fase que requer preparação do psicológico, boa educação, disciplina, apoio e cuidado, especialmente porque muitos "*são excluídos por terem personalidade forte e complicada*", havendo desconfiança, indiferença, falta de compreensão, apoio e respeito. Por outro lado, no contexto cultural em que vive, Fabrício revela que há muitas oportunidades para "*ser um jovem protagonista da sua própria história, com grupos que são criados para fortalecer esse elo no Médio Juruá, (...) recebendo*

[7] UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Juventude no Brasil. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/expertise/youth-brasil#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20definem%20%E2%80%9Cjuventude,uma%20categoria%20fluida%20e%20mut%C3%A1vel.>, acesso em Ago 2022.

apoio para progredir e ser um jovem com intelectualidade." (Fabrício Carvalho, 2022).

- Maria de Nazaré da Cunha Figueiredo, de 28 anos, da comunidade São Raimundo (RESEX Médio Juruá), revela que "*ser jovem é conseguir absorver com mais facilidade a leveza da vida, por ser uma fase em que estamos totalmente abertos a possibilidades e descobrindo uma forma de construir uma caminhada. Me sinto como jovem, uma pessoa capaz de reconstruir os passos que foram dados no passado, olhando para o presente e futuro por uma sociedade mais justa e igualitária*" (Maria Cunha, 2022). Em resposta sobre como ela lida com a sua juventude no contexto onde está inserida, Maria disse passar por frequentes adaptações e explicou que veio de uma cultura na qual seguir a tradição dos pais e avós é fundamental para a convivência comunitária e familiar, entretanto, além de cada geração ter suas transformações, enquanto jovem precisa se inserir nas mudanças contextuais sem abandonar os princípios socioterritoriais e da família. A todo tempo, então, os jovens de São Raimundo lidam com as mudanças do mundo, que os afetam e tentam preservar aquilo que a história da comunidade construiu em sua caminhada.

Tendo em vista que Maria Cunha integra o coletivo 'Jovens Lutando pela Caminhada' (JLPC), que pensa e traz ações para a juventude local no contexto do Médio Juruá e da Amazônia Rural, ela ainda revelou na entrevista que:

> "Eu costumo dizer que o Médio Juruá é uma terra muito fértil; que toda semente plantada aqui, cresce e dá bons frutos, porque temos bons jardineiros. A juventude do médio Juruá foi uma dessas sementes. Jovens que se tornaram grandes líderes e foram sementes cultivadas por pessoas que acreditaram e acreditam na nossa capacidade como jovens da floresta. Cresci acompanhando as histórias das lutas para chegarmos onde estamos hoje, e muitas pessoas apostaram nessa juventude que está presenciando essas conquistas, para dar seguimentos a outras conquistas futuras. É aí que nos tornamos uma semente. E que já tem frutos incríveis ajudando no desenvolvimento da nossa região. Não nos consideramos jovens incapazes, ou limitados, por moramos em uma comunidade rural dentro de uma unidade de conservação no interior das amazonas; ao contrário, somos jovens ricos de conhecimentos tradicionais, que estamos fortalecendo no decorrer de nossa caminhada, e moramos nessa riqueza natural que é nossa biodiversidade. Somos jovens que veem aqui dentro da floresta, a oportunidade de fazer a nossa geração ser vista como a geração do futuro. Com mais sustentabilidade, amor pela natureza e principalmente, sermos grandes líderes para dar seguimento a história das nossas instituições locais que lutam pela nossa região. Acho que aí está nosso diferencial". (Maria Cunha, 2022).

Recentemente Raimundo Cunha, liderança jovem na região, também integrante do JLPC, presidente da AMECSARA e membro da ReLLAC-J (Rede de Jovens Líderes em

Áreas Protegidas e Conservadas da América Latina e Caribe), prestou entrevista ao Instituto Juruá, na ocasião de sua participação no X Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA). Em sua fala ele revela que "*A juventude é o presente que precisa ser trabalhada, precisa ser capacitada para que futuramente elas possam assumir, principalmente aqui no Médio Juruá, assumir as instituições locais, assumir a gestão das unidades de conservação para que a história do Médio Juruá tenha uma continuidade, uma continuidade melhor, mais bonita do que a gente tem hoje*", completa Raimundo[8].

Logo, dialogando com esses e outros moradores do território, a percepção que fica é que, embora existam muitos desafios, falta de oportunidades e desconfiança por parte dos mais velhos, a juventude rural carauariense do Médio Juruá tem um sentimento de pertencimento forte e enraizado, face às históricas conquistas deixadas pelas gerações anteriores, que, segundo eles, merecem ser perpetuadas e levadas a sério, em uma conjuntura de mudanças sociais que leva em conta o passado, o presente e o futuro.

Assim, tendo em vista os contextos intergeracionais e interseccionais apresentados, o diagnóstico em tela buscou ouvir as vozes de diversas pessoas do Território Médio Juruá para a leitura da realidade social sobre as questões de gênero e da juventude.

Além das lentes focais para estes dois temas, a pesquisa também traz um recorte sobre o relacionamento desses grupos com o trabalho e as cadeias produtivas da região, por se tratarem das principais atividades econômicas rurais que, não apenas geram renda, como também mantém a cultura ribeirinha associada às práticas cotidianas de proteção do meio ambiente.

2.2.2 Cadeias Produtivas e Cadeias de Valor

As cadeias de valor configuram um sistema de mercado caracterizado por etapas produtivas interconectadas, que vão desde a concepção ao consumo, e que envolve um agenciamento qualificado de pessoas e organizações dispostas a colaborar em diversos níveis. Tal entendimento do conceito toma como referência o conteúdo transmitido pela GIZ Brasil, através do curso "*Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero*"[9], oferecido em Abril de 2022, que contou com a participação da ASMAMJ, do IJ e de outros representantes do Território Médio Juruá.

Tomando como base este material didático e as aulas ministradas, anota-se na Tabela 2 o seguinte quadro comparativo entre uma cadeia de valor e uma cadeia produtiva.

[8] Disponível em: <https://institutojurua.org.br/instituto-jurua-apoia-ida-de-lideranca-jovem-ao-x-forum-social-pan-amazonico/>, acesso em Out 2022.

[9] O curso foi promovido pelos projetos Cosméticos Sustentáveis da Amazônia e Bioeconomia e Cadeias de Valor. Este último é desenvolvido no âmbito da parceria entre o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e a Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável, por meio da GIZ, com recursos do BMZ e com apoio do consórcio Eco-Consult/Conexsus. Os participantes do território foram: o Memorial Chico Mendes, a ASMAMJ, a CODAEMJ, o IJ e o Fundo Médio Juruá.

Tabela 2: Principais diferenças entre uma cadeia produtiva e uma cadeia de valor.

Cadeia Produtiva	Cadeia de Valor
Custo; Preço	Valor; Qualidade
Produto básico	Produto direcionado
Oferta	Demanda
Independência	Interdependência
Fluxo curto	Fluxo extensivo
Competitividade da empresa	Competitividade da cadeia

Fonte: adaptada do material didático da GIZ Brasil (https://www.giz.de/en/html/index.html).

Percebe-se, então, que diferentemente de uma cadeia produtiva, em que os níveis de participação são mais básicos, menos complexos e valorados, nas cadeias de valor, o arranjo de atores envolvidos compactua com acordos variados para que se possa extrair uma visão estratégica comum a todos. O fluxo de informação é extensivo, pois requer *inputs*, *feedbacks* e constantes interações de interdependência com o mercado e os serviços de apoio, além de treinamentos e capacitações aos atores para que se possa obter um produto cada vez mais direcionado àquilo que o consumidor e o produtor desejam mutuamente.

O ambiente institucional e o segmento de atores envolvidos em uma cadeia de valor é observado em diferentes níveis de engajamento. Em um primeiro nível, de forma direta e embrionária, dispõe-se do segmento de operadores primários da cadeia, tais como: indivíduo, família, comunidade, associação, cooperativa e empresa. Em um segundo nível, configuram-se os prestadores de serviços dos elos da cadeia, dispostos entre os serviços de apoio (ATER, ONGs/OSCs, bancos, organizações de fundos provedores, sindicatos, sistema S, universidades, institutos de pesquisa, etc.) e os serviços operacionais (logística, transportadora, certificadora, consultoria, marketing, etc.). E em um terceiro nível, observam-se as instituições reguladoras, tais como o ICMBio, IDAM, SEMA-AM, SIM e outras.

Em uma cadeia de valor cujo enfoque de gênero é tomado como princípio, também se faz necessário articular arranjos institucionais com serviços de apoio, órgãos

públicos e privados, que possam aliviar o trabalho doméstico e de cuidados familiares especialmente das mulheres, que historicamente são as responsáveis por desempenhar esses papéis, tais como: escolas, creches, serviços recreativos às crianças, apoio à maternagem, alimentação, terapia, assistência psicossocial, entre outros. O mesmo se recomenda para jovens, através da articulação de um arranjo institucional capaz de promover educação, suporte e autonomia a esses grupos.

Tendo em vista que tais arranjos institucionais e os atributos de *Cadeias de Valor* citados na Tabela 3 ajudam a qualificar as cadeias da bioeconomia local para maior agregação de valor e bem-estar social, propõe-se incorporar ativamente esses arranjos e atributos aos empreendimentos e cadeias produtivas da região, a fim de trazer melhores perspectivas de gênero e da juventude no mercado de trabalho. Nota-se, entretanto, que, como esse é um processo em andamento, usaremos aqui o termo *Cadeias Produtivas,* salvo o caso do manejo do Pirarucu, que atualmente se encontra no arcabouço prático e teórico de uma cadeia de valor.

Importante notar que, embora se deseje qualificar as cadeias produtivas locais com as lentes de gênero e da juventude, este material de pesquisa também propõe um olhar diferenciado para o que se entende por "trabalho produtivo e reprodutivo", valorizando as atividades essenciais à perpetuação da vida, comumente realizadas por mulheres. Aprofundaremos sobre isso na sessão do diagnóstico: "Gênero, Trabalho e as Cadeias Produtivas", com o aporte bibliográfico da economia feminista, sobre as camadas da pesquisa analítica em tela.

3. METODOLOGIA

3.1 Diagnósticos

Os diagnósticos de gênero e da juventude deste projeto fundamentam-se em entrevistas individuais semi-estruturadas, sendo que para o estudo de gênero propõe-se um método complementar, baseado em oficinas com grupos focais.

As perguntas que compõem as entrevistas foram elaboradas com base em uma série de reuniões com lideranças e moradores do território a fim de consolidar as demandas em relação a assuntos que deveriam ser abordados. Além disso, tanto as perguntas quanto métodos e abordagem foram validados com a liderança da ASMAMJ antes do início da condução do trabalho de campo.

As entrevistas individuais foram aplicadas por seis jovens residentes das comunidades (Foto 3). Esses jovens foram treinados em campo pela equipe técnica que elaborou a entrevista, realizando testes entre si e com os outros tripulantes do barco. Os testes permitiram ajustes na abordagem dos entrevistados e das palavras utilizadas nas perguntas.

Foto 3 - Equipe da ASMAMJ em campo para entrevistas de gênero e juventude no Médio Juruá.
Fonte: Sayori Minato, 2022.

3.1.1 Diagnóstico de Gênero com enfoque nas Cadeias Produtivas

Desenho amostral:

Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas em 22 comunidades, com **310 adultos(as)**, sendo **202 mulheres** e **108 homens**, todos compreendidos na faixa etária acima da maioridade legal, ou seja, acima dos 18 anos.

A aplicação da entrevista (ANEXO A) teve como recurso o uso de tablet com o aplicativo *FastField* para coleta e extração de dados, que podem ser visualizados na íntegra pelo ANEXO C - Planilha de Dados: Gênero.

As atividades realizadas para o diagnóstico de gênero contemplam ainda a técnica qualitativa de grupo focal, através da ferramenta "*Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero*", a ser explicada adiante. Sua aplicação se deu por meio de oficinas participativas em seis (6) comunidades do médio Juruá, com o objetivo de identificar as presenças e os papéis de cada segmento de atores - homens e mulheres - nas sete cadeias produtivas de maior relevância econômica da região.

Ambos os métodos - entrevistas individuais semi-estruturadas e de grupo focal - são fundamentados em percepções qualitativas, aptas a gerarem análises quantitativas dos dados coletados.

Conteúdo abordado na ferramenta de grupo focal:

Seguindo a cartilha da ferramenta *Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero*[10], busca-se capturar uma imagem global sobre as principais cadeias abordadas no diagnóstico com o enfoque da temática de gênero.

As cadeias trabalhadas nesta dinâmica são: murumuru, andiroba, açaí, pirarucu de manejo, pescado, seringa e roçado da mandioca.

Adiante lista-se a programação elaborada junto à ASMAMJ para realização das oficinas que levam em conta a ferramenta, como explicitado na Tabela 3.

[10] A ferramenta *`Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero` é* apresentada no conjunto de material didático do "Programa de capacitação em gestão para técnicos de ATER - Programa CapGestão", implementado através do projeto Mercados Verdes e Consumo Sustentável. O Projeto é promovido pelo Governo Federal da Alemanha, por meio da *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit* (GIZ) GmbH, com o apoio do consórcio ECO *Consult Sepp & Busacker Oartnerschaft* e IPAM Amazônia, em colaboração técnica com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) do Brasil. (Disponível em: <https://www.programacap.org.br/material/caixa-de-ferramentas-de-genero-em-cadeias-de-valor-2019/>, acesso em Agosto de 2022).

Tabela 3: Cadeias produtivas por grupo focal aplicado em cada comunidade.

Comunidades	Cadeias
Vila Ramalho (Chue)	Pescado
São Raimundo	Seringa
Roque	Andiroba e Murumuru
Pupuaí	Mandioca
Lago Serrado	Pirarucu de manejo
Bacaba	Açaí

A escolha das comunidades para realização dos grupos focais atendeu a indicação de atores locais que conhecem o território e as cadeias trabalhadas.

Questões logísticas, como o período mais espaçado de tempo em que a expedição permaneceu nessas comunidades, também influenciaram a escolha, visto que foi utilizado o turno da noite para a execução das oficinas.

Os principais conteúdos exercitados em cada oficina foram:

- configuração da cadeia produtiva e o segmento de atores envolvidos;
- identificação da participação feminina e masculina em cada elo da cadeia;
- identificação dos serviços de apoio, operacionais e instituições reguladoras; e
- identificação de oportunidades e restrições nas etapas de trabalho, relacionadas ao gênero.

Mais esclarecimentos sobre as oficinas são feitos adiante, no subcapítulo 4.2 OFICINAS: Mapeamento de Cadeias de Valor Sensíveis ao Gênero

Encaminhamentos:

Uma vez realizadas as etapas de coleta, sistematização e análise dos dados, o presente documento (relatório técnico) subsidiará outros materiais, como cartilha educativa, episódio de podcast e conteúdo audiovisual para redes sociais, além de apresentações a parceiros e devolutivas no território. Todo este material

proporciona a condução de trocas de saberes e reflexões para o planejamento estratégico da ASMAMJ, que intenciona trazer ações estruturantes de equidade de gênero no Médio Juruá.

3.2 Análises

Utilizamos os pacotes tidyverse versão 1.3.2[11] para a manipulação dos dados e os pacotes ggplot2 versão 3.3.6[12], ggalluvial versão 0.12.3[13], wordcloud versão 2.6[14], patchwork versão 1.1.2[15], Likert versão 1.3.5[16] e RColorBrewer versão 1.1-3[17] para a visualização dos dados no programa R versão 4.12.1[18].

Para as análises de comparação do uso do dinheiro e participação em reuniões comunitárias por gênero, testamos a normalidade dos dados com o pacote onewaytests versão 2.6[19]. Como os dados não possuíam uma distribuição normal, utilizamos o teste de Kruskal-wallys que faz uma análise não paramétrica para testar se há diferença significativa entre grupos. Para a visualização do uso do tempo, como mais mulheres e meninas foram entrevistadas, excluímos randomicamente algumas entrevistas para igualar o número de entrevistados(as) por gênero, tanto de jovens como de adultos.

[11] Wickham, Hadley. "The tidyverse." R package ver 1.1 (2017).

[12] Wickham, Hadley, Winston Chang, and Maintainer Hadley Wickham. "Package 'ggplot2'." Create elegant data visualisations using the grammar of graphics. Version 2.1 (2016): 1-189.

[13] Brunson, Jason Cory. "Package 'ggalluvial'." The Comprehensive R Archive Network (CRAN) (2018).

[14] Fellows, Ian, et al. "Package 'wordcloud'." R package version 2 (2018): 331.

[15] Pedersen, Thomas Lin. "Package 'patchwork'." R package http://CRAN. R-project. org/package= patchwork. Cran (2019).

[16] Bryer, Jason, Kimberly Speerschneider, and Maintainer Jason Bryer. "Package 'Likert'." Likert: Analysis and Visualization Likert Items (1.3. 5)[Computer software]. Available online at: https://CRAN. R-project. org/package= Likert (accessed December 31, 2016) (2016).

[17] Neuwirth, Erich, and Maintainer Erich Neuwirth. "Package 'RColorBrewer'." ColorBrewer Palettes (2014).

[18] R Core Team (2021). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.

[19] Dag, Osman, et al. "Package 'onewaytests'." (2019)

3.1.2 Diagnóstico da Juventude com enfoque nas Cadeias Produtivas

Desenho amostral:

Entrevistas individuais semi-estruturadas realizadas manualmente (em papel) em 22 comunidades, com **133 jovens adolescentes e pré-adolescentes** compreendidos na faixa etária, de 12 a 18 anos.

Nota-se que antes de iniciar as entrevistas com a juventude, os entrevistadores escalados pela ASMAMJ contaram com a adoção de protocolo próprio para os cuidados com este público. A orientação era que houvesse um diálogo prévio com as lideranças e outros representantes das comunidades que indicassem a situação familiar e de trabalho de cada jovem adolescente ou pré-adolescente entrevistado - por exemplo: se tem ou não filho; casado(a) ou não; se já saiu da casa dos pais; se já possui responsabilidades mais sólidas com o trabalho; etc. Todas essas questões foram pontuadas com um asterisco (*) na entrevista (ANEXO B) como alerta para a comunicação empática. Uma vez ciente e compreendida a conjuntura de cada sujeito, as questões relacionadas aos tópicos sensíveis à faixa etária foram aplicáveis ou não.

A construção de ambas as entrevistas (gênero e juventude) foram baseadas das demandas indicadas pela ASMAMJ, a partir das quais formulamos questões diretas fechadas e abertas relativas a **perfil socioeconômico, participação nas cadeias produtivas, uso do tempo, autonomia financeira e na tomada de decisão, e sonhos e preocupações** das entrevistadas e entrevistados. Utilizamos, ainda, a escala de resposta psicométrica Likert[20,21], com o intuito de acessar a percepção das entrevistadas e entrevistados quanto a qualidade de vida na comunidade, ao acesso a serviços de saúde e educação, seus valores relativos a gênero e os estereótipos imbuídos em sua prática e imaginário, além de seu posicionamento diante de pautas feministas e do trabalho da ASMAMJ no território.

Encaminhamentos:

Uma vez realizadas as etapas de coleta, sistematização e análise dos dados, o presente documento (relatório técnico) subsidiará outros materiais que poderão engajar as trocas de saberes e as ações estruturantes relacionadas à juventude no território Médio Juruá.

[20] Aqui, utilizamos a escala de 1 a 5, em que 1- discordo completamente, 2-discordo, 3 - não concordo nem discordo, 4 - concordo, 5 - concordo completamente

[21] Joshi, A., Kale, S., Chandel, S., & Pal, D. K. (2015). Likert scale: Explored and explained. British journal of applied science & technology, 7(4), 396.

4. RELATORIA

4.1 DIAGNÓSTICO DE GÊNERO

4.1.1 Contexto Socioeconômico

Este tópico analisa as perspectivas de gênero ante a um contexto socioeconômico do Território Médio Juruá, o público entrevistado, sua faixa etária, grupos raciais, relacionamento familiar, mobilidade, escolaridade e outros fatores.

Ademais, aprofundamos a sessão em tela, caracterizando o contexto da economia rural local, ou seja, do trabalho remunerado, trabalho doméstico e de cuidados, e as cadeias de valor da região, a fim de fornecer subsídios para uma agenda política e propositiva de empoderamento feminino e fortalecimento das cadeias sensíveis ao gênero.

Utilizaremos as cores lilás [ ] e verde clara [ ] para nos referimos a mulheres e homens, respectivamente. No total, foram **310 adultos(as)** entrevistados(as), das quais 202 são mulheres e 108 são homens. Visto termos uma amostragem maior para o grupo de mulheres, procuramos avaliar as respostas em termos de porcentagem para permitir comparações entre mulheres e homens.

As abordagens de gênero devem ser analisadas sob as lentes transversais e interseccionais[22], considerando fatores que geralmente estão subordinados a políticas equivocadas e ações de opressão que tangem à vulnerabilidade das populações, o que nos faz chegar aos dados relativos à raça e cor.

Assim, sobre a **questão racial**, temos a conjuntura do público entrevistado como apresentado na Figura 3.

[22] Interseccionalidade é "(...) uma associação de sistemas múltiplos de subordinação, sendo descrita de várias formas (...) [para] capturar as consequências estruturais de dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação." (CRENSHAW, K., 2002 apud SANTANA FILHO, FERREIRA e GOES, p.9, 2000).

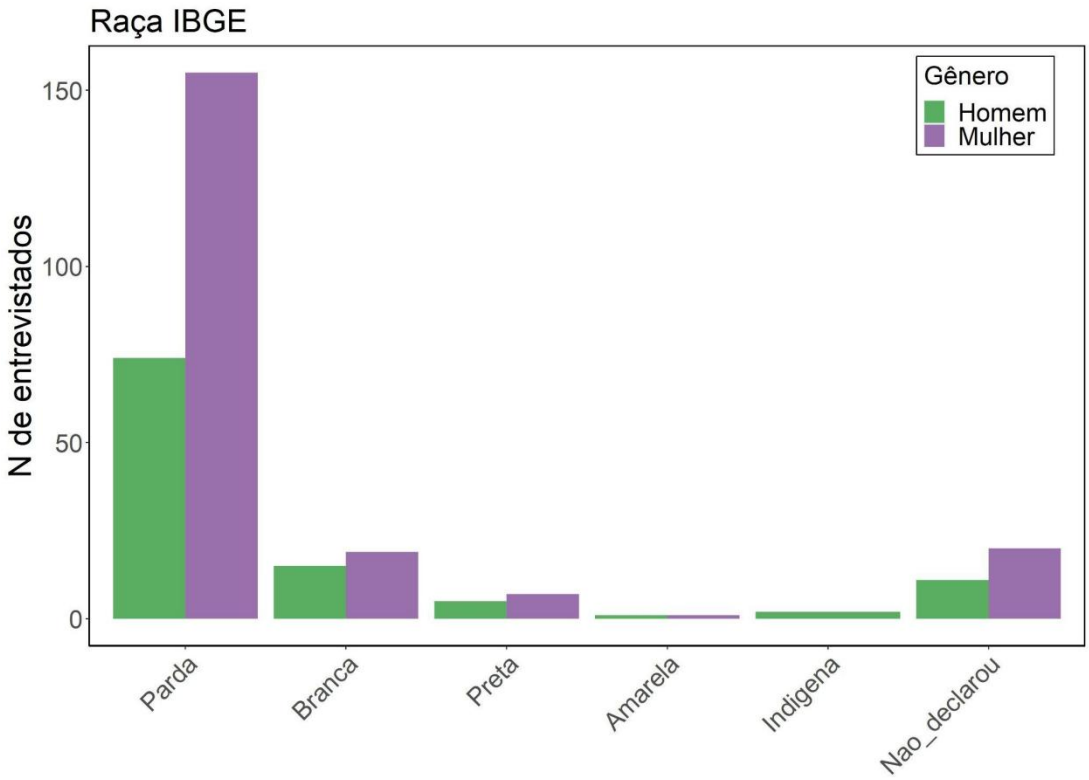


Figura 3: Autodeclaração de cor/raça de acordo com as categorias do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

As categorias de cor e raça foram baseadas na série histórica de classificações consolidada pelo IBGE, atualmente composta por um quadro de pessoas: *pardas, brancas, pretas, amarelas* ou *indígenas*. Não obstante, no Brasil vários são os fatores que incidem sobre a identidade racial, tal como origem territorial, cor da pele, classe social, tradições culturais, heranças e ancestralidades[23].

Segundo Marta Antunes e Gustavo Junger[24], da Gerência Técnica do Censo Demográfico do IBGE, as pesquisas do instituto brasileiro trazem o quesito fechado na autodeclaração racial, isto é, cujas respostas são objetivamente pré-definidas na entrevista. Ao se experimentar um teste com o quesito aberto, mais de 300 opções surgiram no país, das quais eles destacam: "No Rio de Janeiro, tivemos definições como branca, clara, morena, escura, misturada... muitas!" (...) Já no Maranhão, usaram-se termos como açaí e jambo", complementa Junger. No médio Juruá (Foto 4), 24 entrevistados (16 mulheres e 8 homens) disseram não se identificar com a

[23] Leonardo Athias, pesquisador da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE é o responsável pelo tema das identidades raciais. Ele cita que "pelos dados da Pcerp [Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População], vários fatores influenciam a autoclassificação. Cor da pele, ancestralidade, origem e até a classe social" (IBGE. Revista Retratos, N.11. Maio de 2018, p.17).

[24] IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. RETRATOS: a revista do IBGE, N.11. Maio de 2018, p.17.

classificação de cor e raça padrão do IBGE. Esses 24 marcaram a opção parda no quesito fechado, mas na questão aberta não se enquadram satisfatoriamente com a categoria pré-determinada, se autodeclarando principalmente como cor/raça "morena".

Foto 4 - Diversidade étnica e racial dos povos do Médio Juruá.
Fonte: acervo Instituto Juruá, Bernardo Oliveira, Sayori Minato e Adriano Gambarini / OPAN (Operação Amazônia Nativa).

Já na questão fechada, 74% dos entrevistados (77% mulheres e 68% homens) se dizem pardos, sendo esta uma das categorias mais questionadas nos censos estatísticos oficiais, dada a diversidade étnica-identitária deste amplo grupo, como por exemplo, a classe cabocla, comum à população amazônica.

Vale lembrar que as análises de cor ou raça, idade, gênero e outros fatores não se esgotam neste relatório, podendo diversas outras perspectivas serem reveladas, a partir da base de dados elaborada pelo Instituto Juruá e o cruzamento com outras informações, tais como do IBGE e demais censos e pesquisas realizados na região. Pode-se pensar, por exemplo, em análises relacionadas à cor/raça e a idade do primeiro filho, entre homens e mulheres; cor/raça e a renda familiar; cor/raça e o território habitado; cor/raça e os sonhos de vida nas comunidades ribeirinhas; etc.

A **faixa etária** dos grupos entrevistados, está demonstrada na Figura 4.

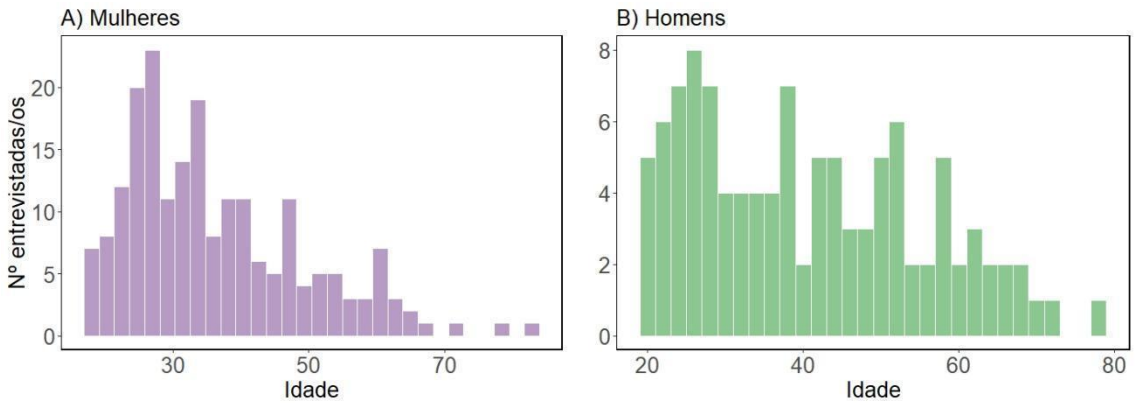


Figura 4: Distribuição de idade dos entrevistados.

Desta forma, observamos a faixa etária conforme destacado na Tabela 4

Tabela 4: Distribuição por grupos etários dos entrevistados.

Mulheres	Homens
de 18 a 24 anos de idade: 17%	de 18 a 24 anos de idade: 13%
de 25 a 35 anos de idade: 40%	de 25 a 35 anos de idade: 29%
de 36 a 50 anos de idade: 27%	de 36 a 50 anos de idade: 29%
de 51 a 65 anos de idade: 14%	de 51 a 65 anos de idade: 23%
acima de 66 anos de idade: 2%	acima de 66 anos de idade: 6%

Entre as mulheres, o grupo mais expressivo das entrevistadas é de 40% entre 25 e 35 anos, sendo a idade média de todas elas 36 anos; enquanto que a maioria expressiva dos homens é uma equivalência das faixas entre 25 a 35 e entre 35 e 50 anos de idade, ambas com 29%, sendo a idade média masculina de 41 anos. A menor parcela etária para os dois grupos situa-se na faixa acima dos 66 anos de idade.

Fazendo um comparativo analítico da idade das mulheres e homens com suas situações conjugais e familiares, percebe-se o cenário apresentado na Tabela 5.

Tabela 5: Situação etária, conjugal, de filhos, e de intenção de continuar na comunidade, entre os entrevistados.

Categoria	Mulheres	Homens
Idade (média)	36 anos	41 anos

Idade (intervalo)	18 a 83 anos	20 a 78 anos
Tempo vivendo na comunidade (média)	21 anos	24.5 anos
Intenção de deixar a comunidade	10 entrevistadas	5 entrevistados
Idade ao casar (média)	18 anos	23.5 anos
Idade ao casar/viver com companheiro(a) (intervalo)	12 a 57 anos	12 a 48 anos
Com Filhos	94% das entrevistadas	92% dos entrevistados
Idade ao ter primeiro filho (média)	18 anos	23 anos
Idade ao ter primeiro filho (intervalo)	12 a 30 anos	15 a 44 anos
Número de filhos (média)	4 (4.1) filhos	4 (3.6) filhos
Número de filhos (intervalo)	0 a 22 filhos	0 a 19 filhos
Filhos de 0 a 5 anos	89 entrevistadas (44%)	47 entrevistados (43%)
Filhos de 6 a 10	90 entrevistadas (44%)	39 entrevistados (36%)
Filhos de 11 a 18	99 entrevistadas (49%)	40 entrevistados (37%)
Filhos maiores de 18	73 entrevistadas (36%)	37 entrevistados (34%)

Nos chama a atenção na Tabela 5 a parcela expressiva de pessoas que desejam permanecer nas comunidades rurais do Juruá, o que pode representar satisfação quanto ao meio habitado e o sentimento de pertencimento ao território, reforçado pelas perguntas sobre as percepções dos entrevistados no diferentes aspectos da vida na comunidade, discutido mais abaixo. Apenas 15 (10 mulheres, 5 homens) dos 310 entrevistados disseram ter vontade de deixar a comunidade. Os principais motivos, em ordem decrescente de número de citações, são: a busca por oportunidades (estudo/trabalho); o acesso a serviços de saúde; a insatisfação com

organização ou regras da comunidade; o acompanhamento de membros da família; a quantidade de insetos e; a dificuldade de acesso a alimentos na comunidade.

Um fator de destaque da Tabela 5 é o intervalo da idade das pessoas ao se tornarem mães e pais pela primeira vez. Observamos que entre as mulheres/meninas, a idade mínima é de 12 anos, enquanto que a figura paterna aparece a partir dos 15 anos (Figura 5). Já a idade máxima para mulheres é de 30 anos, enquanto que, de modo discrepante, alguns homens ainda têm a sua vida reprodutiva até os 44 anos de idade.

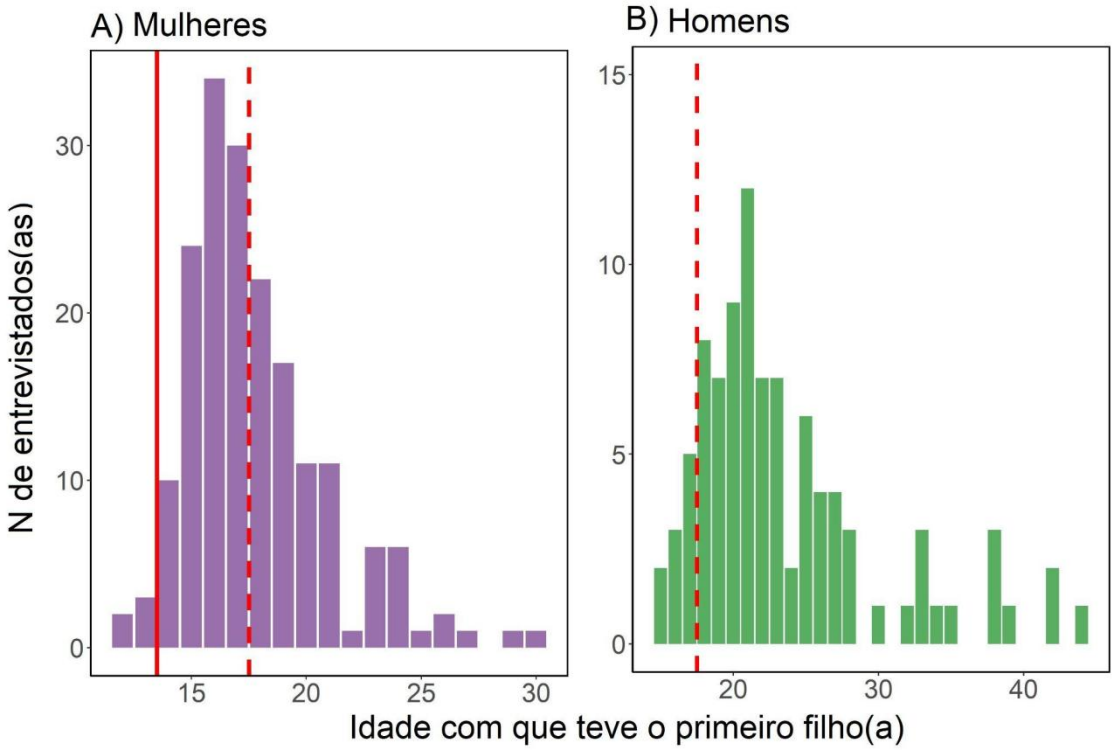


Figura 5: Idade com que teve o(a) primeiro(a) filho(a). As linhas vermelhas contínua e tracejada indicam, respectivamente, idades de 14 (somente as mulheres tiveram filhos antes dos 14 anos) e 18 anos.

A informação da maternidade/paternidade abaixo dos 18 anos de idade e da gravidez precoce de meninas com 12 anos alerta para dispositivos jurídicos no Brasil que dispõem de marcos legais a respeito da iniciação sexual. Segundo a Lei dos Crimes contra a Dignidade Sexual – Lei 12015/2009, art. 217:

> "O crime de estupro de vulnerável se configura com a conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos, sendo irrelevante eventual consentimento da vítima para a prática do ato, sua experiência

> sexual anterior ou existência de relacionamento amoroso com o agente."[25]

A lei que tipifica o crime como “estupro de vulnerável” se apresenta com o objetivo de proteção à criança e ao adolescente, e embora este seja um mecanismo questionável para alguns estudiosos que entendem o Estado como detentor do poder das decisões que deveriam ser inerentes à autonomia dos jovens e seus tutores familiares, há um entendimento que o início precoce da vida sexual aumenta a chances de problemas de saúde e psicossociais. Segundo as autoras Furtado da Costa, Taquette, de Moraes, da Matta Souza e Moura (2020), em artigo publicado aos Cadernos de Saúde Pública[26]:

> “A literatura científica apresenta diferentes concepções do que se considera uma iniciação sexual precoce, nem sempre similar ao marco legal brasileiro. Não existe consenso sobre a partir de que idade é recomendado o início da atividade sexual. (...) diversos autores têm apontado que quanto menor a idade da iniciação sexual, maior a probabilidade de infecções sexualmente transmissíveis (IST), HIV e aids; gravidez não planejada na adolescência; mortalidade materna e câncer de colo de útero. Demais consequências são de cunho psicossocial, como o consumo abusivo de álcool e drogas, abandono e atraso escolar, entre outras. (...)” (2020, p. 2)

Os resultados demonstrados aqui em relação à gravidez na adolescência são reflexo do que parece ser um padrão no país: o relatório "Situação da População Mundial” de 2021 produzido pela UNFPA (Fundo de Populações das Nações Unidas), mostrou que a fecundidade mundial entre adolescentes é de 41 grávidas a cada mil, enquanto no Brasil são 53 a cada mil. O que agrava esse cenário são as implicações relacionadas a uma gravidez não intencional na adolescência:

> “As consequências mais gerais da gravidez não intencional na adolescência, especialmente em contextos de políticas públicas pouco abrangentes, costumam incluir a interrupção ou o abandono escolar, o atraso ou a inserção não qualificada no mundo do trabalho e uma continuidade do ciclo intergeracional de pobreza e desigualdade. Meninas de famílias com menos renda, com os níveis mais baixos de escolaridade, e de comunidades indígenas e afrodescendentes, são

[25] JUS. Estupro de vulnerável menor de 14 anos: presunção absoluta ou relativa? Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/41151/estupro-de-vulneravel-menor-de-14-anos-presuncao-absoluta-ou-relativa>, publicado em 30 Jul 2015, por Cleber Couto, acesso em Ago 2022.

[26] Cadernos de Saúde Pública. Furtado da Costa, Taquette, de Moraes, da Matta Souza e Moura. Contradições acerca da violência sexual na percepção de adolescentes e sua desconexão da lei que tipifica o “estupro de vulnerável”. 2020, 36(11):e00218019, p. 2 e 9.

> desproporcionalmente afetadas pela gravidez precoce. [...] a solução passa pela oferta de informações precisas e acessíveis, pelo acesso a meios de se prevenir e a uma educação em sexualidade adequada a cada caixa etária"[27]

Esse debate se faz extremamente relevante, uma vez que é necessário traçar estratégias eficientes de proteção às crianças e adolescentes diante de qualquer tipo de violência. Entretanto, nosso objetivo não é o estabelecimento de "normas" ou a sugestão de que exista uma idade universalmente ideal para a iniciação sexual. Ao contrário, entendendo que o início da vida sexual é uma escolha pessoal (exceto em casos de opressão e violência), é importante consolidar a educação em sexualidade, em interdisciplinaridade com as pastas de educação básica, justiça e saúde pública, preparando criticamente meninas, meninos e jovens para essa decisão importante e para que sejam capazes de reconhecer os diferentes graus de opressão e violência sexual.

Há de se notar ainda que 68% das mulheres e 59% dos homens participantes da pesquisa no Médio Juruá revelam poderem ter decidido sobre o nascimento de seus filhos e que 77% das mulheres e 74% dos homens têm acesso a métodos contraceptivos (Figura 6).

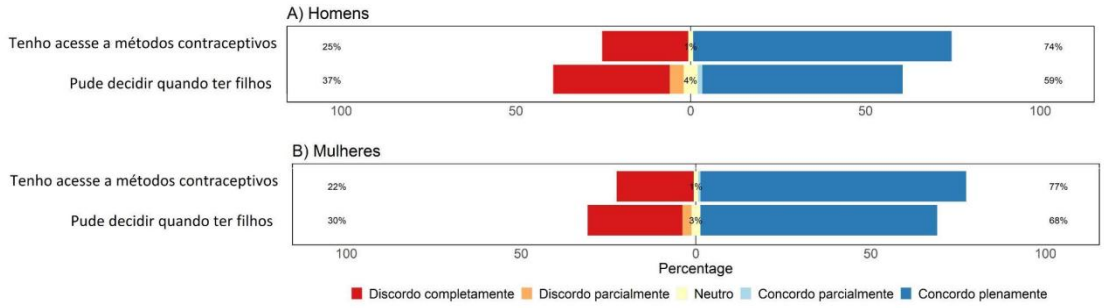


Figura 6: Escala Likert mostrando as percepções dos direitos reprodutivos por homens e mulheres.

Dando continuidade às análises gráficas, ao observar os dados que correlacionam idade com autonomia e tomadas de decisões sobre aspectos familiares, temos que dentre as mulheres casadas e/ou que vivem com os companheiros, quase metade (49%) casou ou foi viver junto com o companheiro antes dos 18 anos sendo 5% do total de mulheres antes dos 14 anos de idade. Em contraste, 17% dos homens

[27] Disponivel em: <https://brasil.un.org/pt-br/145852-apesar-da-reducao-indices-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-ainda-estao-acima-da-media>, acesso em Set 2022.

casaram ou foram viver junto com a companheira antes dos 18 anos sendo 3% antes dos 14 anos de idade (Figura 7)

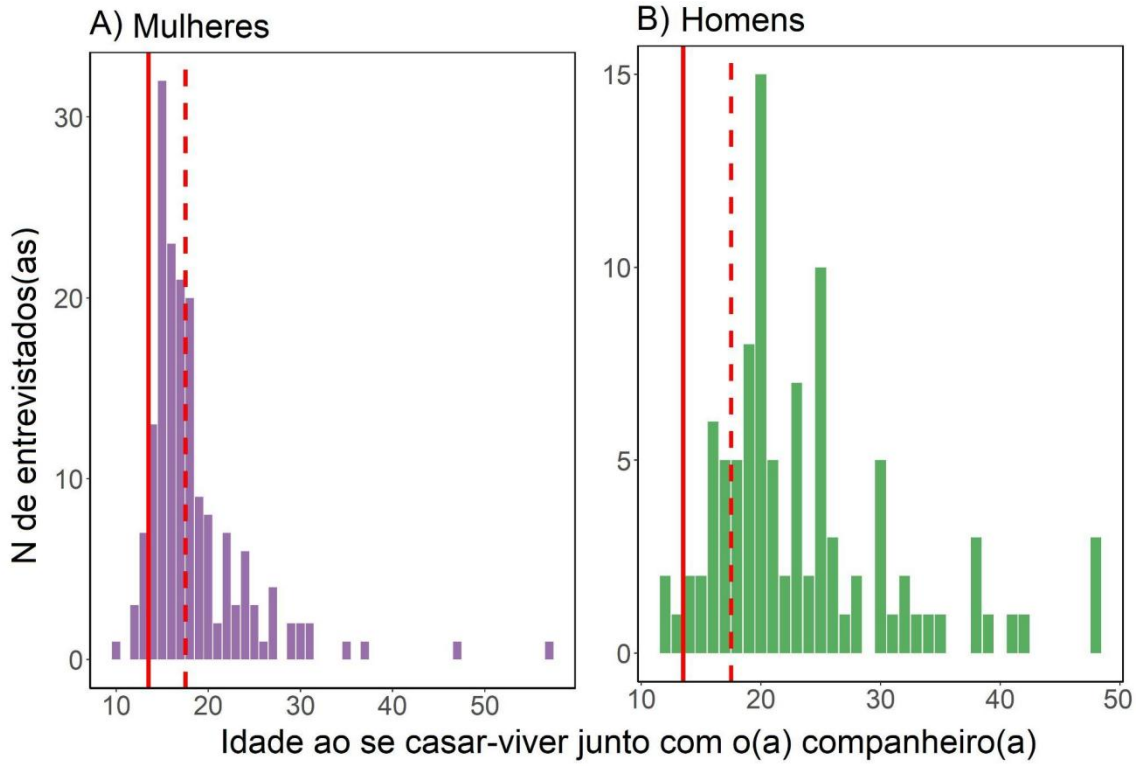


Figura 7: Idade com que se casou ou foi viver junto com o(a) parceiro(a) pela primeira vez. As linhas vermelhas contínua e tracejada indicam, respectivamente, idades de 14 e 18 anos.

Isso significa que as meninas do Médio Juruá, muito mais do que os meninos, seguem uma série histórica brasileira de casamento ou união informal na minoridade. Lembramos que casamento na infância ou adolescência é também conhecido como casamento infantil ou precoce / prematuro. Segundo as Nações Unidas, na publicação do Glossário de termos do ODS 5 (2016, p. 13):

> "Em números absolutos, o Brasil é o quarto país em número de casamento infantil e adolescentes. (...). De acordo com o Censo 2010, pelo menos 88 mil meninos e meninas com idades de 10 a 14 anos estavam casados; de 15 a 17 anos, eram 567 mil. Vale ressaltar que o casamento infantil e precoce é mais frequente entre meninas, muitas vezes com homens adultos.
>
> (...) O caráter do casamento precoce no Brasil também é marcado pela pobreza e pela violência doméstica. As cinco principais razões do casamento infantil e precoce no Brasil são: gravidez involuntária; controle dos pais sobre a sexualidade das filhas, com a ideia de que, "se começou a

> ter relação sexual, é melhor casar logo"; pobreza da família e necessidade de um provedor financeiro; falta de perspectiva de vida das jovens, sem interesse especial pela escola e sem futuro profissional, o que amplia a vontade de sair da casa dos pais; e desejo expresso dos maridos de se casarem com garotas mais jovens e mais 'obedientes' a eles."

Sobre o **estado civil** e a idade de casamento/união estável destes grupos entrevistados, a seguinte configuração é apresentada na Figura 8.

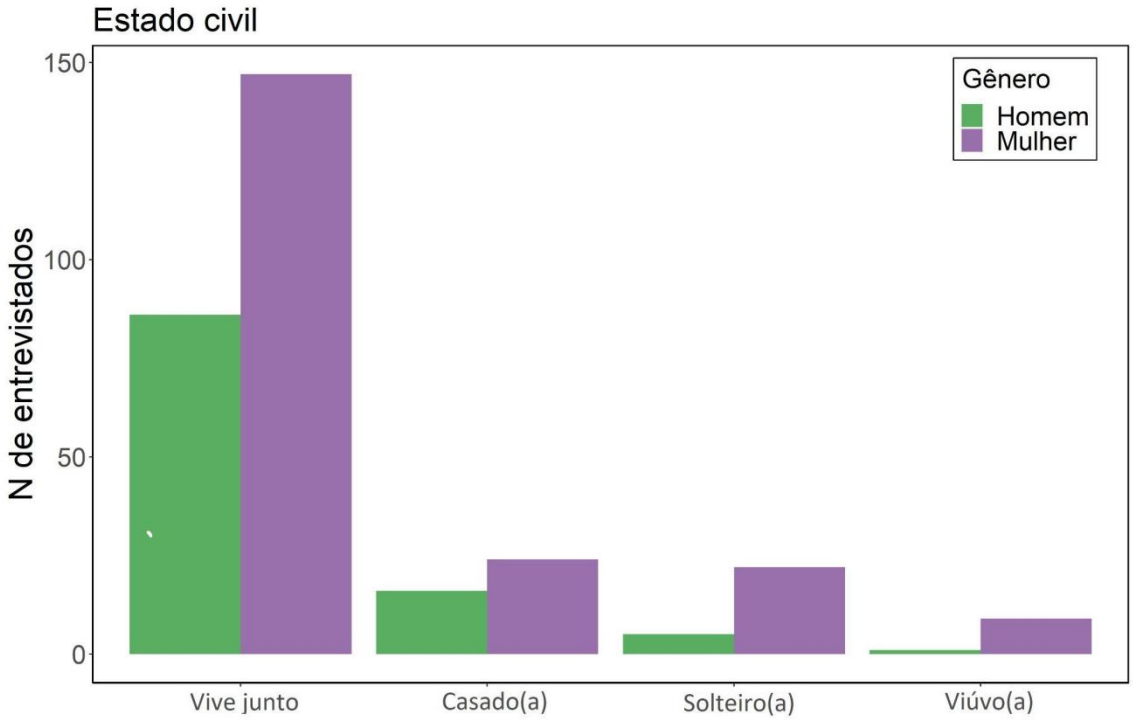


Figura 8: Estado civil dos entrevistados.

Destas famílias consolidadas nas 22 comunidades rurais visitadas para a pesquisa, a faixa etária dos **filhos** dos entrevistados são compreendidas da seguinte maneira:

- 16% dos filhos tem entre 0 e 5 anos
- 14% tem entre 6 e 10 anos
- 23% tem entre 11 e 18 anos
- 47% são maiores de 18 anos

Já sobre os familiares **dependentes** à parte dos filhos, que exigem trabalhos domésticos e de cuidado, revela-se que 17 entrevistados afirmaram haver pessoas dependentes em casa, sendo 1 das casas com 2 dependentes. Assim, dos 18 dependentes: 3 mulheres são idosas; 4 mulheres e 5 homens possuem alguma deficiência; 2 mulheres e 3 homens estão acamados. Observa-se que 50% dos dependentes são homens e, em 100% dos casos, a principal responsável pelos cuidados com o dependente é uma mulher.

Discorreremos mais adiante sobre como o tema do trabalho vem sendo abordado pela perspectiva da economia feminista, trazendo um paralelo entre o *trabalho produtivo e de mercado,* e o *trabalho doméstico e de cuidados*. Estes últimos são executados em grande maioria por mulheres e meninas, todos os dias do ano, sem direito a salário, aposentadoria, férias ou outros tipos de garantias. Não obstante, são esses trabalhos, doméstico e de cuidados, funcionam como o sustentáculo dos trabalhos produtivo e de mercado, já que garantem a produção e reprodução da vida e, portanto, da força de trabalho mundial[28].

Por isso, alguns **programas de transferência de renda** que chegam na região buscam trazer uma mínima compensação ao grupo de mulheres, devido à sua dedicação ao trabalho doméstico e de cuidados familiares/comunitários e à histórica carência de oportunidades a trabalhos remunerados. Esse ‘e o caso do Bolsa Família (Programa Auxílio Brasil, desde novembro de 2021[29]), que tem, historicamente, uma maioria de beneficiárias mulheres a nível nacional (87,6% em 2021[30]), e é voltado para famílias em situação de pobreza e extrema pobreza. De todo modo, apenas a aplicação destes dispositivos é considerada insuficiente para a melhoria da autonomia da mulher e sua ascensão social.

Dos 310 entrevistados, 274 responderam a esse questionamento e 219 reportaram receber algum tipo de benefício a favor do próprio(a) entrevistado(a) ou a alguém de sua família. São eles: Bolsa Família (196 menções), Bolsa Floresta (60 menções), INCRA (21 menções), Aposentadoria (20 menções); Auxílio em cesta básica (9 menções); Auxílio do governo estadual (9 menções); Auxílio maternidade (4 menções); Seguro defeso (1 menção).

---

[28] Federici, Silvia. A reproducao da forca de trabalho mundial e a revolucao feminista inacabada, 2009. Em: Federici, Silvia. O ponto zero da revolução. Coletivo Sycorax e Editora Elefante, 2019, p. 194 a 232. Disponivel em: <http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf>, acesso em Out 2022.

[29] Ministério da Cidadania - Auxilio Brasil. Disponivel em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/auxilio-brasil#saiba-mais>, acesso em Set 2022.

[30] Senarc - Boletim Bolsa Família e Cadastro Único, n 72. Disponivel em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/sala_de_imprensa/boletins/boletim_senarc/2021/Boletim%20Bolsa%20Fam%C3%ADlia%20Cadastro%20Unico%20N%2072_JUNHO_2021.pdf>, acesso em Out 2022.

Para o Bolsa Família, um programa do governo federal que no atual mandato (2019-22) o qual está sendo substituído pelo Auxílio Brasil, dos 196 beneficiários, 134 são mulheres e 62 são homens. Já para o Bolsa Floresta (desde abril 2022, chamado de Guardiões da Floresta[31]), uma espécie de PSA - Pagamento por Serviço Ambiental, promovido pelo Governo do Estado do Amazonas em parceria com a FAS (Fundação Amazônia Sustentável), 41 mulheres e 19 homens são beneficiários(as). Esse benefício 'e acessível na região apenas para moradores da RDS Uacari[32],

De fato, o Bolsa Família e o Bolsa Floresta (atual Guardiões da Floresta) podem contribuir com a equidade de gênero, ao destinar a renda para as mulheres, em nome das famílias. Porém, este não é o objetivo central dos programas, havendo o risco de instrumentalização da mulher pelo Estado e banalização do trabalho doméstico e de cuidados como atribuição puramente feminina. Por outro lado, a titularidade das mulheres nos cartões beneficiários é um requisito que pode despontar para a autonomia feminina, na medida em que permite às mulheres a provisão financeira, ao menos parcialmente, ao lar[33].

4.1.2 Autonomia, Participação Social e Representatividade

Sobre o tema da **autonomia, participação social e representatividade**, descrevemos o perfil de gênero à escolaridade, controle financeiro e participação social.

Em relação ao grau de escolaridade, observamos que uma proporção maior de mulheres têm os Ensinos Médio e Técnico (Figura 9). Quanto ao acesso à educação, um grupo de 133 entrevistadas (65% das mulheres) e 69 entrevistados (64% dos homens) afirmaram que gostariam de poder estudar mais. Os principais impedimentos identificados pelas mulheres e homens para continuar seus estudos estão apresentados na Figura 9.

[31]FAS - Balanco do Programa Bolsa Floresta (abril 2008 - março 2022). Disponível em: <https://fas-amazonia.org/programa-bolsa-floresta/>, acesso em Out 2022.

[32] O PBF é implementado pela Fundação Amazonas Sustentável (FAS), em 15 Unidades de Conservação (UCs) do Amazonas e beneficia mais de 37 mil pessoas. (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Experiências de pagamentos ambientais no brasil. Cap. "Programa Bolsa Floresta no Estado do Amazonas". São Paulo, 2012, p. 251-268.

[33] Para mais esclarecimentos sobre o assunto, recomenda-se a leitura da publicação: IPEA. Bartholo, L.; Passos, L.; Fontoura, N. Bolsa Família, Autonomia Feminina e Equidade De Gênero - O Que Indicam As Pesquisas Nacionais? Rio de Janeiro, 2017, p.9.

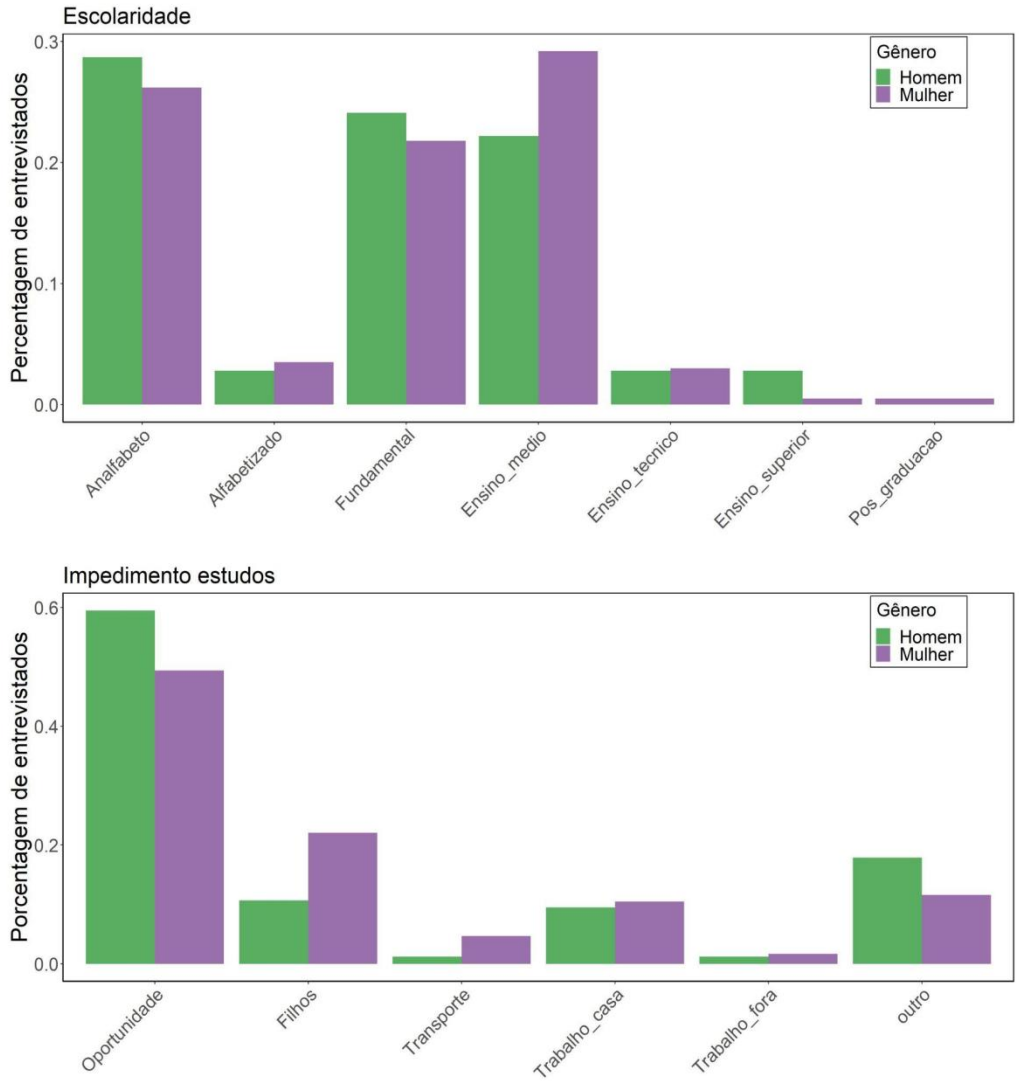


Figura 9: Grau de escolaridade dos entrevistados e os motivos declarados de impedimento à continuação dos estudos identificada pelos entrevistados.

Os motivos detalhados sob a categoria "outro" são, principalmente: indisponibilidade do curso desejado/necessário na comunidade; problemas de saúde (majoritariamente relacionados à visão); impossibilidade de arcar com os custos envolvidos; e idade avançada. A falta de tempo e disposição devido ao cuidado com a casa e com crianças e dependentes aparece exclusivamente indicada por mulheres como impeditivo à continuação dos estudos.

Em termos de **participação social**, observa-se que 96% dos entrevistados concordam ser positivo ter mais mulheres em posições de liderança na comunidade, conforme escala Likert (Figura 10). Não obstante, apenas 29% das mulheres compõem algum grau de liderança comunitária (líder, professora, cantineira, líder em associação,

etc.)[34]. Das que não possuem essa posição, ao serem questionadas se sentiriam vontade de ocupar esses espaços, 15 mulheres (10%) disseram que sim. Dessas, a maioria (53%) mencionou que falta apoio da comunidade para elas terem uma posição de liderança.

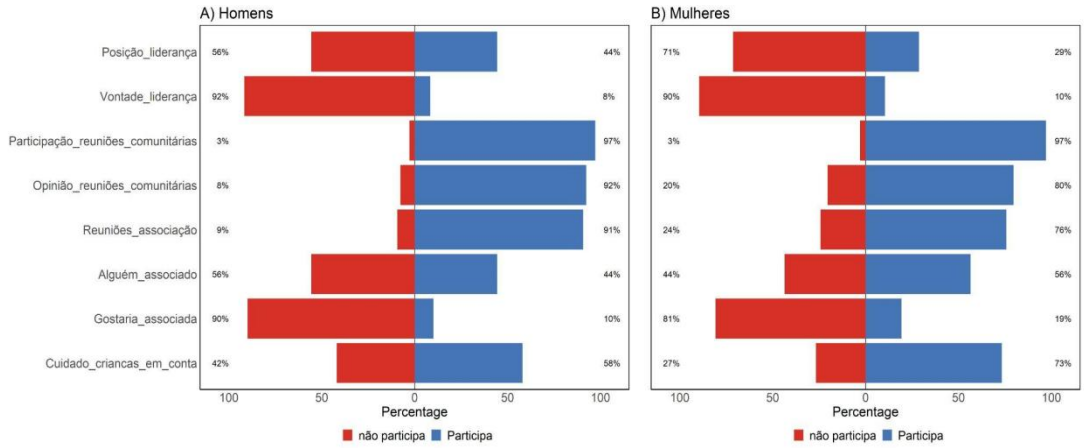


Figura 10: Proporções de A) Homens e B) Mulheres em posições de liderança na comunidade, que tem vontade de ocupar posição de liderança, que dizem participar das reuniões comunitárias, que dizem se sentir à vontade para expressar suas opiniões nessas reuniões, que participam de reuniões de associações, que disseram haver algum associado na família, que gostariam de ser associadas (os) e que consideram que o cuidado com crianças e levado em conta pelos coletivos durante as reuniões.

Essa falta de apoio pode ser visualizada com uma maior proporção de homens filiados a alguma associação, como demonstrado na Figura 11.

[34] Na entrevista aplicada, um dos exemplos listados sobre o papel de liderança foi o de "cônjuge de liderança", devido a uma construção social que existe nesse sentido. Entretanto, reconhecemos que o fato de ser cônjuge de alguém, não qualifica nem confere à pessoa uma posição de escalada social. Particularmente, as mulheres acabam se tornando invisibilizadas e/ou sobrecarregadas pelas funções sociais dos companheiros, mesmo que isso não se traduza no empoderamento e na posição de liderança dessas mulheres. Portanto, trazemos essa discussão no relatório para reforçar a necessidade de desassociar as responsabilidades sociais do âmbito conjugal.

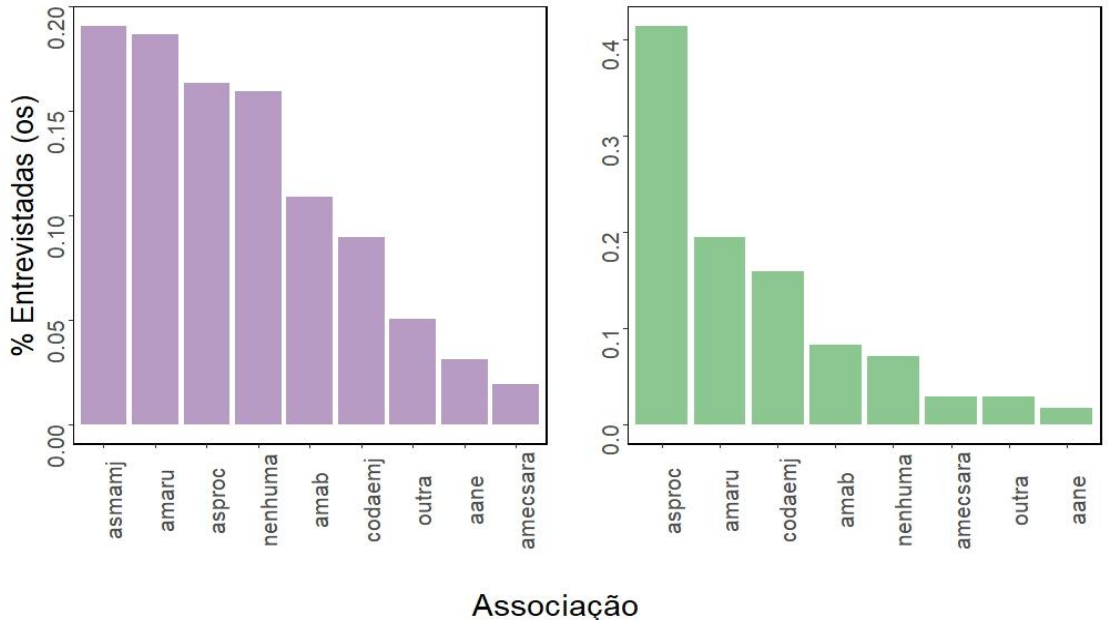


Figura 11: Porcentagem de mulheres e homens filiados às organizações comunitárias presentes no território.

Para embasar essa discussão a ASMAMJ solicitou às principais organizações de base do território (ASPROC, AMARU e CODAEMJ) dados históricos sobre a participação comunitária. Diferente dos dados obtidos por meio das entrevistas, os dados fornecidos pela ASPROC demonstram que 87% dos associados são homens (753 associados), enquanto apenas 13% é de mulheres (113 associadas). Na CODAEMJ, esse valor também é discrepante, com os cooperados se dividindo em 120 mulheres (29%) e 297 homens (71%). Na AMARU ocorre o inverso, apesar da pequena diferença, 342 mulheres e 327 homens, as mulheres são maioria entre os associados da AMARU, com 51,12%.

Entretanto, mesmo com a maioria dos associados da AMARU sendo mulheres, isso não é observado na representatividade e composição da diretoria da organização nos últimos anos, como podemos observar na Figura 12. É importante mencionar que atualmente as organizações de base locais devem ter no mínimo 30% da sua diretoria formada por mulheres.

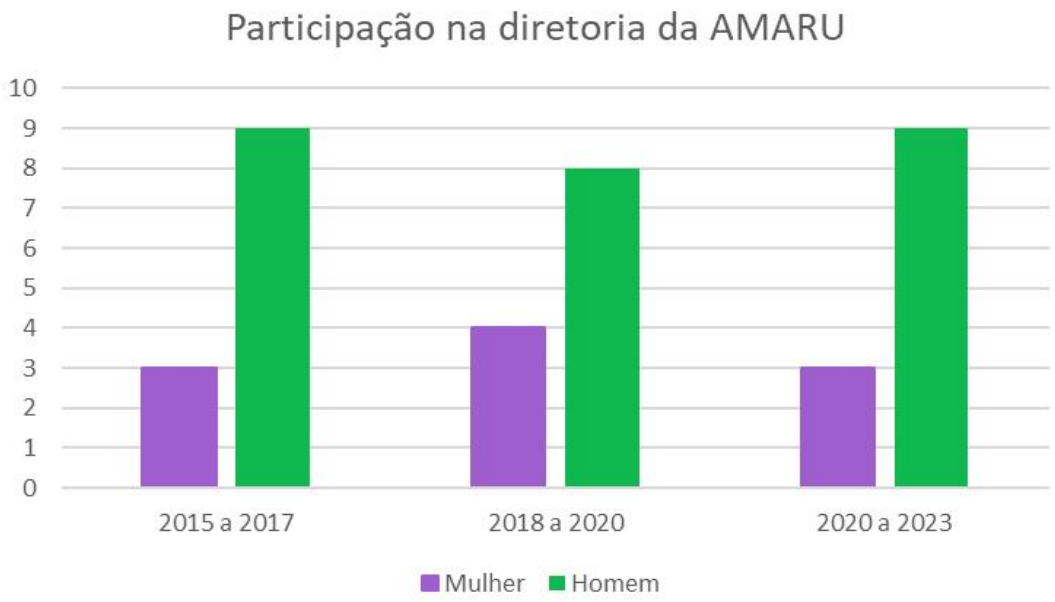


Figura 12: Quantidade de mulheres (lilás) e homens (verde) que participaram da diretoria da AMARU nos últimos 7 anos. Dados obtidos pela ASMAMJ com base em documentos históricos da associação.

Em relação à participação em espaços de tomada de decisão, os dados coletados demonstram que cerca de 9% dos homens e 24% das mulheres não participam de reuniões de associações. Na Figura 13, podemos observar a discrepância da participação masculina em detrimento da feminina no público das últimas Assembleias Gerais da ASPROC, por meio dos dados acessados pela ASMAMJ. Esse evento é o principal espaço de tomada de decisões do Médio Juruá, uma vez que são debatidas as atividades e projetos desenvolvidos dentro do território, assim como as decisões referentes à organização de base mais antiga e representativa da região. A baixa participação feminina nesses espaços reforça a invisibilização das mulheres nos espaços de tomada de decisão.

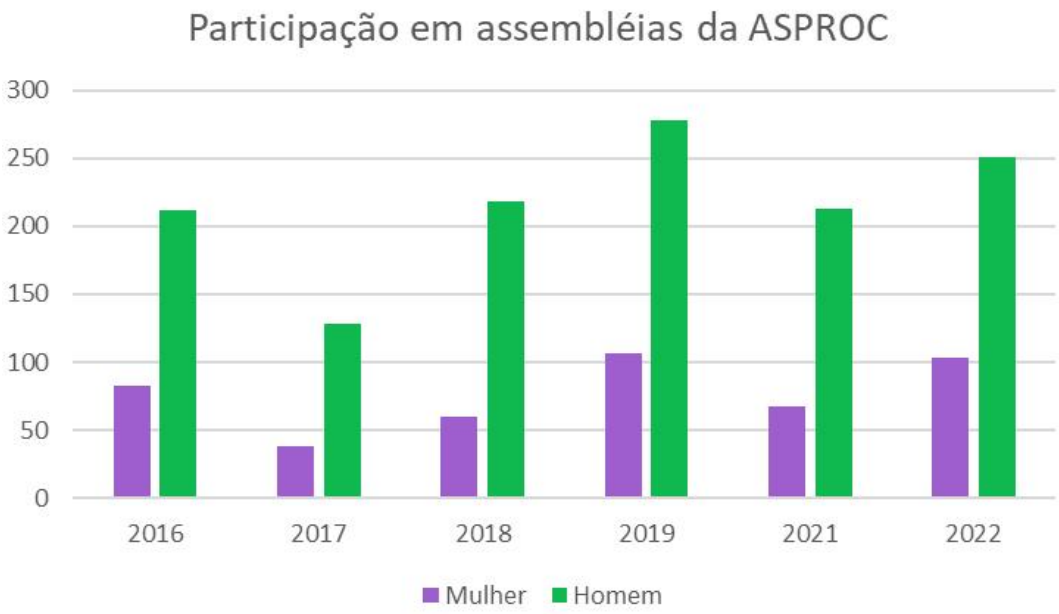


Figura 13: Quantidade de mulheres (lilás) e homens (verde) que participaram da Assembleia Geral da ASPROC nos últimos 6 anos. Dados obtidos por meio das listas de presença dos eventos.

Outra medida de participação na tomada de decisões coletivas relevantes ao território é a **presença em reuniões que envolvam pelo menos duas comunidades**. Nesse sentido, perguntamos às entrevistadas e aos entrevistados de quantas reuniões desse tipo participaram no último ano e as respostas indicaram que, de maneira geral, homens participaram de um número significativamente maior de reuniões com pelo menos duas comunidades (Figura 14).

Além da presença, os dados coletados também chamam atenção, principalmente, em relação às diferenças nas porcentagens de homens (8%) e mulheres (20%) que **não** se sentem confortáveis para expressar suas opiniões durante reuniões comunitárias ou de associações.

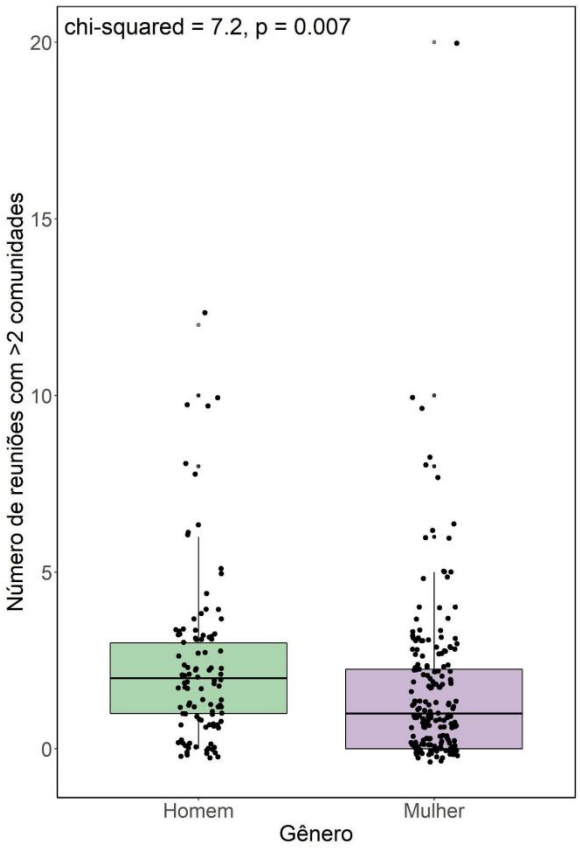


Figura 14: Diferença entre número de reuniões com mais de duas comunidades em que homens e mulheres participaram no último ano. Homens participaram de um número significativamente maior do que as mulheres em reuniões com participação de mais de duas comunidades (teste kruskal-wallis: chi-square = 7.2, p = 0.007).

Perguntamos quem é o principal **responsável pelo cuidado com as crianças durante reuniões** comunitárias ou de associações. Tivemos 202 respostas, de 131 mulheres e 71 homens que têm filhos e participam de reuniões. 139 (70%) entrevistadas e entrevistados apontaram uma mulher ou menina (mãe, avó, irmã mais velha ou outra parente mulher da criança) como responsável por esses cuidados, sendo que 102 (>50%) disseram ser a mãe a principal cuidadora. Homens (pais e avós das crianças) apareceram em 54 (27%) respostas como responsáveis pelas crianças durante as reuniões (Figura 15). Tal dado ressalta a visão de que mulheres são as responsáveis pelo cuidado das crianças. No caso da indisponibilidade da mãe, na maioria das vezes, outras mulheres da família assumem o cuidado no lugar do pai.

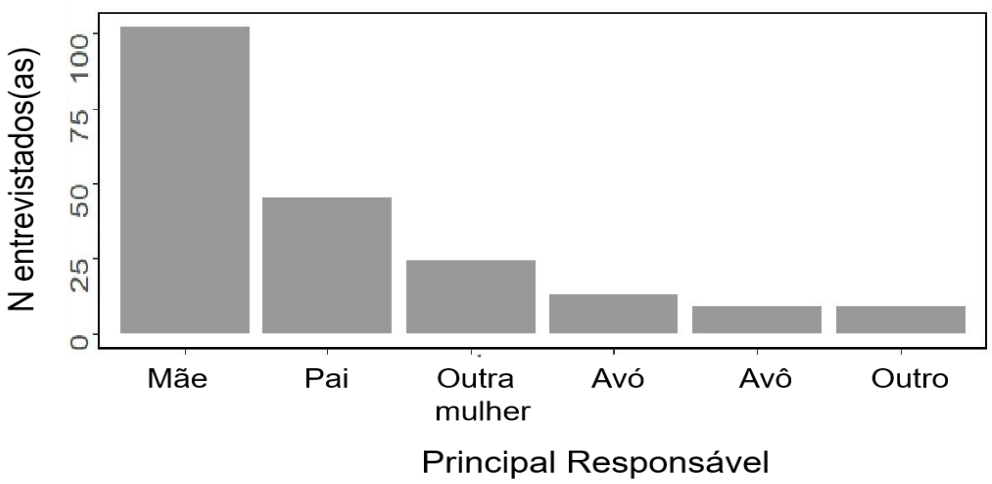


Figura 15: Principal responsável pelo cuidado com crianças durante reuniões comunitárias ou de associações.

Considerando o **cuidado relativo às crianças durante as reuniões comunitárias** e de associações, 52 entrevistados (39 mulheres e 13 homens) afirmaram que o cuidado com crianças não é levado em conta nas reuniões comunitárias e de associações, enquanto 166 entrevistados (112 mulheres e 54 homens) disseram que o cuidado com crianças é levado em conta. Ainda, mulheres e homens foram questionados em relação ao que acreditam que seria necessário para que pudessem participar das reuniões com tranquilidade. As respostas estão tabuladas abaixo (Tabela 6), de acordo com o tipo de ação que foi citado como necessária e o número de vezes que esse tipo de ação apareceu nas respostas. Para essa pergunta, tivemos 64 respostas, 44 de mulheres e 20 de homens.

Tabela 6: Ações sugeridas para que o cuidado com as crianças seja levado em conta e não impeça a participação das mulheres nas assembleias comunitárias e de associações.

Ação	Nº de menções
Presença de cuidadores de crianças nas reuniões	49
Espaço específico para crianças	22
Alimentação disponível para crianças e adultos	5
Redução da duração das reuniões	1
Revezamento entre os pais no	1

cuidado com filhos	
Disponibilidade de creche*	2
Criação de espaço de escuta para as mães	1
Palestras voltadas para crianças	1

*Uma das menções a creche inclui o termo 'integral'.

Nesse sentido, a ASMAMJ vem adotando, com sucesso, uma **metodologia de inclusão e cuidado com as crianças durante as reuniões e assembleias** que pode servir de modelo para outras associações. Segundo Quilvilene Cunha, ex-presidente e atual tesoureira, do quadro da diretoria da ASMAMJ, um dos pontos positivos apresentados pelas mulheres é o apoio e acolhimento feito aos seus filhos para melhor participação nas discussões. "Elas relatam se sentir mais à vontade por ser permitido que os filhos permaneçam no mesmo espaço que as mães, já que muitos não gostam de sair de perto delas", afirmou Quilvilene. Desse modo, as crianças são entretidas com materiais didáticos que possibilitam que elas façam desenhos e brinquem com massinha de modelar, em local em que possam ver as mães e ser vistas por elas durante as assembleias. O Projeto Vagalume também contribui com metodologias próprias que são aplicadas nesses momentos. Logo, as mães vão com muita confiança nos eventos, pois sabem que são bem-vindas e seus filhos também. "Mesmo que relatem ter o receio dos filhos atrapalharem as reuniões, elas frequentam as oficinas e assembleias, pois sabem que existe de nossa parte essa preocupação e preparo para acolhê-los.", concluiu a diretora.

Ao ser questionada sobre como poderia melhorar o apoio à maternagem, Quilvilene Cunha diz que:

> "gostaríamos de enriquecer o material didático para que realmente chame a atenção das crianças, além de desenhar, pintar e modelar. É necessária a participação de uma equipe bem lúdica que saiba lidar com as crianças, assim como incentivar outras organizações a oferecer o mesmo apoio e deixar claro: falar o quanto é importante a participação delas e de seus filhos, pois enquanto elas participam, os pequenos aprendem brincando". (Quilvilene Cunha - ASMAMJ).

Além dos trabalhos de cuidados, seja com filhos ou com outros dependentes, o diagnóstico também aponta para outros fatores que influenciam no poder das tomadas de decisão e participação social, tal como o **acesso à locomoção**.

Identifica-se na zona rural de Carauari, bem como na maioria dos territórios da Amazônia Rural uma imensa lacuna quanto à provisão de condições ideais para a deslocamentos e o desenvolvimento da estrutura logística para meios de transporte e mobilidade intra e intermunicipais.

Ao responderem sobre o conhecimento prático para pilotar rabeta/voadeira, 100% dos homens e apenas 57% das mulheres entrevistadas(os) disseram saber dirigir motor rabeta (Figura 16A). Das mulheres que sabem, 46% aprenderam com o marido, 13% com o pai, menos de 1% aprendeu com a mãe e as demais aprenderam com filhos, irmãos ou observando (Figura 16B). Dentre as mulheres que não sabem dirigir rabeta, a falta de interesse apareceu como justificativa de 67% (Figura 16C).

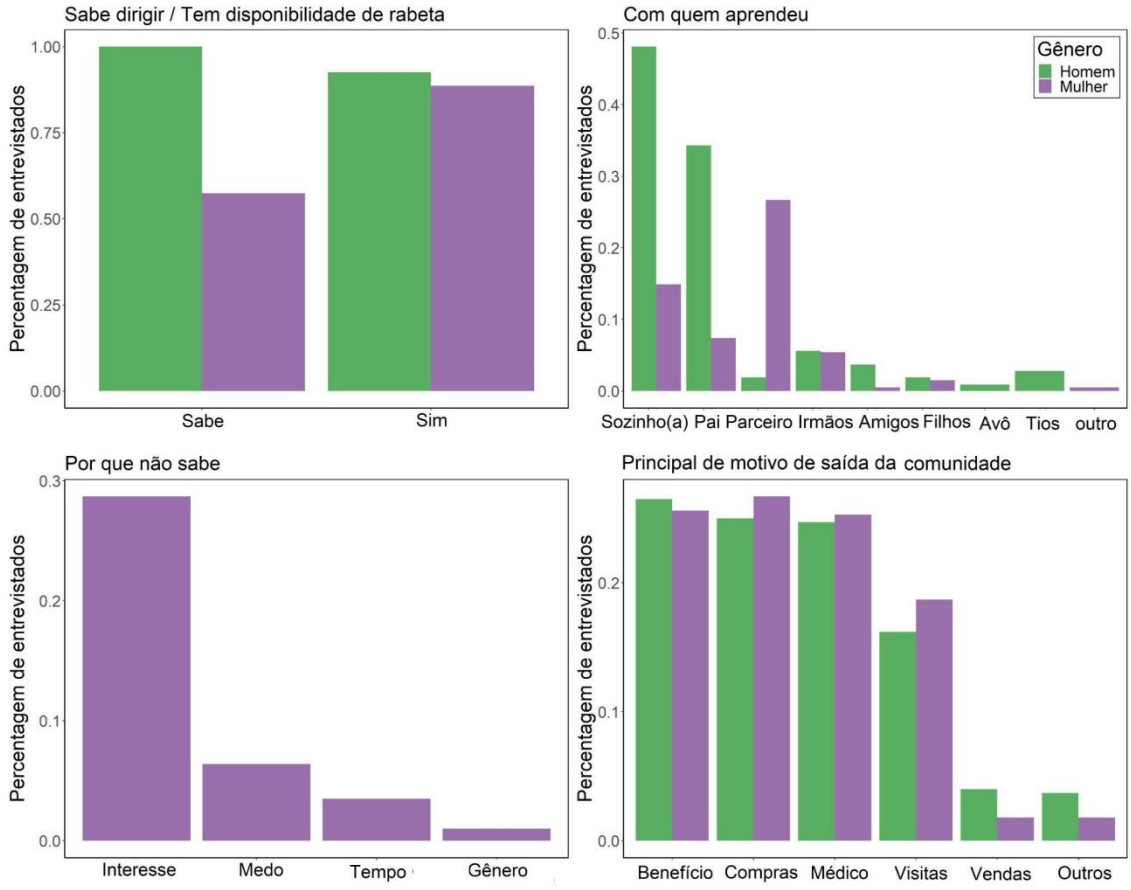


Figura 16: Proporção de entrevistados e entrevistadas que sabem dirigir e que tem acesso a rabeta (A), com quem aprenderam a dirigir (B), por que não sabem dirigir (C) e o principal motivo de saída da comunidade (D).

Devido ao transporte na comunidade se dar principalmente por uso de rabeta/ voadeira, não saber utilizar esses equipamentos impacta diretamente na autonomia

de deslocamento dessas mulheres e emancipação provida por maior participação nos espaços culturais, sociais e políticos. Os **principais motivos para viagens à sede** do município incluem o saque de benefícios, acesso a serviços de saúde e compra de produtos não disponíveis nas comunidades (Figura 16D). Como não possuem o conhecimento prático para deslocarem-se sozinhas, somado a outras questões, como o valor do combustível, o risco de uma viagem sem acompanhamento, o cuidado com os filhos, etc., as mulheres acabam sendo mais dependentes para o deslocamento limitando o acesso a itens essenciais à autonomia feminina.

4.1.4 Gênero, Trabalho e as Cadeias Produtivas

4.1.4.1 Uso do Tempo

Propõe-se, aqui, pensar sobre o tempo que os entrevistados dedicam para as diferentes atividades da vida e se há diferenças culturalmente enraizadas, entre homens e mulheres, quanto à gestão do tempo e dedicação aos trabalhos. Consideremos o aporte teórico da economia feminista[35] que traz paralelos entre o Trabalho Produtivo voltado para o mercado e o Trabalho Doméstico e de Cuidados com o lar e a família, reforçando a necessidade de reconhecimento, valorização e recompensa a esses últimos[28]. A partir dessa lógica, propomos reflexões sobre o trabalho não remunerado das mulheres e sua invisibilização diante da sociedade patriarcal e capitalista.

Para aplicação da entrevista e coleta de dados, houve um treinamento da equipe de campo especificamente para a sessão sobre o Uso do Tempo (Foto 5). A ferramenta adotada foi uma de analogia, onde um determinado número de grãos de feijões simbolizava o tempo de cada pessoa ao longo do último ano. Assim, foi apresentado um quadro contendo divisões temáticas para que o(a) entrevistado(a) pudesse inserir os grãos de feijão como representação à divisão proporcional do seu tempo gasto nas atividades. Destacamos os grupos de: trabalho produtivo, trabalho doméstico, trabalho de cuidados familiares (filhos, dependentes), trabalho de cidadania (atividades coletivas na comunidade, voluntariado, etc), atividades de compras e atividades pessoais (hobbies, arte, saúde, sono, autocuidado, alimentação, aprendizado, vida social, entre outros).

[35] SOF - Sempreviva Organização Feminista. Para entender a economia feminista e colocar a lógica da vida em primeiro lugar. São Paulo, 2014.

Foto 5 - Treinamento da equipe ASMAMJ em parceria com o IJ para aplicação da entrevista.
Fonte: Sayori Minato, 2021.

Ao analisar os resultados do quadro, temos a seguinte representação visual dos fluxos das atividades, por meio do diagrama de Sankey (Figura 24) de modo geral e por cada sub-região estudada (Figura 25). A partir dessas figuras, percebemos que o padrão geral de uso do tempo para homens e mulheres se manteve nas três sub-regiões.

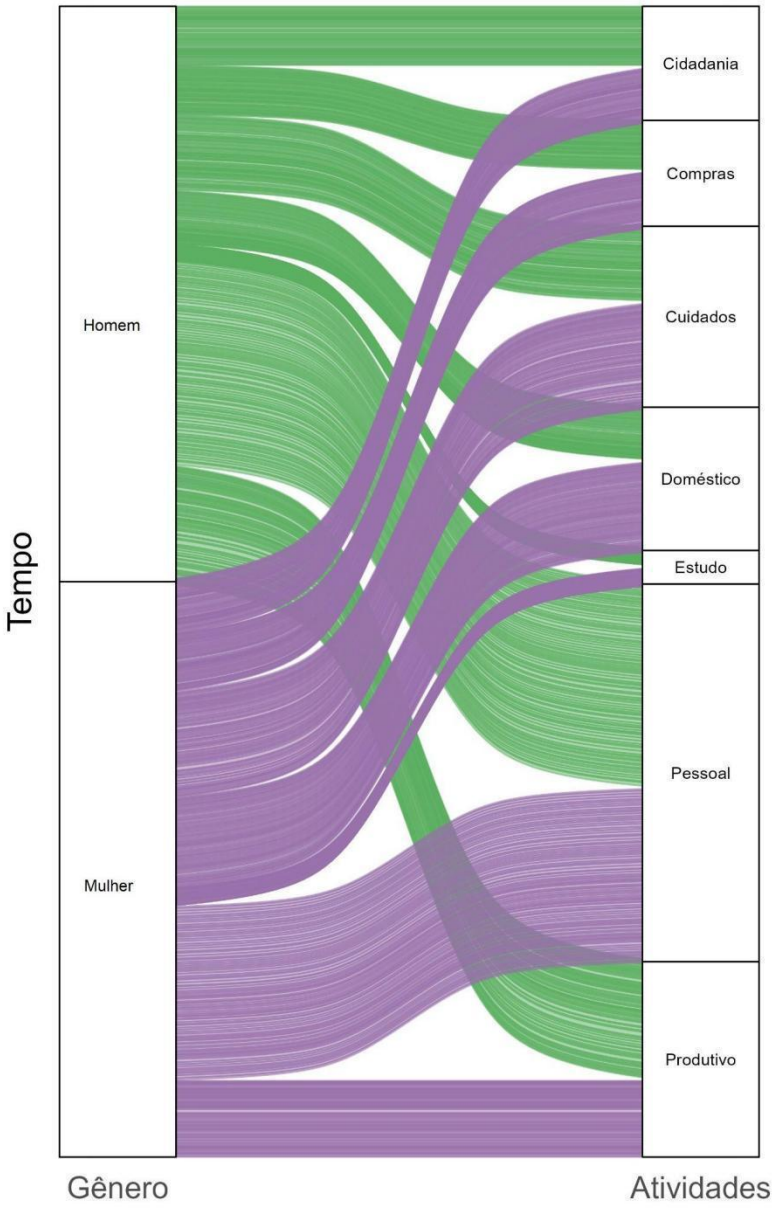


Figura 24: Diagrama Sankey mostrando a proporção de tempo utilizado em cada atividade por homens (verde) e mulheres (lilás). Cada linha representa uma pessoa e a espessura das linhas representa a proporção de tempo dedicada a cada atividade.

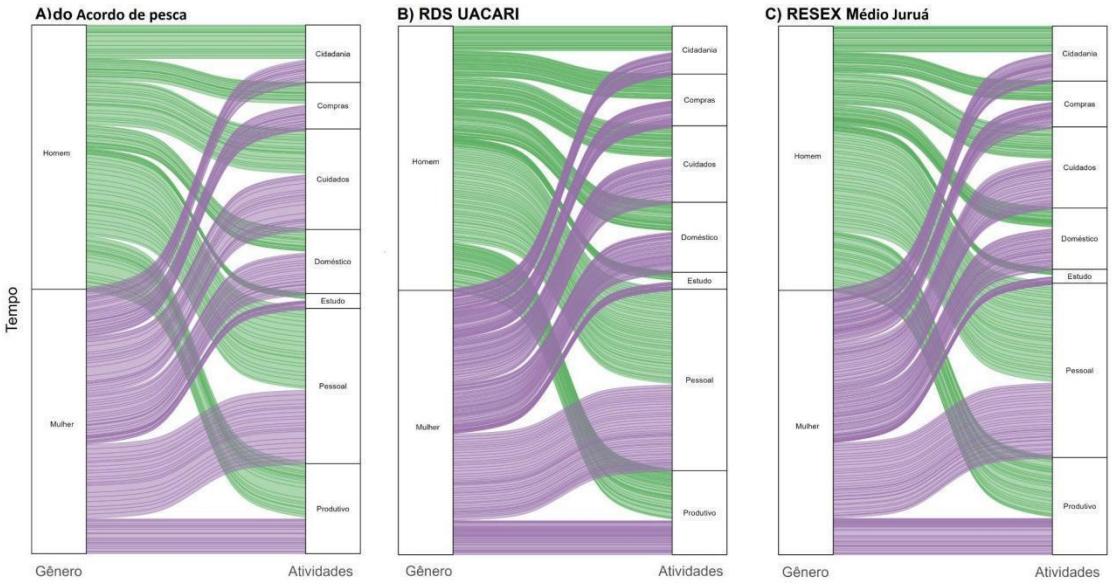


Figura 25: Diagramas Sankey mostrando a proporção de tempo dedicada a cada atividade por homens (verde) e mulheres (lilás) nas áreas A) Área do Acordo de Pesca (fora das UCs), B) da RDS de UACARI e C) da RESEX Médio Juruá.

Segundo dados diagramados acima, homens e mulheres dedicam um tempo similar para algumas atividades nos territórios (compras; exercício da cidadania; e estudos), havendo diferenças notáveis nos tempos dedicados ao trabalho produtivo remunerado (de mercado), em que homens dedicam mais tempo; aos trabalhos domésticos e de cuidados familiares, em que as mulheres dedicam mais tempo que os homens; e às atividades pessoais, em que homens desfrutam mais tempo livre que as mulheres.

Sabendo que o trabalho de reprodução da vida (de cuidados do lar e da família) é gratuito e historicamente desvalorizado, enquanto que o trabalho dito produtivo (de mercado) é monetizado, tal realidade desperta para a figura do homem provedor e da mulher restrita ao ambiente doméstico, em posição de inferioridade financeira e autonomia reduzida, dentro de uma lógica da economia patriarcal.

Voltamos, então, a atenção para a Meta 5.4 da Agenda 2030 da ONU no Brasil, que pretende:

> "Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais." (Agenda 2030, ONU Brasil).

Independentemente do debate se o alcance da Meta 5.4 é ou não suficiente para a valorização efetiva deste tipo de trabalho, a agenda global acordada pelo Brasil e outros países indica um caminho a trilhar para a superação do status quo. Segundo

dados do PNAD Contínua (2020) apud Relatório Luz (2022)[36] sobre os afazeres domésticos e/ou de cuidados (trabalho não-remunerado) no Brasil:

> "[...] em 2019, as mulheres gastavam 21,4 horas semanais aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, enquanto os homens dedicavam a isso apenas 11 horas. Menos de 10% de empresas brasileiras contam com licença paternidade estendida e não existem dados suficientes sobre implementação de licenças parentais. A pesquisa indica ainda que 52% das mulheres negras tiveram aumento da responsabilidade de cuidado na pandemia, entre mulheres rurais esse percentual alcança 62%". (Relatório Luz, 2022, p. 33)

Ainda sobre o **uso do tempo** no Médio Juruá, apuramos as informações sintetizadas na Tabela 7.

Tabela 7: Porcentagem do tempo gasto por homens e mulheres nas diferentes atividades.

Atividades	**Homens:**	**Mulheres:**
trabalho de mercado	21%	13%
trabalho doméstico	9%	16%
trabalho de cuidados	13%	18%
exercício da cidadania	10%	10%
estudos	3%	3%
atividades de compras	8%	10%
atividades pessoais	35%	30%

[36] GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030 <gtagenda2030.org.br/>. VI Relatório Luz Da Sociedade Civil: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável. Brasil, 2022.

Enfatiza-se a importância de trazer para as estatísticas o trabalho doméstico e de cuidados, como mecanismo para situar as mulheres de forma produtiva, não apenas reprodutiva, pois sem essas atividades (alimentar, limpar, organizar, cuidar, etc.), não há trabalho produtivo que se sustente no mercado[28].

Foto 6 - Mulheres do Médio Juruá realizando trabalho doméstico (típica técnica de lavar louça e roupa).
Fonte: Sayori Minato, 2022.

O fato da mulher dedicar 18% do seu tempo para cuidar dos filhos (e dependentes familiares) é, inclusive, fator de impedimento para seu ingresso e desenvolvimento no mercado de trabalho, visto que, como citado anteriormente, 45% das mulheres[37] e apenas 5% dos homens com filhos disseram ter parado de realizar alguma atividade remunerada ou produtiva após terem tido filhos.

Essa distribuição desigual de trabalho doméstico e de cuidados (trabalhos não pagos) entre homens e mulheres é um padrão que se repete globalmente[38] e que se reflete não só na vida profissional das mulheres, como também fragiliza a saúde mental dessas que carregam cargas mais pesadas que os homens no que diz respeito a essas atividades[38]. Como consequência, essa sobrecarga afeta todos os aspectos da vida pessoal, familiar, comunitária e profissional das mulheres.

[37] Incluindo as que retornaram às atividades produtivas após o período de resguardo e as que não puderam retornar devido ao cuidado com os filhos.
[38] Ervin, Jennifer et al. Gender differences in the association between unpaid labour and mental health in employed adults: a systematic review. The Lancet. 2022, 7 (9):E775-E786.

Analisaremos, pois, a realidade do trabalho de mercado, que gradualmente vem cedendo espaço à maior participação feminina, seja nos meios formais ou informais.

4.1.4.2 Trabalho assalariado e Cadeias Produtivas

Como trabalho assalariado, temos que 35 (11%) dos 310 entrevistados disseram que alguém na casa tem trabalho assalariado. Dezesseis (16) mulheres e catorze (14) homens entrevistados têm emprego assalariado.

- Dos homens assalariados: 2 aposentados, 4 agentes de saúde, 2 transportadores, 1 barqueiro da escola, 2 cantineiros (ASPROC), 1 motorista e 1 prestador de serviço para Natura.
- Das mulheres assalariadas: 2 aposentadas, 5 merendeiras na escola, 2 agentes de saúde, 3 serventes na escola, 1 serviços gerais comunidade e 1 trabalho na escola.

Observa-se que o tipo de trabalho assalariado (de mercado) é alusivo ao trabalho de cuidados a terceiros, tal como a merendeira que alimenta os estudantes, o barqueiro que conduz os alunos à escola, os agentes de saúde que cuidam dos outros e assim por diante. Estes são trabalhos assalariados típicos da zona rural carauariense, mas os trabalhos de maior adesão na região pesquisada, de fato, são aqueles não assalariados relacionados às cadeias produtivas da sociobiodiversidade.

As principais cadeias do meio rural no Médio Juruá estão ligadas à Bioeconomia na Amazônia e práticas de conservação de base comunitária, ora com manejo produtivo mais adequado, ora sem protocolos técnicos específicos. Na região há um destaque ambiental e socioeconômico para 7 (sete) principais cadeias: pirarucu de manejo; pescado; seringa (borracha); açaí; andiroba; murumuru; e roça de mandioca (farinha). Na Figura 26 nota-se como se dá a participação de homens e mulheres em cada uma:

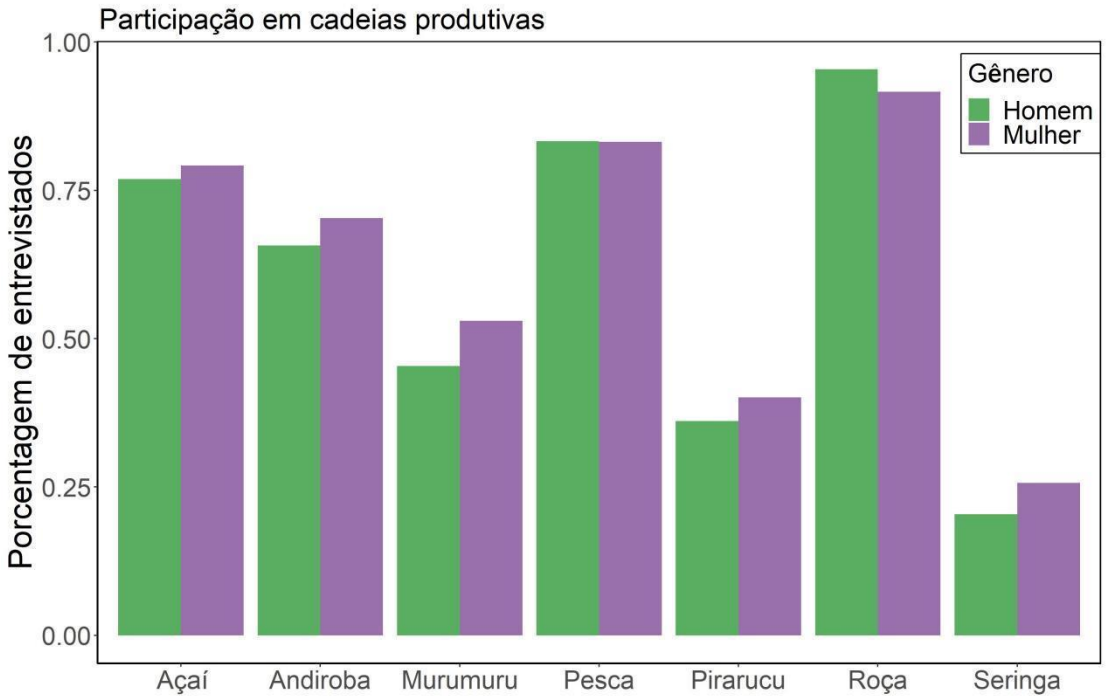


Figura 26: Participação de homens (verde) e mulheres (lilás) em pelo menos uma (1) etapa das sete (7) principais cadeias do território.

Percebe-se que a cadeia da farinha (roça de mandioca) é a que as mulheres mais se inserem, seguida da pesca e do açaí (em proporções similares), das oleaginosas (andiroba e murumuru, nessa ordem), pirarucu e seringa.

Assim, temos que:

- 91% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia da **farinha**, em contraste com 95% dos homens.
- 83% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do **pescado**, em contraste com 83% dos homens.
- 80% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do **açaí**, em contraste com 77% dos homens.
- 70% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia da **andiroba**, em contraste com 66% dos homens.
- 53% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do **murumuru**, em contraste com 45% dos homens.
- 40% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do **pirarucu**, em contraste com 35% dos homens.

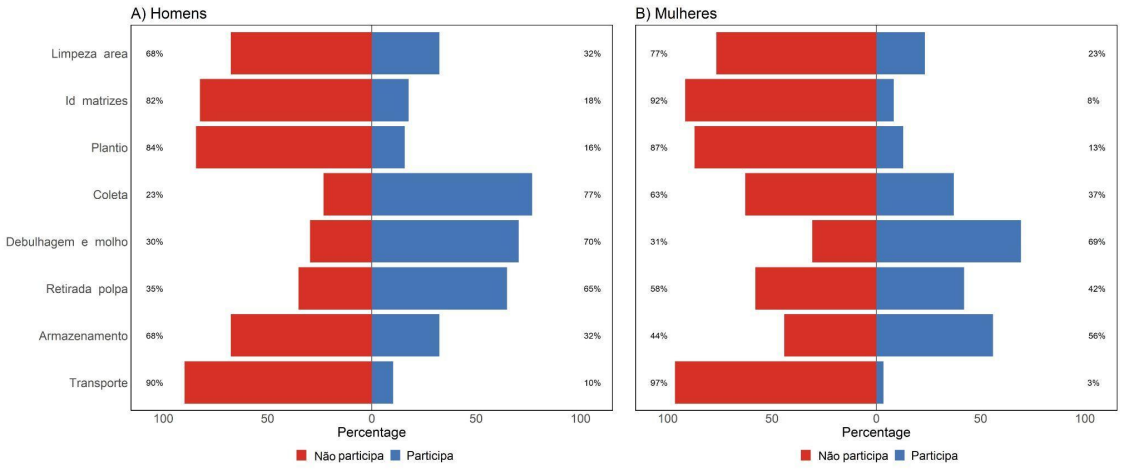
- 25% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia da **borracha**, em contraste com 20% dos homens.

Diante do exposto percebe-se que: se a participação na cadeia produtiva for considerada como pelo menos uma (1) etapa trabalhada, observamos que a proporção de mulheres é maior do que a de homens, em todas as cadeias, exceto a da farinha (menor proporção) e a do pescado (igual proporção), que são as duas atividades econômicas em que as famílias ribeirinhas mais participam na região.

Ao debruçar sobre cada uma dessas cadeias e suas etapas de trabalho, bem como no ganho pela atividade, quem recebe, e a autonomia na decisão do gasto do dinheiro, apresentamos os seguintes resultados para o açaí (Figura 27), seringa (Figura 28), roça de mandioca (Figura 29), pescado (Figura 30), pirarucu de manejo (Figura 31), murumuru (Figura 32) e andiroba (Figura 33). Sobre a autonomia do uso do dinheiro 83% dos homens e também 83% das mulheres afirmaram ter autonomia no uso do dinheiro que recebem.

AÇAÍ:

A cadeia do açaí se baseia no manejo e coleta de frutos da palmeira ***Euterpe spp.,*** da família botânica Arecaceae. Os açaizais ocorrem naturalmente nas áreas de florestas inundadas, como as várzeas e igapós, bem como nas regiões de terra firme. A produção do açaí na região do Médio Juruá é variada entre os meses de dezembro a junho, com o pico da produção entre fevereiro, março e abril. Segundo Siqueira (2018), um extrativista que trabalha na cadeia do açaí no Médio Juruá, vende geralmente entre 20 a 150 litros de polpa de açaí por dia ao longo da safra. A seguir, demonstra-se como se dão as participações de homens e mulheres na cadeia, suas etapas produtivas e o acesso à renda proveniente desta (Figura 27):



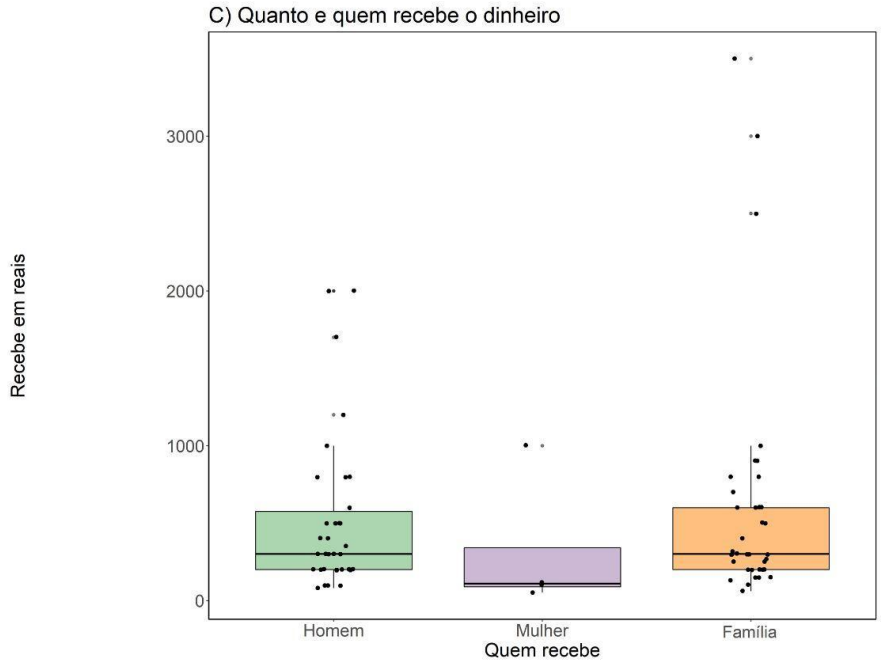


Figura 27: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na extração do açaí. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da extração de açaí; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família não foi significativa (p = 0.255).

Observando as etapas de trabalho, verifica-se que a maioria dos homens (ou seja, 50% mais 1) participa da: *Coleta* (77%); *Debulhagem e Molho* (70%); e *Retirada da Polpa* (65%). Já o grupo de mulheres participa majoritariamente das etapas de *Debulhagem e Molho* (69%) e de *Armazenamento* (56% em contraste com 32% dos homens), ambas atividades relacionadas ao beneficiamento para comércio ou autoconsumo.

As mulheres entrevistadas também participam de todas as demais etapas da cadeia do açaí: da *Retirada da Polpa* (42%), da *Coleta* (37%), da *Limpeza do Terreno* (23% em contraste com 32% dos homens); e em menor expressão, do *Plantio* (13% em contraste com 16% dos homens), da *Identificação das Matrizes* nos Açaizais (8% em contraste com 18%) e do Transporte (3% em contraste com 10% dos homens).

Em todas as etapas, os homens participam em maior proporção, salvo a de *Armazenamento* (32% dos homens e 56% das mulheres), que diz respeito à embalagem do vinho ou da polpa da fruta.

Com relação ao gráfico boxplot "Quanto e quem recebe o dinheiro", somente quatro mulheres recebem algum valor, variando de R$50 a R$1.000 reais, números muito menores em comparação aos de 'Homem' e 'Família'. Estes dois últimos grupos

recebem na mediana R$300 pela safra de açaí, enquanto que as mulheres entrevistadas encontram-se em uma faixa mediana (valor mais central na amplitude de valores recebidos) ainda mais baixa, de um pouco mais de R$100.

Sobre as etapas investigadas nesta cadeia, sugere-se complementação da leitura no relatório sobre a oficina de grupo focal (4.2.5 Oficina 5: Açaí no Bacaba), realizada na comunidade do Bacaba. Um assunto interessante levantado pelo grupo é que há uma etapa prévia à da "*Limpeza de Área"*, designada de "*Mapeamento dos Açaizais*". Segundo os moradores do Bacaba, este é o primeiro elo da cadeia, que tem como objetivo o ordenamento territorial para extração do açaí, compactuando regras de uso sobre o solo. Assim, são caracterizados os diferentes tipos de áreas, tais como: área familiar (sítio de propriedade privada); área comunitária para venda; comunitária para autoconsumo; multicomunitária - duas ou mais comunidades extrativistas em uma mesma área; etc.

Outro assunto interessante despertado pela oficina foi a identificação de restrições e oportunidades relacionadas a gênero nas etapas de trabalho. No exercício de abrir os olhos para as oportunidades, foi lembrado que algumas ações estão sendo implementadas pela ASMAMJ no que tange o beneficiamento das sementes, seja para o polimento das peças que são transformadas em biojoias; ou para a extração do óleo fitoterápico a partir da polpa envelhecida.

Foto 7 - Retirada da polpa do açaí de forma artesanal.
Fonte: acervo Instituto Juruá, Hugo Costa, 2021.

SERINGA:

A cadeia da borracha consiste no manejo dos seringais e extração de látex de ***Hevea spp.***, espécie nativa da Amazônia. A safra dessa cadeia ocorre durante o verão amazônico, no período de agosto a dezembro. A cadeia vive hoje seu período de revitalização, uma vez que a atividade estava estagnada nos últimos anos na maioria dos municípios do Amazonas. Atualmente, o Memorial Chico Mendes junto com o CNS (Conselho Nacional das Populações Extrativistas), a Fundação Michelin e a WWF-Brasil possuem uma iniciativa de retomada da produção para as safras de 2022 e 2023, que será comentada mais adiante.

Abaixo, exibimos os resultados sobre como se dão as participações de homens e mulheres na cadeia da borracha, suas etapas produtivas e o acesso à renda proveniente desta (Figura 28):

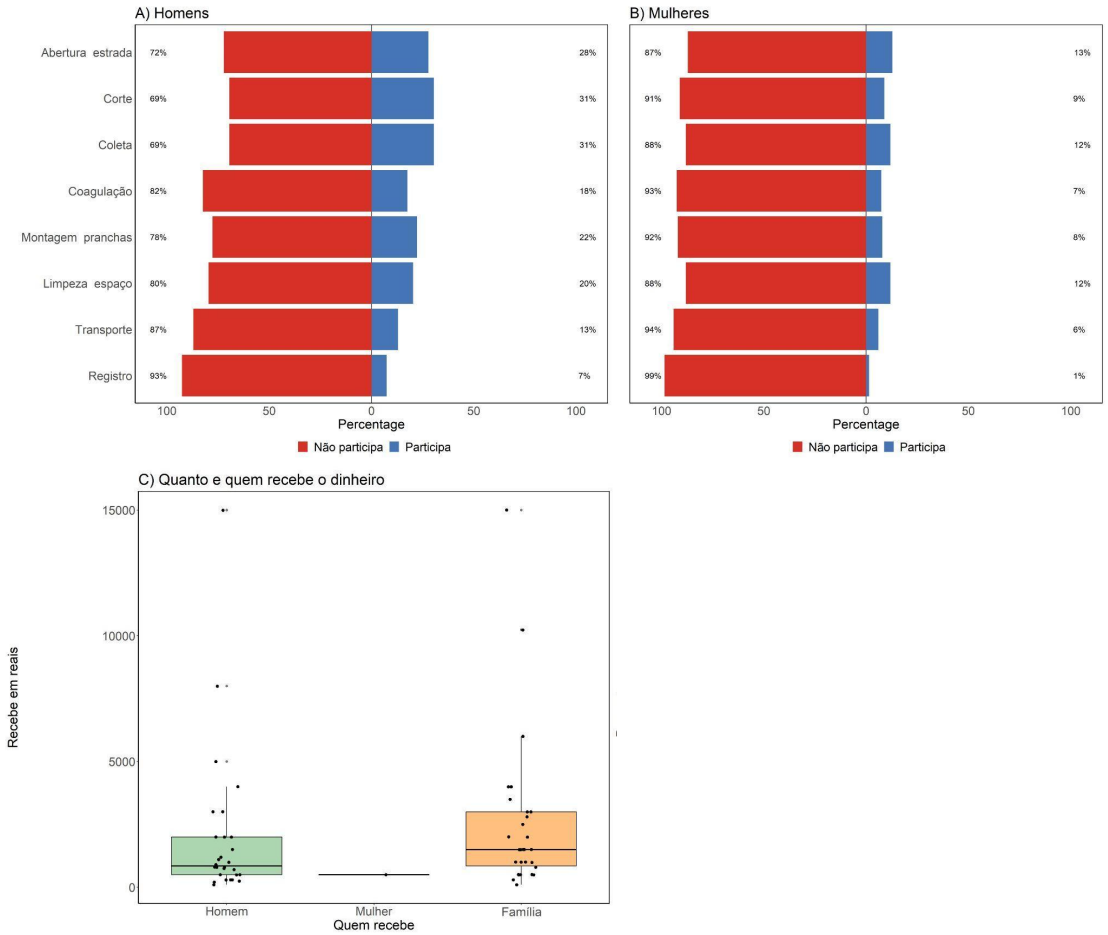


Figura 28: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero no extrativismo da seringa. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da seringa; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família não foi significativa (p = 0.188).

Observa-se que atualmente, em 2022, menos da metade da população entrevistada participa efetivamente desta que é uma das cadeias mais culturais da região, sendo que os homens são os que mais ocupam o setor. Entre eles, as etapas de maior participação são as três primeiras: *Abertura de Estrada* (28%); *Corte* (31%); e *Coleta* (31%). Nessas três as mulheres participam, respectivamente, em 13%, 9% e 12%. As mulheres também participam das outras etapas, a saber: *Limpeza do Espaço* (12%), *Montagem das pranchas* (8%), *Coagulação* (7%), *Transporte* (6%) e *Registro* (1%).

Sobre a aquisição de renda proveniente desta cadeia, observa-se que apenas uma mulher recebe o valor de R$500 por safra, enquanto os homens recebem na mediana (valor mais central da amplitude de valores) R$950 (safra de R$100 a R$5.000, R$10.000 ou R$15.000) e as famílias recebem na mediana acima de R$1.500,00 (safra de R$500 a R$15.000).

Os dados apresentados acima foram levados ao Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), que surgiu inicialmente como Conselho Nacional dos Seringueiros. Atualmente o CNS visa fomentar a luta pela organização comunitária e a governança dos territórios tradicionais de uso coletivo, através do fortalecimento das cadeias da sociobiodiversidade.

Em conversa com Dione Torquato, Secretário Geral do CNS, ele expôs que das cadeias relevantes para a sociobiodiversidade na Amazônia, a seringa talvez seja uma das que possuem maior potencial produtivo. Além de proporcionar emprego e renda para homens e mulheres, a borracha, acima de tudo, trabalha o aspecto da conservação ambiental de áreas protegidas, tão emergentes para a mitigação das mudanças climáticas. Além disso, ressalta-se o resgate cultural associado ao processo de revitalização , dado que os métodos tradicionais de extração da seringa encontram-se sob constante ameaça, urgindo a valorização e transmissão desses saberes entre gerações de jovens e adultos, de todos os gêneros. Ainda segundo Torquato, um aspecto relevante a considerar sobre o atual contexto da borracha, quando comparado com o fim do ciclo do monopólio em 1985, é que a cadeia passa a ser uma das principais atividades complementares dentro de um ciclo socioprodutivo que os povos e territórios dominam. De acordo com o Secretário Geral:

> "O que temos feito, enquanto CNS, no Amazonas, assim como no Acre e Rondônia, é trabalhar as articulações para fortalecer e potencializar as cadeias da sociobiodiversidade. Para isso, é necessário aproximar essa interlocução entre os atores; trazer o governo para roda de conversa junto com as empresas privadas; e, acima de tudo, trazer também as representações de nossas organizações de base, por que são elas que vivem o desafio na ponta e, a partir disso, podem trazer contribuições

> para que a gente estruture políticas públicas e iniciativas que superem os gargalos enfrentados hoje nessas cadeias produtivas." (Dione Torquato - CNS)

Certamente um desses gargalos é a invisibilidade da mulher nas cadeias produtivas. Os dados desta pesquisa apontam que, no Médio Juruá, atualmente são os homens quem mais participam de todas as etapas da cadeia da borracha. Em conversas transversais à pesquisa, bem como na oficina de mapeamento da seringa realizada na comunidade de São Raimundo (4.2.2 Oficina 2: Seringa em São Raimundo (cadeia da borracha)), percebemos que são os homens os que mais recebem estímulos e motivação para retomarem o ciclo da borracha na região, embora, no passado, as mulheres também fossem reconhecidas pelos seus modos de saber, fazer e agir nesta atividade. Para mais detalhes sobre isso, endereçamos a leitura ao depoimento dado por Rosângela Cunha durante a oficina, registrado no item 4.2.2.

Em pergunta sobre como o CNS tem atuado para garantir melhor participação de gênero e da juventude na cadeia da borracha, quem responde é Letícia Santiago de Moraes, da Secretaria de Articulação Política do CNS. De acordo com a entrevistada:

> "A cadeia da borracha é também um dos símbolos de resistência do movimento (...). Então, o CNS (...) em seu planejamento estratégico (...) pode criar mecanismos (...) de maior participação de mulheres e jovens [nas cadeias produtivas da Amazônia]. É um desafio muito grande, mas a gente já consegue ver os avanços (...). O CNS tem buscado fomentar através da sua rede de organizações de base (associações, cooperativas, sindicatos, etc.) a maior participação das mulheres, inclusive, dentro das diretorias dessas organizações (...) [; e também] visibilizar o trabalho que as mulheres fazem, tanto da coleta [, como do beneficiamento e da organização das cadeias]. Além disso, os jovens têm um papel fundamental porque desenvolvem a comunicação popular dentro dos territórios (...), [como] uma ferramenta de inovação da sociobiodiversidade, fundamental para comercialização, (...) mercados (...), marketing, (...) e visão empreendedora (...). Isso tudo para que as mulheres e a juventude tenham direito (...) à terra, aos meios de produção e (...) à renda - uma renda sustentável, uma renda da floresta, uma renda que preza pela valorização e preservação da biodiversidade." (Letícia Santiago de Moraes - CNS)

Tendo em vista a forte atuação do CNS no Território Médio Juruá e o atual ciclo de ascensão da borracha, crê-se que o cenário apresentado em 2022 (Figura 28) tende a se modificar no futuro próximo. A expectativa é que isso ocorra de forma inclusiva e com ampla participação de jovens e mulheres, qualificando a cadeia enquanto uma legítima Cadeia de Valor da Sociobiodiversidade (**Tabela 2**).

Foto 8 - Francisco Lucas da Cunha Figueiredo, de 24 anos, da comunidade São Raimundo, extraindo o látex da seringueira.
Fonte: Bernardo Oliveira, 2021.

ROÇA DE MANDIOCA:

As roças de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) ou a Cadeia da Farinha de Mandioca, tem reconhecimento internacional, uma vez que o Brasil é o quarto maior produtor[39] mundial de mandioca. Nesta atividade econômica observa-se a abertura de áreas para o plantio de mandioca e a construção das tradicionais "casas de farinha" para o beneficiamento do vegetal em produtos como a farinha branca, farinha amarela, farinha d'água e de tapioca. A seguir, exibimos os resultados sobre como se dão as participações de mulheres e homens na cadeia da pesca, suas etapas produtivas e o acesso à renda proveniente desta (Figura 29):

[39]Disponível em: <https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2009/1559>, acesso em Set 2022.

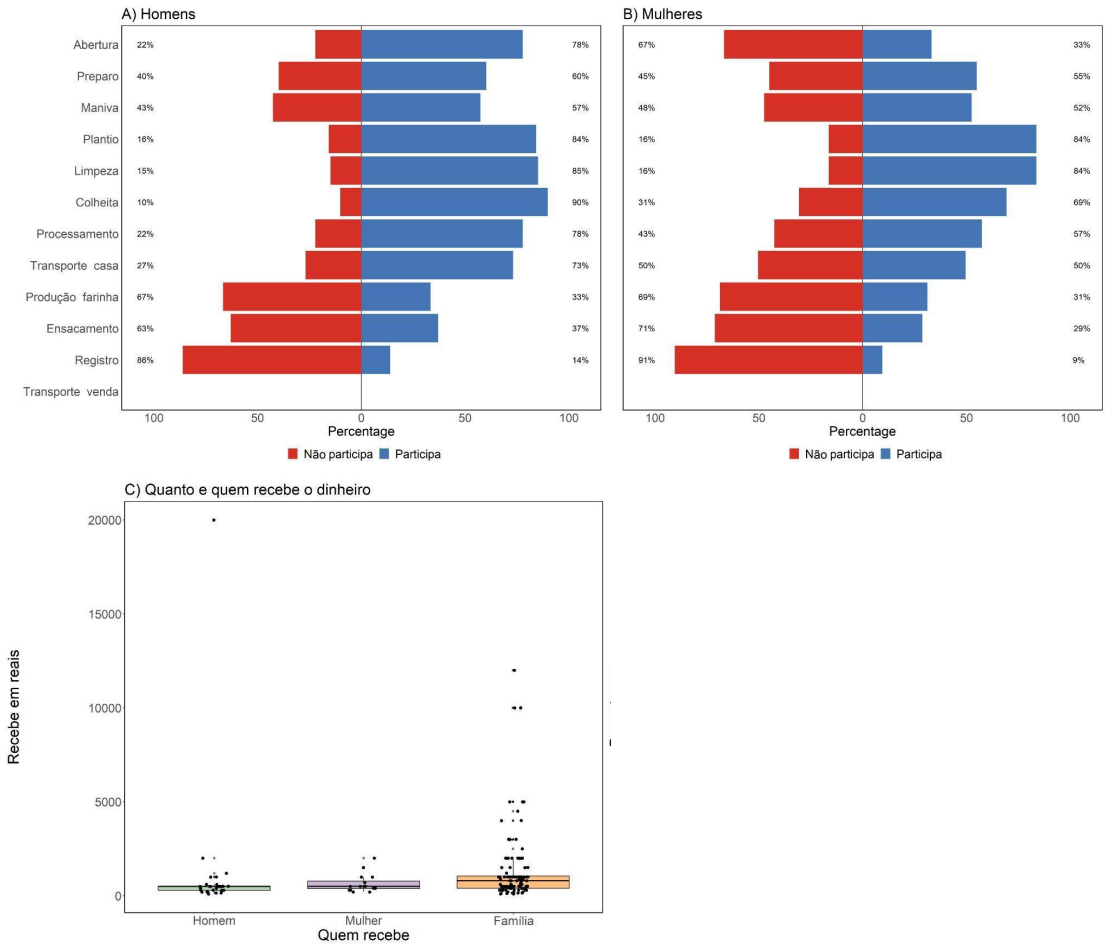


Figura 29: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na roça. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da roça; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família foi significativa (p = 0.005). O *dunnTest* mostra que a diferença é entre homens e família (p = 0.006). O valor discrepante de R$20.000,00 é um homem de 61 anos.

Nas etapas de trabalho da cadeia da farinha, percebemos que tanto mulheres quanto homens atuam em todas elas, como indica a Figura 29. O primeiro agrupamento de ampla participação em ambos os gêneros são as etapas de: *Colheita* (90% dos homens e 69% das mulheres); *Limpeza do Roçado* (85% dos homens e 84% das mulheres); e *Plantio* (84% entre mulheres e homens, na mesma proporção). Em segundo lugar, a ampla participação por parte dos homens, é observada nas etapas de: *Abertura* - corte e a queima do mato (78%); *Processamento da Mandioca* (78%); *Transporte do Roçado para a Casa de Farinha* (73%); *Preparo da Terra* (60%) e da *Maniva* (57%). Em segundo lugar, a ampla participação por parte das mulheres é observada nas etapas de: *Processamento* (57%), *Preparo da Terra* (55%), *Preparo da Maniva* (52%) e o *Transporte do Roçado para a Casa de Farinha* (50%). Em terceiro lugar por parte dos homens, vê-se a etapa de *Ensacamento* (37%) e a de *Produção da Farinha* (33%). Em terceiro lugar, por parte das mulheres, vemos a *Abertura* -

corte e a queima do mato (33%), a *Produção da Farinha* (33%) e o *Ensacamento* (29%). E em quarto lugar de participação por ambos os gêneros, observa-se a etapa de *Transporte e Venda* (homens em 16% e mulheres em 15%) e a de *Registro* (homens em 14% e mulheres em 9%).

De acordo com o universo amostral das entrevistas, o valor recebido pela safra na cadeia da farinha, na mediana, é de R$800 para famílias, sendo uma mediana menor para homens e mulheres (R$500). Na categoria 'Família', há uma parcela menor dos entrevistados que recebe mais, chegando até cerca de R$5.000, afora as discrepâncias, que revelam famílias recebendo acima de R$10.000 e alcançando até R$12.000. Na Figura 29, vê-se um valor disparadamente discrepante de R$20.000 que representa a declaração de um homem de 61 anos, casado, com filhos maiores de 18 anos, e que usa o dinheiro consigo mesmo.

Foto 9 - Ambas as fotos são de Bernardo Oliveira (2021) e demonstram: 1) o transporte da mandioca para a Casa de Farinha; 2) o processamento da farinha com a peneira.
Fonte: Bernardo Oliveira, 2021.

PESCADO:

Dentre as principais espécies associadas à pesca na região estão o *tambaqui*, *surubim*, *jaú*, *pirarara*, *aruanã*, *pirapitinga*, *pescada*, *matrinxã* e *tucunaré*. Realizada com utensílios como malhadeira, tarrafa, arco e flecha, caniço, espinhel e anzol, a pesca pode acontecer ao longo do leito do rio Juruá, nos lagos, igarapés e igapós em torno das comunidades. Apesar de ser uma atividade tradicional tanto para o autoconsumo como para a geração de renda, a pesca não é uma atividade consolidada em relação ao mercado. O escoamento da produção e os canais de venda se dão, principalmente, através de atravessadores (com destaque para os regatões), no comércio para a Unidade de Beneficiamento de Pescado da ASPROC, e nas feiras realizadas na cidade, geralmente organizadas pelos(as) próprios(as) pescadores(as). A seguir, exibimos os resultados sobre como se dão as participações de mulheres e homens na cadeia da pesca, suas etapas produtivas e o acesso à renda proveniente desta (Figura 30):

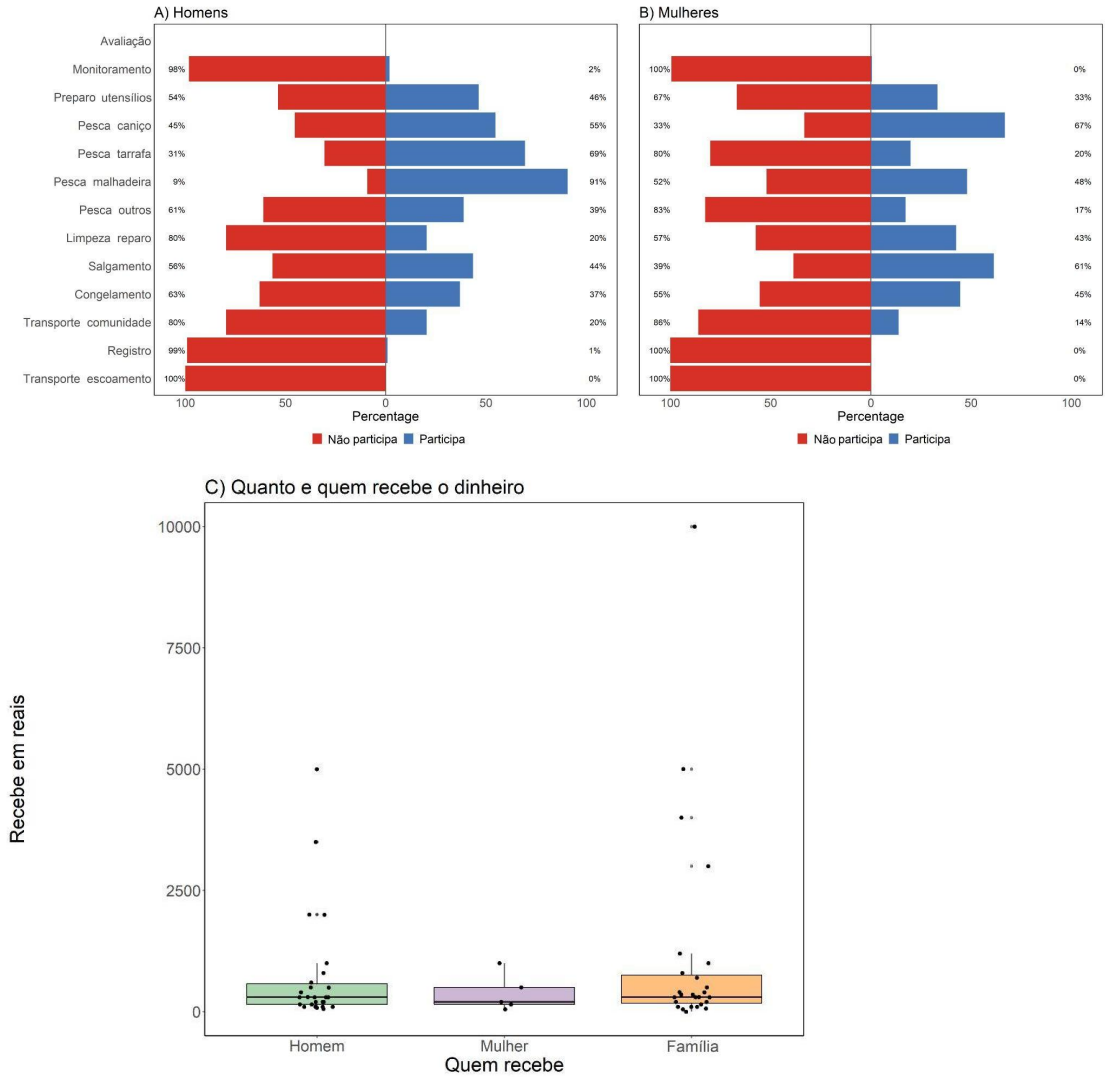


Figura 30: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na atividade de pesca. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da pesca; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família não foi significativa (p = 0.787).

Embora 38% das mulheres e 38% dos homens discordem completamente de que ambos os gêneros têm habilidades e capacidades iguais para desenvolverem as atividades relacionadas aos pescados (Figura 23), percebe-se que os dois grupos estão inseridos em quase todas as etapas desta atividade econômica (Figura 30). É verdade que os homens estão presentes em mais elos da cadeia do que as mulheres. Enquanto elas deixam de participar de 4 etapas (*Avaliação e planejamento*; *Monitoramento e vigilância*; *Registro de informações da pesca*; e *Transporte para escoamento*), eles só não participam de 1 delas (*Transporte para escoamento*), havendo pouca adesão às outras três.

Dos tipos de pescaria praticados na região, as mulheres dominam mais a técnica do *Caniço* (67% delas face a 55% dos homens). Eles costumam realizar a pescaria com as técnicas de *Malhadeira* (91% dos homens, face a 48% das mulheres) e de *Tarrafa* (69% dos homens, face a 20% das mulheres). Outros tipos de pesca são praticados por 33% das mulheres e 39% dos homens. Após a atividade de pesca com a técnica de caniço, a segunda principal etapa que as mulheres atuam é a de *Salgamento* (61% delas, em contraste com 44% deles), que diz respeito a um modo de beneficiamento para maior tempo de conservação do alimento. Outras etapas de grande expressão feminina são o *Congelamento* (45% das mulheres e 37% dos homens) e *Limpeza e reparo dos utensílios* (43% das mulheres e 20% dos homens). Preparo de utensílios são feitos por 46% dos homens e 33% das mulheres. Já no transporte das espécies pescadas para a comunidade, vemos que as mulheres participam em 14%, face e 20% dos homens.

É em casa que a limpeza, a remoção de partes indesejadas do peixe e outros tipos de processamento do alimento acontecem, seja para escoar a mercadoria em canais de venda ou para o consumo da família. Na água ou no lar, a mulher desponta como agente operador fundamental da cadeia do pescado, detendo grande conhecimento sobre esses saberes e práticas. Para mais leitura sobre esse tema, sugere-se a seção "4.2.1 Oficina 1: Pescado na Vila Ramalho" da oficina de grupo focal, realizada na Vila Ramalho, igarapé do Chue, onde as famílias lutam há anos para maior regulamentação da atividade e qualificação da cadeia.

Observando os gráficos relacionados ao recebimento da renda do pescado, temos que o boxplot aponta para a linha mediana em torno dos R$300 (e discrepâncias na ordem de R$2.500 a R$5.000) de forma similar entre homens e família, estando a faixa de renda retida pela mulher em um valor abaixo (R$200 na mediana).

Foto 10 - Tratamento do peixe de modo artesanal.
Fonte: Joseph Hawes, 2020.

MANEJO DO PIRARUCU:

A cadeia do pirarucu de manejo sustentável consiste na captura controlada dos indivíduos de pirarucu, *Arapaima gigas*, em ambientes protegidos e monitorados pelos próprios comunitários. O manejo é uma atividade coletiva que se baseia na organização comunitária para a realização das etapas de proteção dos ambientes, contagem dos estoques da espécie, captura e beneficiamento dos peixes. É a partir do monitoramento dos ambientes e contagem dos estoques que a pesca manejada desta espécie é aprovada pelo IBAMA, que libera no ano corrente uma cota de até 30% do total de indivíduos, contabilizados no ano anterior. Essa é uma atividade econômica de grande destaque na região, por estar alcançando cada vez mais valor agregado ao produto e renda para as famílias, chegando mais próximo ao que se entende pelo conceito de Cadeia de Valor. A seguir, exibimos os resultados sobre como se dão as participações de homens e mulheres na cadeia do pirarucu, suas etapas produtivas e o acesso à renda proveniente desta (Figura 31):

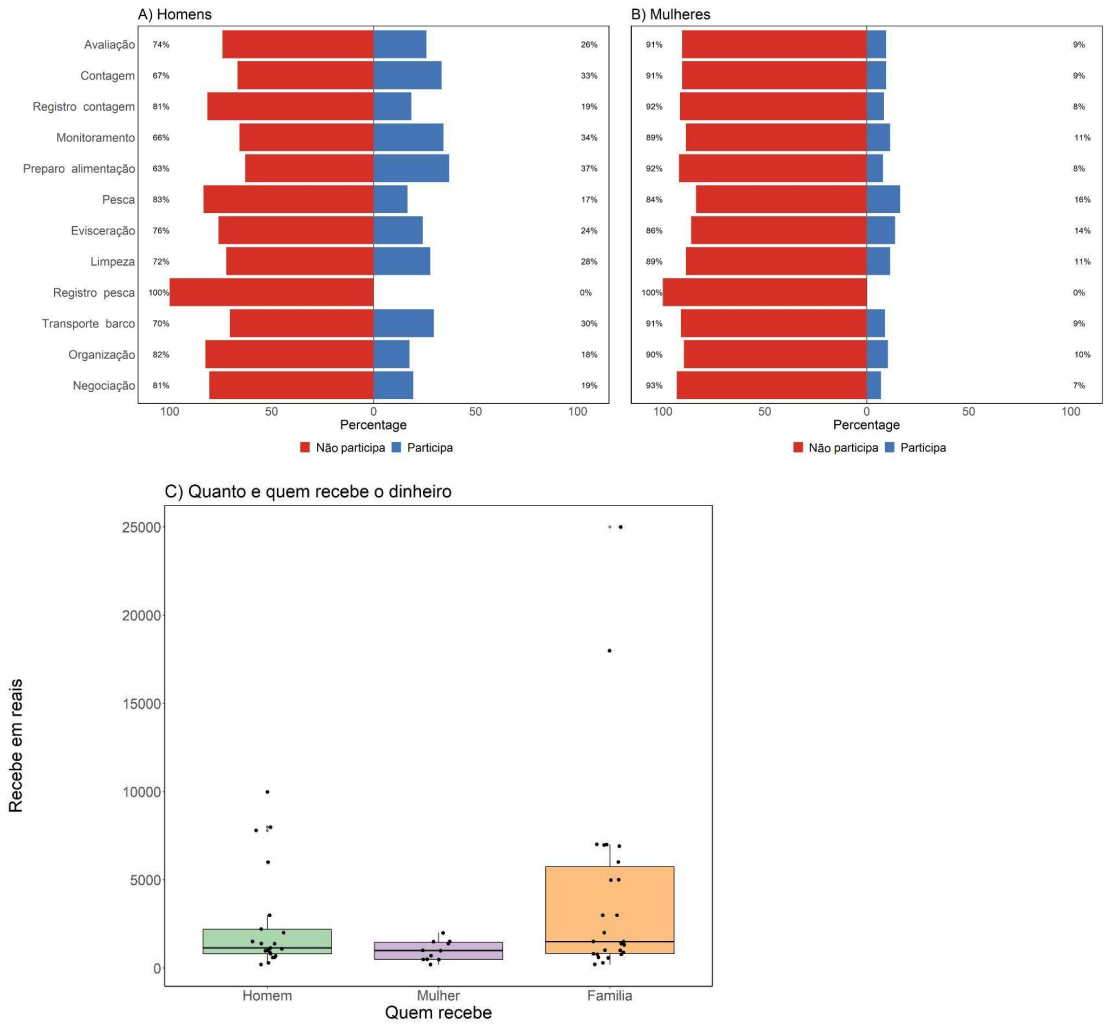


Figura 31: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero no manejo do pirarucu. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa do manejo do pirarucu; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por homens, mulheres e família não foi significativa (p = 0.112).

Após um período preocupante de risco de extinção da espécie, o pirarucu atualmente representa uma história positiva no Médio Juruá, haja vista o manejo sustentável, que vem proporcionando melhorias ambientais e uma ascensão da atividade socioeconômica. Tal ascensão, não obstante, ainda conta com pouca adesão feminina. Ao observar a Figura 31, percebemos que as etapas de maior participação das mulheres são a *Pesca* (16%) e a *Evisceração* (14%), enquanto que as etapas de maior adesão dos homens são as de *Preparo da alimentação* (37%, em contraste com 8% das mulheres), seguida do *Monitoramento* (34%, em contraste com 11% das mulheres), *Transporte para o barco* (30%, em contraste com 9% das mulheres) e *Contagem* (33%, em contraste com 9% das mulheres). Na etapa da contagem tem ocorrido uma grande investida por parte da ASMAMJ, do Instituto Juruá e outras organizações para que haja um acréscimo significativo das mulheres

num cenário futuro próximo, através de cursos, campanhas e incentivos (Foto 11). Outra etapa de suma importância e estruturante para alcançar maior equidade de gênero nesta cadeia é a de *Avaliação*, que atualmente conta com a participação de 9% das mulheres entrevistadas, face a 26% dos homens.

Ainda que sejam poucas mulheres na cadeia do pirarucu, percebe-se que o uso do dinheiro por homens e mulheres é de similar proporção, de acordo com as afirmações apuradas nas entrevistas (Figura 32). No que se refere à renda recebida, percebe-se no diagrama de caixa (Figura 32) que o maior intervalo de distribuição está concentrado na família (mediana de R$1.500, com alcance de até mais de R$5.000), seguido do homem (mediana de aproximadamente R$1.100) e depois da mulher (mediana de R$600). Há pontos de discrepância entre os homens no valor de até R$10.000 e, de forma ainda mais discrepante, para as famílias, nos valores de R$18.000 e R$25.000.

Foto 11 - Peça publicitária da campanha Mulheres na Contagem, que vem ganhando corpo no Médio Juruá, especialmente nos anos de 2021 e 2022.
Fonte: Nathália Messina, 2021.

MURUMURU:

A cadeia do murumuru se refere à coleta de sementes da ***Astrocaryum murumuru*** caídas para obtenção da manteiga vegetal (Foto 1). O período de coleta ocorre nos meses de junho a agosto. Essa cadeia também tem sido muito importante para a

região, uma vez que, devido ao empenho das comunidades e melhoria das condições de produção, foi possível construir uma mini usina para retirada da manteiga, assim os extrativistas agregam valor ao produto, gerando mais renda e emprego na região. A manteiga do murumuru é muito cobiçada pela indústria cosmética, principalmente para a fabricação de cremes, sabonetes e xampus. A produção é comercializada diretamente para a empresa de cosméticos Natura, que atua no Programa Território Médio Juruá (PTMJ) com outros parceiros estratégicos, como as organizações de base, instituições de apoio técnico, além de parceiros internacionais, como USAID/Brasil, Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA) e a Aliança Bioversity/CIAT.

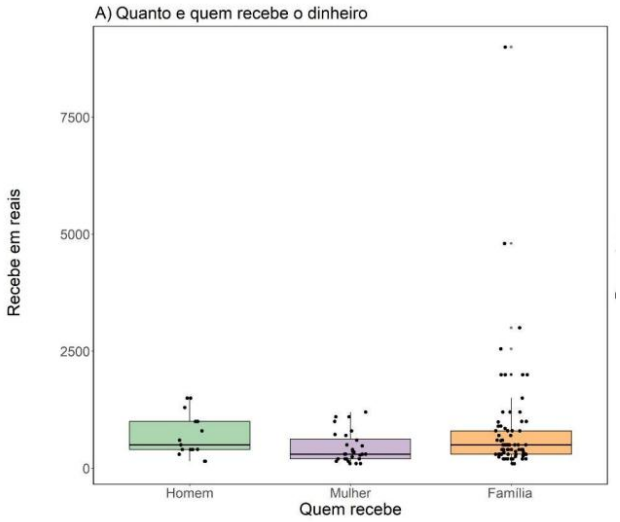


Figura 32: Valores em reais (R$) recebidos por gênero com o extrativismo de murumuru. C) Boxplots mostrando os valores recebidos por homens, mulheres e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família foi significativa (p = 0.047), porém corrigindo para múltiplos testes (correção de Bonferroni) a diferença entre mulheres e família fica não significativa (p = 0.078).

Com relação à renda proveniente do murumuru (Figura 32), percebe-se certa similaridade entre homem e família, que se revelam linhas medianas maiores (R$500) do que a mediana da mulher (R$300). Há uma discrepância mais acentuada para a família, que chega a valores como R$3.000, R$5.000 e disparadamente, fora da curva, a um valor de quase R$10.000.

A figura gráfica relativa à participação de homens e mulheres na etapa da cadeia do murumuru não está exposta, pois houve um problema técnico no programa informático (*bug*) do aplicativo *FastField*, durante as atividades de campo (coleta e armazenamento dos dados). Para melhor compreensão desta cadeia, sugere-se leitura do relatório no subcapítulo “4.2.3 Oficina 3: Oleaginosas no Roque” sobre a oficina de grupo focal da cadeia das oleaginosas, realizada na comunidade do Roque, com importantes representantes da CODAEMJ - Cooperativa Mista de

Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá. Também é recomendado endereçar a leitura para a sessão sobre a participação de jovens adolescentes nesta cadeia.

Foto 12 - Sementes coletadas de murumuru para secagem e comercialização à CODAEMJ.
Fonte: Carolina Freitas, 2021.

ANDIROBA:

A cadeia da andiroba tem como prática a coleta de sementes da *Carapa guianensis* Aubl. caídas para obtenção do óleo vegetal. O período de coleta ocorre nos meses de janeiro a maio. O óleo da andiroba é muito utilizado como medicina da floresta pelos extrativistas e é um produto muito valorizado pela indústria cosmética devido às suas propriedades medicinais, analgésicas, cicatrizantes, anti-inflamatórias e de ação repelente. Assim como na cadeia do murumuru, a mini usina na sede da CODAEMJ, na comunidade do Roque, também beneficia o óleo da andiroba, agregando valor ao produto e resultando na produção anual média de aproximadamente 25 toneladas de óleo de andiroba, cujas vendas são totalmente direcionadas para a empresa de cosméticos *Natura*.

De acordo com as entrevistas, mulheres e homens atualmente participam da cadeia da andiroba de modo muito similar. Como se vê na Figura 33, na ordem de maior para menor participação, temos que: 65% das mulheres e 68% dos homens participam da *Coleta*; 58% das mulheres e 57% dos homens da *Secagem*; 53% das

mulheres e 56% dos homens da *Limpeza*; 47% das mulheres e 56% dos homens do *Transporte para a comunidade*; 46% das mulheres e 40% dos homens da *Catação (seleção das sementes boas)*; 45% das mulheres e 40% dos homens do *Molho*; 38% das mulheres e 31% dos homens do *Empacotamento*; 30% das mulheres e 30% dos homens da Identificação das *Matrizes*; 7% das mulheres e 12% dos homens do *Transporte para o escoamento (porto e cooperativa)*; 6% das mulheres e 8% dos homens do *Registro de produção e venda*.

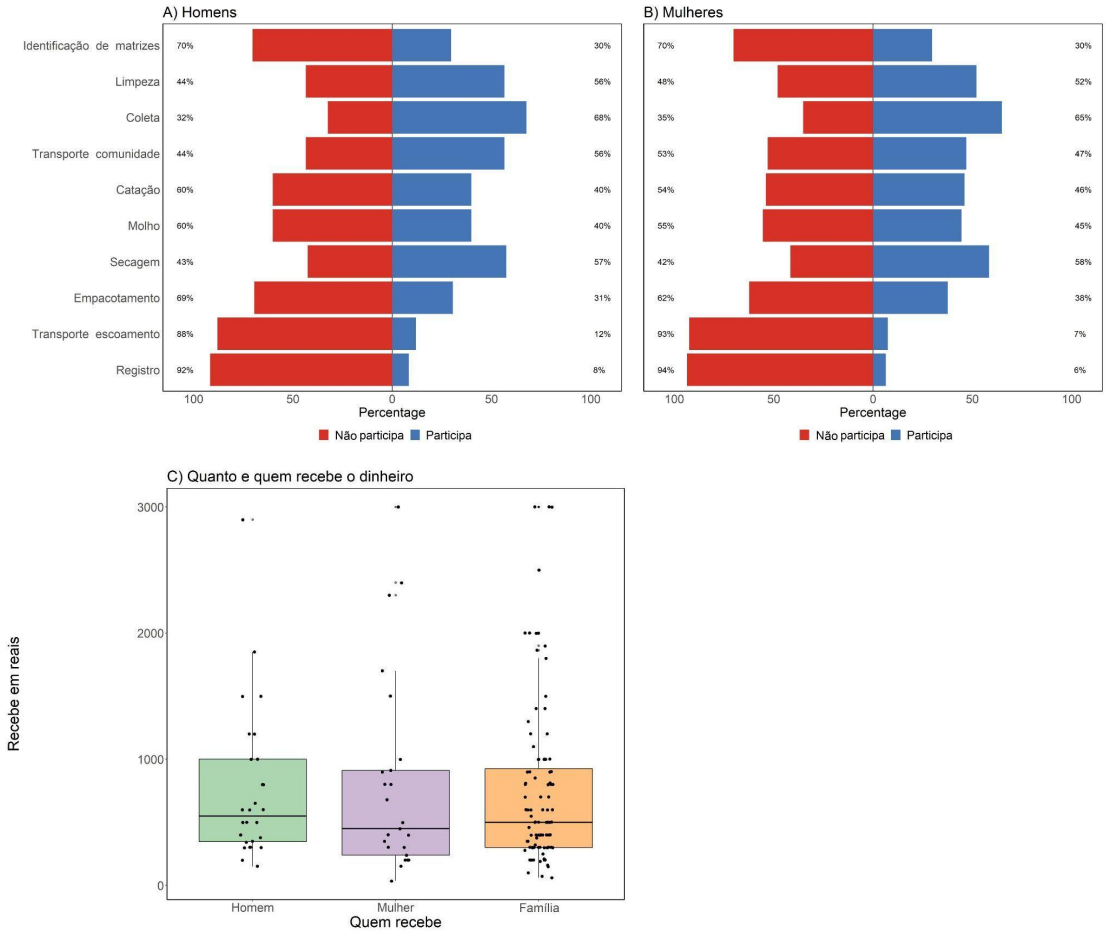


Figura 33: Participação e valores em reais (R$) recebidos por gênero na extração de andiroba. Gráfico Likert mostrando a proporção de A) homens e B) mulheres envolvidos em cada etapa da extração da andiroba; C) Boxplots mostrando os valores recebidos por mulheres, homens e família (marido e mulher, ou filhos recebem juntos). A diferença entre a quantidade de dinheiro recebida por mulheres, homens e família dinheiro não foi significativa (p = 0.823).

Com relação à quantia recebida em dinheiro pela safra da andiroba (Figura 33), exibe-se no diagrama de caixas (boxplot) uma distribuição parecida para homens, mulheres e família, sendo as linhas medianas de homens um pouco acima das linha

de famílias e de mulheres (R$550 para homem, R$500,00 para família e R$450 para a mulher).

Foto 13 - Coletoras e coletores de sementes de andiroba.
Fonte: Bernardo Oliveira, 2021.

Nas demonstrações gráficas acima, percebemos que, de modo geral, homens e mulheres participam de todas as cadeias produtivas, com algumas diferenças relacionadas às ocupações e proporções de gênero por etapas de trabalho. Nas Cadeias do Pirarucu e da Seringa, as etapas são muito mais aderidas pelos homens do que pelas mulheres, sendo que essas são as duas atividades econômicas mais rentáveis dentre as analisadas. Diminuindo gradualmente as diferenças, mas ainda de modo discrepante, percebemos mais homens do que mulheres na imagem global das etapas do Açaí, Pescado e Farinha, porém essas duas últimas, um pouco menos acentuada que a primeira. A cadeia oleaginosa da Andiroba é a que mais revela tendências às participações equitativas de gênero por etapas trabalhadas, mas mesmo nesta cadeia, a faixa mediana de recebimento da renda é menor para a mulher, comparada às categorias de homem e família - o que ocorre em todas as demais cadeias.

Sobre a aquisição da renda mediana, por safra nas cadeias, e a destinação da renda por Homem, Mulher ou Família, , observamos, resumidamente, que:

- Família recebe mais que as categorias de Homem e Mulher nas cadeias da seringa, da farinha e do pirarucu.
- Homem e Família são similarmente remunerados nas cadeias do açaí, do pescado e do murumuru.
- Homem recebe mais que Mulher e Família na cadeia da andiroba, porém de modo pouco discrepante.
- Mulher recebe menos que Homem e Família em todas as cadeias.

Analisando as mesmas evidências expostas acima, sob outro ponto de vista, nota-se:

- Na **Cadeia do Açaí**: homem e família recebem similarmente, na faixa central de R$300. A mulher recebe bem abaixo disso (somente 4 mulheres recebem algum valor, variando de R$50 a R$1000)
- Na **Cadeia da Seringa**: família recebe mediana de R$1.500 acima da mediana dos homens (R$950). A única mulher recebedora dentre as entrevistadas recebe menos, no valor de R$500/safra.
- Na **Cadeia da Farinha**: a família recebe a mediana de R$800,00, podendo alcançar valores bem maiores. Homem e mulher recebem de forma parecida, abaixo da mediana da família (por volta de R$500).
- Na **Cadeia do Pescado**: homem e família recebem similarmente o valor de R$300 (e discrepâncias na ordem de R$2.500 a R$5.000). A mulher recebe menos (~R$200 na mediana).
- Na **Cadeia do Pirarucu**: a família recebe cerca de R$1.500 na mediana (podendo alcançar até mais de R$5.000, afora os valores discrepantes). O homem recebe em torno de R$1.100 e a mulher recebe menos (aproximadamente R$600 na mediana).
- Na **Cadeia do Murumuru**: Homem e família recebem similarmente em torno de R$500 na mediana. Mulher recebe menos (aproximadamente na faixa central de R$300).
- Na **Cadeia da Andiroba**: Homem (R$550) recebe mais que a família (R$500) e a mulher (R$450).

Ao serem questionados sobre "*Como usam o dinheiro*" proveniente dessas cadeias produtivas, homens e mulheres demonstraram respostas similares, tendo que: um pouco menos que 60% é destinado à *casa*; um pouco menos que 20% à *reserva*

financeira; na faixa próxima a 20% o dinheiro é destinado ao uso *próprio*; e em menos de 5% dos casos para *outro tipo* de uso.

Ao realizarmos perguntas sobre a percepções dos estereótipo de gênero nas cadeias produtivas, a maioria da mulheres e homens consideram homens superiores na retirada do açaí (mulheres = 87%, homens = 89%), na extração da seringa (mulheres = 77%, homens = 78%), no manejo do pirarucu (mulheres = 67%, homens = 72%) e no carregamento do pirarucu (mulheres = 88%, homens = 85%), conforme observado na Figura 22. Além disso, algumas mulheres e homens (a minoria) consideram essas atividades exclusivamente masculinas, como mostrado na Tabela 8.

Tabela 8: Número de mulheres e homens que consideram o trabalho nas principais cadeias produtivas como exclusivamente masculino.

Atividade	Nº Mulheres	% Mulheres	Nº Homens	% Homens
Roça de mandioca	3	1,4%	1	0,9%
Manejo de pirarucu	13	6,4%	5	4,6%
Pesca	15	7,4%	10	9,3%
Açaí	18	8,9%	4	3,7%
Murumuru	1	0,5%	1	0,9%
Andiroba	2	1%	2	1,8%
Seringa	15	7,4%	14	13%

Quando perguntadas(os) sobre o desejo de participar de treinamentos e/ou capacitações para o trabalho, sejam voltados para as cadeias produtivas comuns no território ou relacionados a outros tipos de atividades, 80% das mulheres e 74% dos homens disseram que gostariam de fazê-lo. Quanto ao assunto de interesse, encontramos que tanto para mulheres quanto para homens, os treinamentos mais

mencionados são relacionados às cadeias produtivas já existentes na região. Para as mulheres: andiroba (34 menções), produção de farinha (30), manejo (19) e contagem de pirarucu (17, Figura 34). Entre os homens, o pirarucu (26), manejo (18) e a seringa (16) se destacam (Figura 35).

Chama a atenção também a diferença na quantidade de treinamentos e capacitações diferentes que foram citadas por mulheres (48) e homens (29). Dentre esses, os citados pelos homens estão na área da tecnologia, elétrica e agricultura, além dos trabalhos manuais e artesanatos "mais pesados", como a carpintaria e a marchetaria. Já as mulheres disseram se interessar por outros tipos de artesanatos, como costura, bordado e biojóias. São também as mulheres que trazem à tona o desejo de aprimoração em atividades relacionadas aos cuidados, e ao bem comum, através das palavras: parteira, capacitação para água, saneamento básico, cozinheira, primeiros socorros, enfermagem, saúde, pesquisa, conservação e educação ambiental. O interesse por esses temas reforça o papel de transformadoras sociais que elas desempenham nas comunidades. Entendemos que, ainda que a feminização do cuidado seja também uma construção social, a movimentação no sentido de pensar soluções e de desejar capacitações para transformar a realidade das comunidades aparece como um diferencial entre as mulheres.

Figura 34: Nuvem de palavras representando respostas das **mulheres** quando questionadas quanto ao tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam número similar de menções.

Figura 35: Nuvem de palavras representando respostas dos **homens** quando questionados quanto ao tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. As palavras 'pirarucu', 'manejo' e 'seringa' foram citadas 26, 18 e 14 vezes, respectivamente.

As atividades relacionadas às cadeias produtivas tem uma periculosidade associada, assunto que abordamos a partir da percepção dos entrevistados. A atividade percebida como mais perigosa pelas(os) entrevistadas e entrevistados é a coleta de açaí, seguida da coleta de murumuru, vista como perigosa pelas mulheres, e atividades na roça e na seringa, vistas como perigosas pelos homens, enquanto a considerada menos perigosa por homens e mulheres é o manejo de pirarucu (Figura 36).

A periculosidade pode ser caracterizada pelo fator "fatalidade", ou seja, a submissão do empregado a risco de vida, em função das atividades por ele exercidas. Como exemplo cita-se as atividades de segurança pessoal. Já a periculosidade é definida nos artigos 193 a 196 da CLT e na NR nº 16 do MTE[40], que prevê o pagamento adicional, correspondente a 30% sobre o salário-base. Porém, essa discussão é muito incipiente no que se refere aos trabalhos extrativistas. Não existem legislações específicas que assegurem direitos relativos aos riscos associados a essas atividades. Por isso, entramos em contato com profissionais e lideranças que atuam com comunidades e organizações extrativistas para elucidar sobre o tema.

[40] Os artigos 193 e 196 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) dispõem sobre as Normas Regulamentadoras No. 16 (NR-16) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que tratam das questões trabalhistas, relacionadas às atividades perigosas, prevendo pagamento do adicional de periculosidade.

De acordo com Dione Torquato, secretário geral do CNS, "*o extrativismo é considerado uma atividade autônoma, realizada muitas vezes de forma coletiva, e por ser uma atividade autônoma e informal, nós temos tido dificuldade de conseguir equipamentos de proteção e segurança (EPI)*". Parafraseando Torquato, o que tem sido discutido sobre esse tema em projetos socioambientais, é a inclusão de cursos e debates coletivos informativos sobre os cuidados relacionados a segurança do trabalho e a aquisição de EPIs, para que os extrativistas possam ter o máximo de proteção possível. As fatalidades e acidentes que ocorrem são uma realidade, mas atualmente é muito difícil, em ocasiões de acidentes, que o previdenciário obtenha amparo, já que o mesmo não trabalha com a CLT e nem está resguardado por um trabalho formal, como por exemplo ocorre na agricultura familiar. Tendo em vista os imensos desafios pelos quais os extrativistas passam, "*o que tem sido feito de forma histórica é buscar construir políticas públicas que dêem amparo e visibilidade a essas atividades das economias da sociobiodiversidade, como açaí, castanha, murumuru, e tantas outras que tenham o mesmo grau de risco mas que são muito importantes para a economia extrativista*", afirmou o secretário geral do CNS.

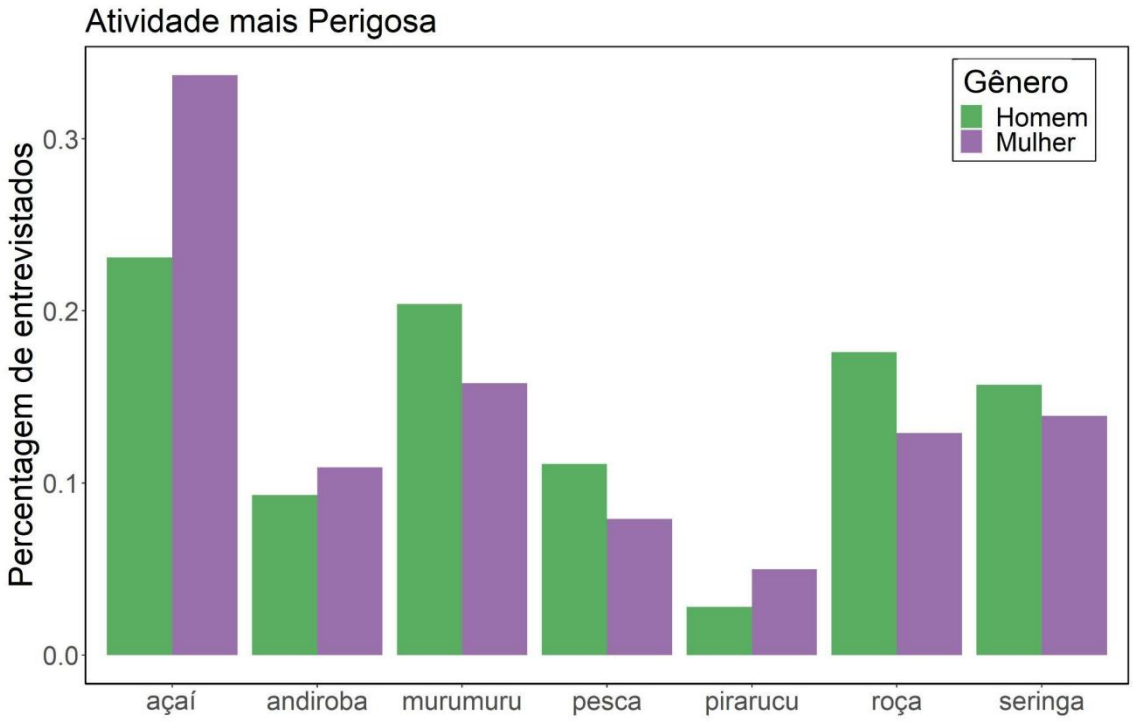


Figura 36: Atividade indicada pelos entrevistados como a mais perigosa (entre as que compõem as sete principais cadeias produtivas).

Ainda com enfoque na periculosidade e na questão dos acidentes no ambiente de trabalho, perguntamos às entrevistadas e aos entrevistados se conhecem um caso de acidente que tenha acontecido nas comunidades durante a realização de cada uma das atividades acima (Tabela 9). Além disso, perguntamos que consequências o acidente causou e que tipos de perigos eles relacionam a cada atividade (com

exceção das cadeias da andiroba e do manejo de pirarucu, para os quais menos de 10% das(os) entrevistadas(os) disseram conhecer um caso de acidente).

Tabela 9: Número de entrevistados que disseram conhecer um caso de acidente que tenha acontecido durante a realização de atividades relacionadas às das cadeias de valor abaixo.

Atividade	Nº de entrevistadas(os) que conhecem caso de acidente
Açaí	179 (58%)
Murumuru	30 (9,7%)
Roça	104 (34%)
Seringa	44 (14%)
Andiroba	26 (8%)
Pesca	58 (19%)
Pirarucu	12 (4%)

As respostas indicaram que, para a coleta de açaí, os acidentes são principalmente relacionados à queda do coletor durante a subida na palmeira, que comumente levam à fratura de membros, podendo causar morte, perda de consciência e de mobilidade (Figura 37A). Foram citados, ainda, acidentes com o facão (terçado), necessário para retirada do cacho, que pode causar cortes ao próprio coletor ou cair sobre alguém que esteja abaixo do pé de açaí (Figura 37A).

No caso da coleta de murumuru, o principal perigo associado se refere a acidentes com cobras peçonhentas, além do ataque por onças e ferimentos causados pelos espinhos da palmeira (Figura 37B). As principais consequências de acidentes citados são perda de consciência, perda de mobilidade ou de sentidos e fratura de membro (Figura 37B).

No contexto da extração de seringa, as principais ameaças percebidas pelas entrevistadas e entrevistados são picadas de cobra e ataques por onças, enquanto os acidentes descritos geralmente levaram a morte, com casos de perda de mobilidade ou sentidos e de fratura de membro (Figura 37C).

Na atividade da pesca, o ataque por jacarés aparece como perigo primordial, levando, em ordem decrescente de citações, a perda de membro, perda de consciência e morte (Figura 37D). Aparecem também, com menor importância, a possibilidade de afogamento, acidentes com arraias ('esporada') e cobras (Figura 37D).

Para a cadeia da roça de mandioca, a queda de árvores, o corte causado por moto-serra ou pelo terçado são os principais motivos de acidentes durante a limpeza da área para plantio (Figura 37E). Esses acidentes comumente levam a fratura de membros, podendo ser letais (Figura 37E).

Figura 37: Consequências de acidentes relacionados às cadeias produtivas e perigos mais comumente associados às atividades.

4.1.3 Percepções de Qualidade de vida, Papéis de gênero e Valores

Em análise à pesquisa de opinião sob uso da Escala Likert, cuja resposta se dá pelo nível de concordância (nível 5) e discordância (nível 1), avaliamos percepções e valores sobre segurança e autonomia (Figura 17), cuidados com os filhos (Figura 18), autonomia reprodutiva (Figura 19), qualidade de vida e direitos básicos (Figura 20), estereótipos de gênero (Figura 21), trabalho e remuneração (Figura 23), e participação nas cadeias produtivas (Figura 22).

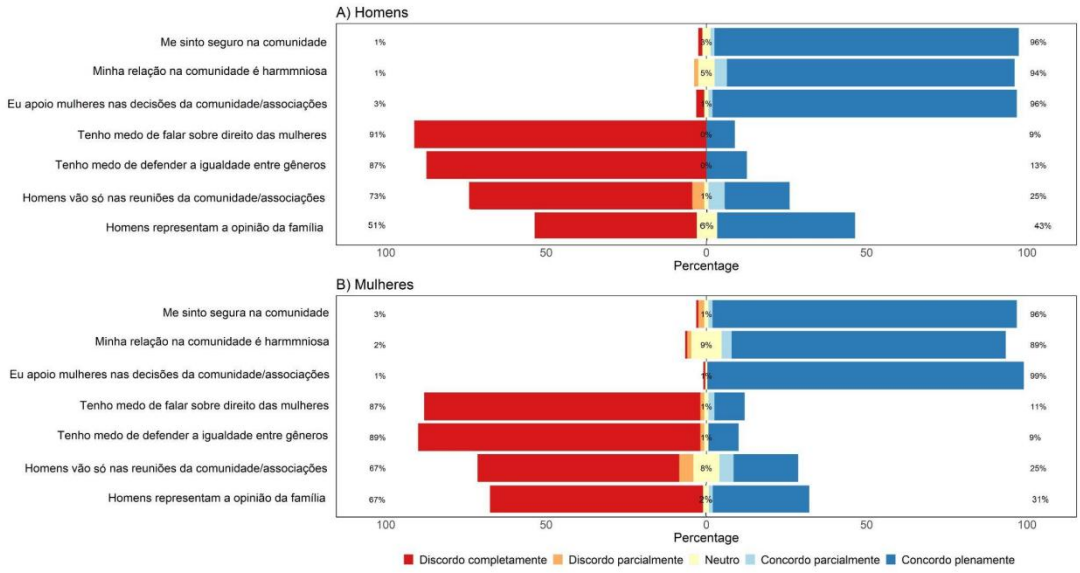


Figura 17: Percepções relativas à segurança física e à autonomia na tomada de decisão por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert.

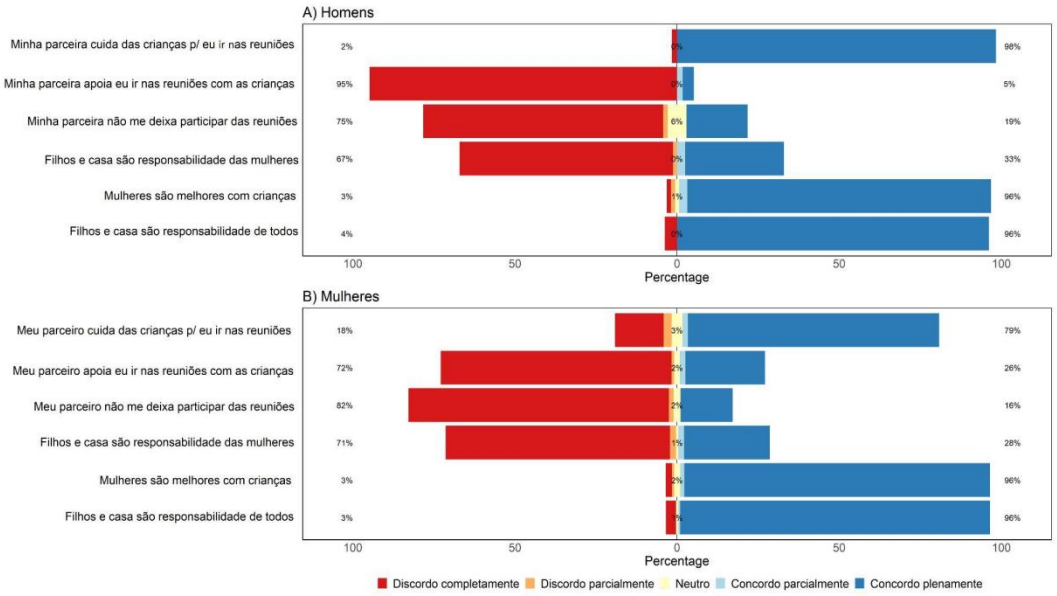


Figura 18: Percepções relativas a estereótipos de gênero e cuidado dos filhos por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert.

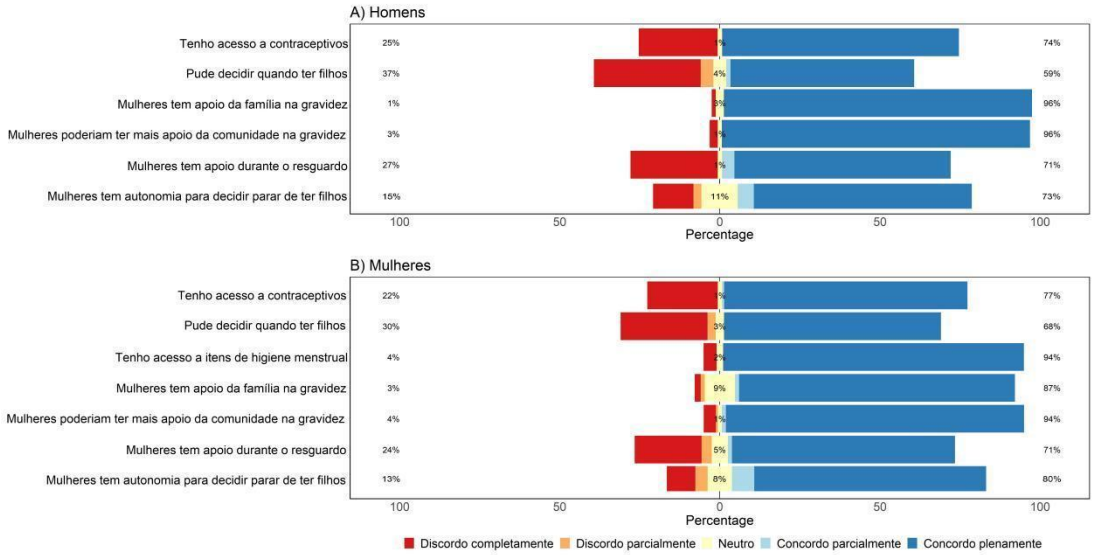


Figura 19: Percepções relativas a direitos reprodutivos por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert.

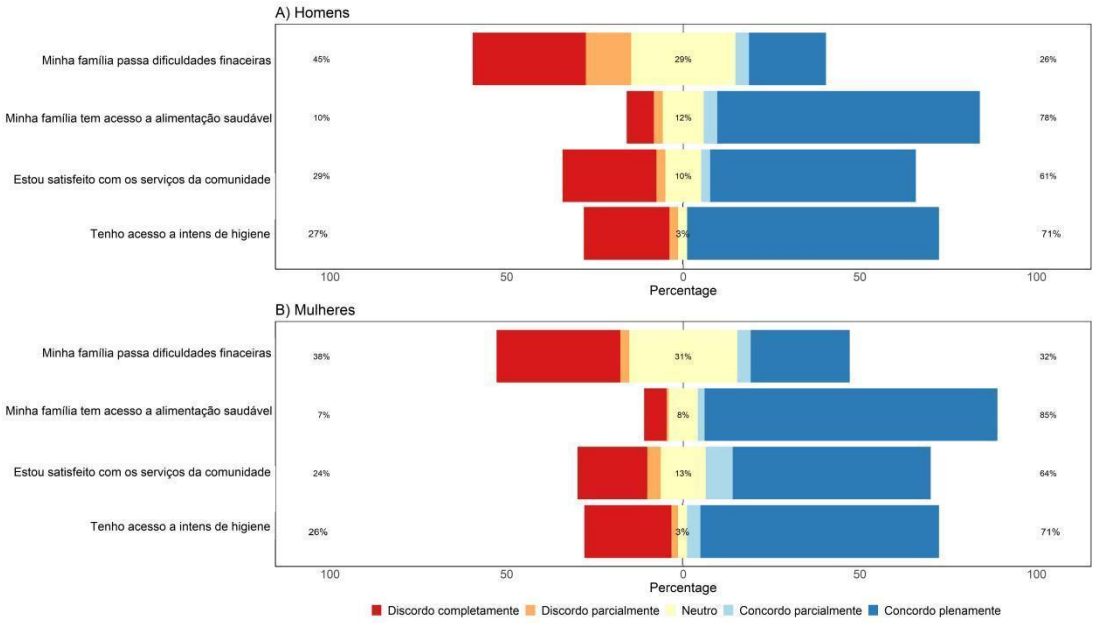


Figura 20: Percepções sobre direitos básicos e qualidade de vida, por homens (A) e mulheres (B) com base na escala Likert.

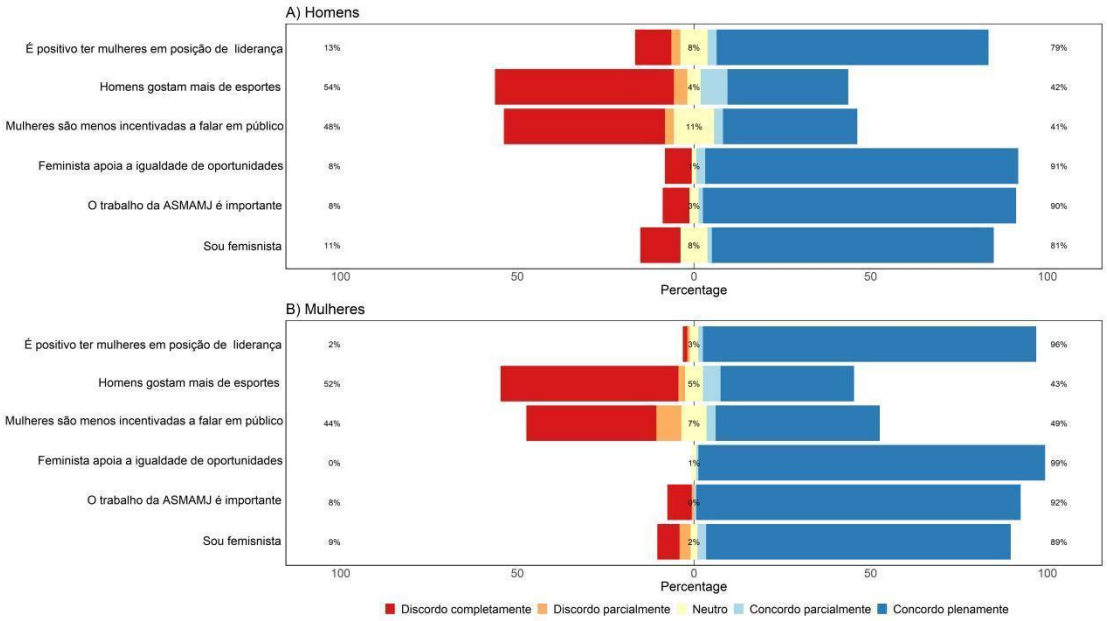


Figura 21: Percepções relativas a estereótipos de gênero e feminismo por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert .

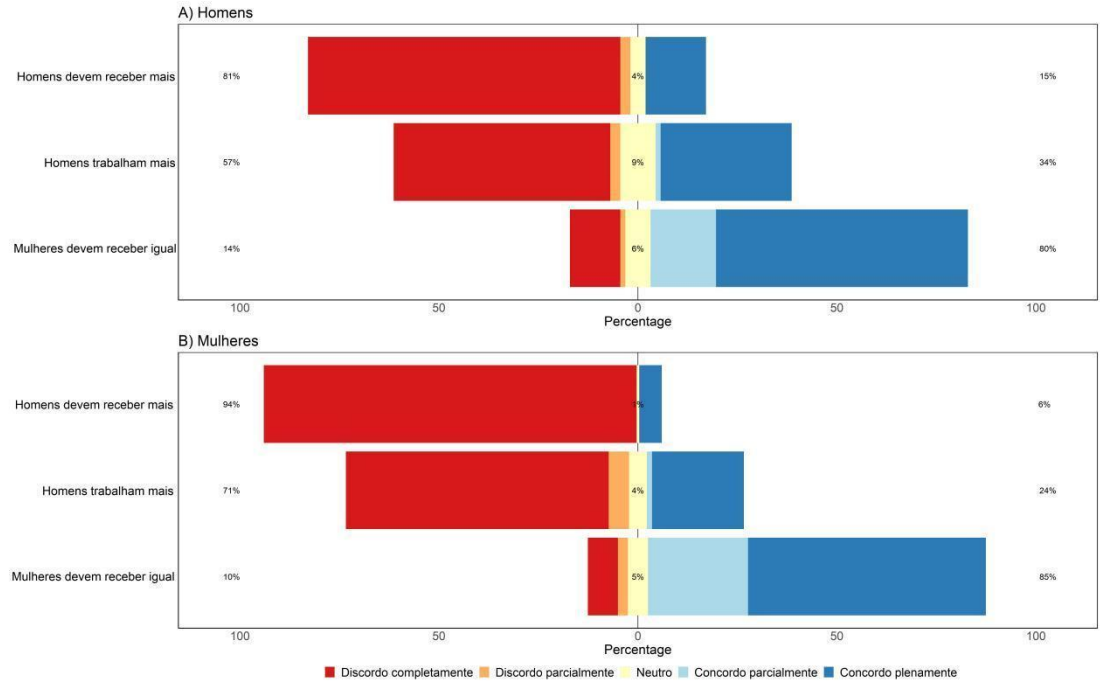


Figura 22: Percepções de estereótipo de gênero, trabalho e remuneração por homens (A) e mulheres (B), com base na escala Likert.

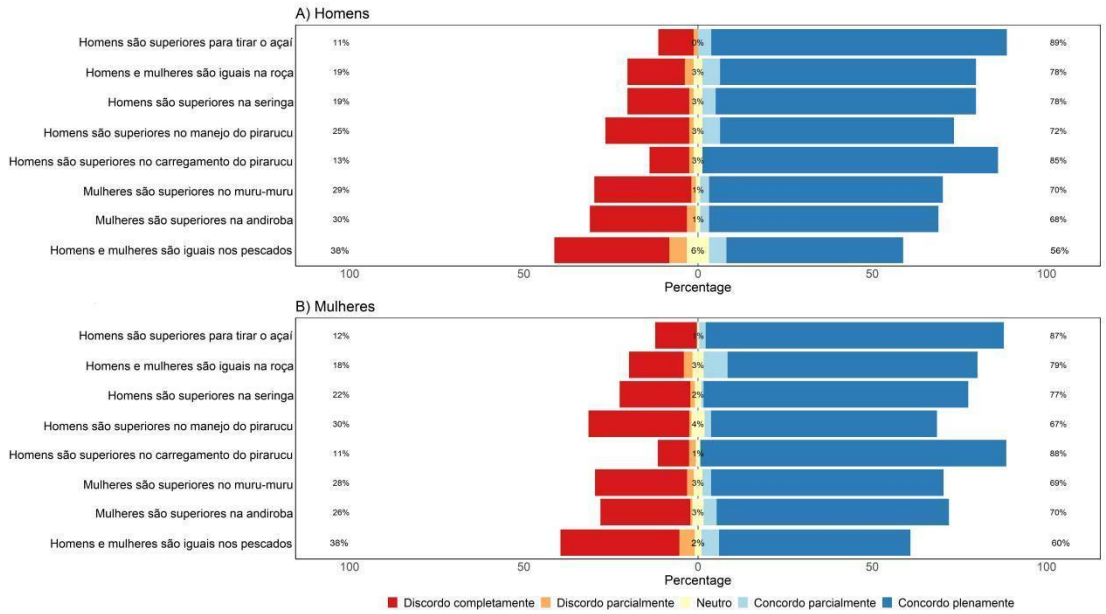


Figura 23: Percepções de estereótipo de gênero e habilidades de homens e mulheres nas diferentes cadeias produtivas, por homens (A) e mulheres (B), conforme escala Likert.

Percebe-se que os resultados obtidos a partir da psicometria com escala Likert indicam perceções bastante igualitárias, salvo exceções, entre homens e mulheres, com um viés mais feminista do que machista. No entanto, ao analisar o cruzamento de dados em certas questões, nos deparamos com realidades destoantes. Por exemplo, a questão da saúde aparece como um motivo para os entrevistados que querem deixar a comunidade e também nos seus sonhos, como algo que desejam para si e a família (Figura 38), e medos, na forma de receio de doenças e dificuldade de acesso a tratamentos (Figura 41). Porém, quando questionados se estão satisfeitos com a saúde oferecida na comunidade, a maioria, 62% dos homens e 64% das mulheres concordaram plenamente (Figura 20).

Outro exemplo a ressaltar é a percepção sobre a divisão do trabalho doméstico: 98% das mulheres e 96% dos homens concordaram que '*o cuidado com os filhos e com a casa é responsabilidade de todos da família*' (Figura 18), o que não parece ser posto em prática se levamos em conta a distribuição de uso do tempo por mulheres e homens (Figura 24, Tabela 7), que será discutida na próxima sessão. Apesar do alto grau de concordância com a afirmação, a maioria das mulheres dedica mais tempo para este fim do que os homens: elas dedicam 34% do seu tempo ao lar e à família, enquanto eles investem apenas 22% do tempo nessas atividades (Tabela 7). Outra questão anteriormente exposta também já revelou que as pessoas dependentes de cuidados familiares à parte dos filhos (acamados, idosos, etc.) contam com cuidadoras que são mulheres em 100% dos casos. Tal contraste demonstra a necessidade de incluir múltiplas estratégias para traçar o perfil socioeconômico dessas comunidades e de contrastar os diferentes resultados para alcançar uma visão mais holística da situação e da percepção dos entrevistados. Destacamos, ainda, o fato de 34% dos homens e 24% das mulheres concordarem com a afirmação "*homem trabalha mais do que mulher*", posicionamento provavelmente relacionado

à desvalorização do trabalho doméstico enquanto trabalho essencial à perpetuação da vida.

Ainda sobre esse tema, há um resultado que chama a atenção: mais de 80% de homens e mulheres se declaram feministas (Figura 21). De antemão, questiona-se o entendimento sobre feminismo para as pessoas entrevistadas e em que medida a teoria condiz com a realidade praticada.

4.1.5 Sonhos e desejos; Medos e aflições

Perguntamos às entrevistadas e entrevistados quais seus maiores sonhos e desejos na vida. Entre as palavras mais mencionadas estão carreira, estudo (acesso à educação), estudo associado a filhos, dinheiro, emprego e saúde, entre outras (Figura 38). Essas respostas se relacionam com os motivos citados pelos poucos entrevistados que afirmaram ter intenções de deixar a comunidade (acesso à saúde, educação, emprego).

Além disso, a preocupação quanto ao acesso a estudos, dinheiro, emprego e o anseio por melhoria de vida, que aparecem na expressão dos sonhos e desejos, podem ser reflexo da incerteza quanto ao acesso a serviços básicos e da exposição a situações de dificuldade financeira. Nesse sentido, 26% dos homens e 32% das mulheres entrevistadas disseram concordar com a frase "minha família passa por dificuldades financeiras" (Figura 20).

Figura 38: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos adultos **(homens e mulheres)** quando perguntados qual o maior sonho/desejo da vida. O tamanho das palavras é proporcional ao número de vezes que foram citadas. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. As palavras 'estudo', 'dinheiro' e 'estudo filhos' foram citadas 30, 29 e 28 vezes, respectivamente, enquanto 'saúde', 'emprego' e 'carreira educação' (referindo-se à vontade de seguir carreira na área da educação), tiveram 24, 20 e 20 menções.

Analisando os sonhos citados de acordo com o gênero dos entrevistados, temos que filhos, carreira e estudo tem importância central nos sonhos das mulheres (Figura 39). Para os homens, os sonhos estão fortemente associados com dinheiro, saúde e família (Figura 40).

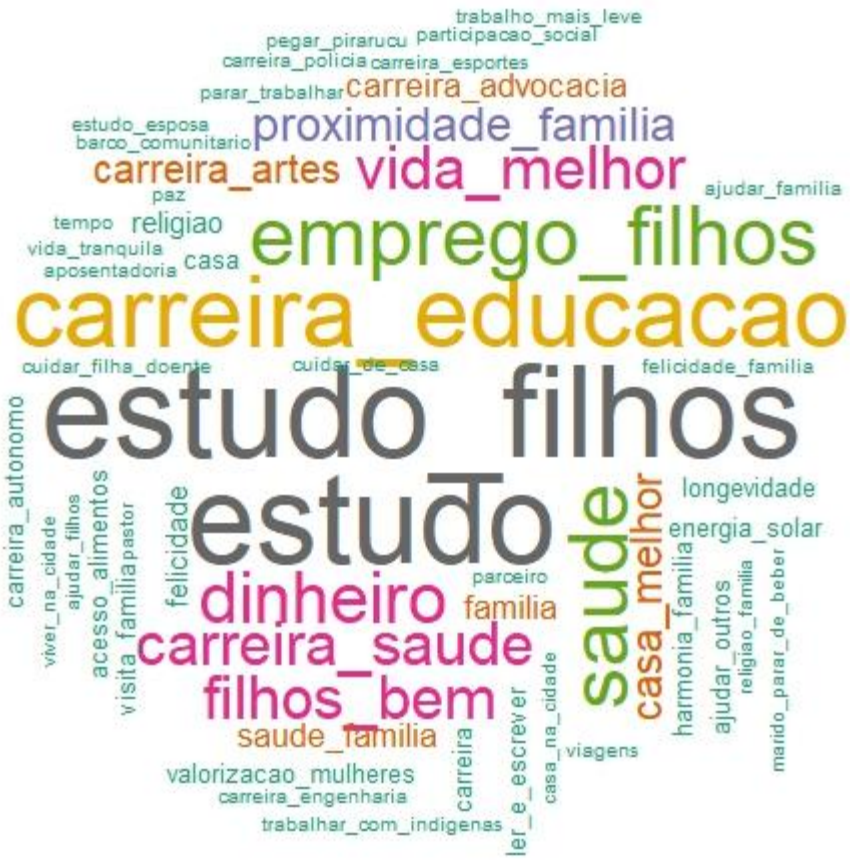


Figura 39: Nuvem de palavras representando palavras mais citadas pelas **mulheres** quando perguntadas qual seu maior sonho/desejo da vida. 183 mulheres responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. 'Estudo' e 'estudo filhos' foram citadas 24 e 23 vezes, respectivamente.

Figura 40: Nuvem de palavras representando palavras mais citadas pelos **homens** quando perguntados qual seu maior sonho/desejo da vida. 99 homens responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. 'Dinheiro' e 'saúde' foram citadas 18 e 10 vezes, respectivamente.

Quando questionados sobre seus maiores medos, aflições ou preocupações (Figura 41), as entrevistadas e os entrevistados novamente apontaram a saúde, usando as palavras doença, morte e drogas, além de família (filhos) e animais (referindo-se a predadores e peçonhentos). Esse medo relacionado à saúde conversa com o fato de que 29% dos homens e 24% das mulheres discordam da afirmação "*Estou satisfeita(o) com o acesso a serviços de saúde na comunidade*" (Figura 20).

Figura 41: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos adultos **(homens e mulheres)** quando perguntados qual era seu maior medo. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. 'Filhos' e 'família' foram citadas 44 e 42 vezes, respectivamente.

Olhando separadamente para os medos e aflições de mulheres e homens, as principais fontes destes sentimentos são comuns entre homens e mulheres, relacionadas a família, filhos, doenças e morte (Figura 42 e Figura 43). No entanto, na nuvem que corresponde aos medos das mulheres (Figura 42), aparecem palavras como "marido", "ex-marido", "brigas", "julgamento". O fato de as três primeiras palavras aparecerem como medos e aflições é um indicativo da ocorrência de violência doméstica na região, problema grave e recorrente no Brasil. A violência doméstica que parte de parceiros íntimos contra mulheres é prevalente no mundo todo: um estudo publicado Fevereiro deste ano (Sardinha et al. 2022), baseado em dados mundiais, indica que, entre as mulheres de idade entre 15 e 49 anos que já tiveram relacionamentos com homens, 27% já sofreram violência física ou sexual ao longo da vida.

Figura 42: Nuvem de palavras representando palavras citadas pelas **mulheres** quando perguntadas qual seu maior medo/aflição. 188 mulheres responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. 'Filhos', 'família' e 'drogas filhos' foram citadas 34, 28 e 23 vezes, respectivamente.

Figura 43: Nuvem de palavras representando palavras citadas pelos **homens** quando perguntados qual seu maior medo/aflição. 93 homens responderam a essa pergunta. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. 'Família', ' morte família' foram citadas 14 e 12 vezes, respectivamente, enquanto 'filhos' e 'doenças' foram citados 10 vezes cada.

Trabalhos que tenham como foco o empoderamento feminino - financeiro e psicológico - e o estabelecimento de redes de apoio nas comunidades têm o potencial de amenizar esse tipo de situação, como aconteceu em outras regiões da Amazônia. Um forte exemplo disso é o Movimento das Mulheres do Nordeste Paraense (MMNEPA), liderado pela produtora rural, assistente social e ativista, Rita Teixeira, que por meio da união entre as mulheres, a prática de rodas de conversa de mulheres e o uso da Cartilha Agroecológica, elaborada pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), tem empoderado mulheres financeiramente e reduzido o número de casos de violência contra a mulher[41,42].

Outro termo que surge como preocupação exclusiva das mulheres é "*gravidez_ filhos*" (referindo-se ao medo de que as filhas e filhos se tornem mães e pais precocemente). Ainda que 68% das mulheres e 81% das meninas tenham afirmado que podem decidir quando ter filhos (Figura 19), essa questão ainda causa preocupação e medo, evidenciando a percepção da gravidez precoce como uma barreira ao desenvolvimento pleno do potencial dos jovens.

Por outro lado, há medos que aparecem apenas na nuvem dos homens como, "dependência" e "perda da cultura", "perda de conquistas sociais", "situação do mundo", "eventos climáticos". Esses podem ser indicativos de que as preocupações dos homens estão no nível de problemas amplos e universais, já que seus direitos básicos e reconhecimento social são dados como garantidos em sociedades patriarcais, em oposição aos direitos das mulheres, adquiridos e mantidos por meio de luta constante.

4.2 OFICINAS: Mapeamento de Cadeias de Valor Sensíveis ao Gênero

O "*Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero*"[43] é uma ferramenta de grupo focal utilizada para identificar uma imagem global das cadeias produtivas sensíveis ao gênero na agricultura familiar. O uso da ferramenta se dá com a aplicação de oficinas participativas de sensibilização sobre o tema e que promovam

[41] Silva, Déborah A. S. Gestão Social: Incidência no Movimento de Mulheres no Combate à Violência Contra a Mulher. Um estudo no Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense, Capanema, Pará. Monografia (TCC) - Curso de Administração, Universidade Federal Rural da Amazônia, Capanema. 56 p. 2017.

[42] Teixeira, Rita. Uma história de luta efetiva e afetiva pelos direitos de todas. In: Luchadoras: mujeres rurales en el mundo = Lutadoras: mulheres rurais no mundo / Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. – 2da ed. – San José, C.R.: IICA, 2019. p. 251 - 256.

[43] A ferramenta *'Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero'* (Disponível em: <https://www.programacap.org.br/material/caixa-de-ferramentas-de-genero-em-cadeias-de-valor-2019/>, acesso em Agosto de 2022) *é* apresentada pelo material didático do "Programa de capacitação em gestão para técnicos de ATER - CapGestão", implementado através do projeto Mercados Verdes e Consumo Sustentável. O Projeto é promovido pelo Governo Federal da Alemanha, por meio da *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit* (GIZ) GmbH, com o apoio do consórcio ECO *Consult Sepp & Busacker Oartnerschaft* e IPAM Amazônia, em colaboração técnica com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) do Brasil.

diagnósticos basais para ações de equidade de gênero e agregação de valor nas cadeias produtivas.

Como dito anteriormente, para esta dinâmica, as cadeias trabalhadas no Médio Juruá, entre Maio e Junho de 2022, foram: seringa; murumuru; andiroba; açaí; mandioca; pirarucu de manejo; e pescado.

Adiante lista-se na Tabela 10 as comunidades que participaram, conforme programação elaborada junto à ASMAMJ - Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá - para a realização das oficinas.

Tabela 10: Comunidades participantes das oficinas de grupo focal.

Comunidades	Cadeias Produtivas	Data da oficina
Vila Ramalho (Chue)	Pescado	31/05/2022
São Raimundo	Seringa	01/06/2022
Roque	Andiroba e Murumuru	09/06/2022
Pupuaí	Mandioca	13/06/2022
Bacaba	Açaí	20/06/2022
Lago Serrado	Pirarucu de manejo	25/06/2022

Para a escolha das comunidades, o desenho amostral contou com o olhar de quem conhece o território e as cadeias trabalhadas, a fim de escolher lugares em que tais produções são tradicionais. Além disso, levamos em conta o período mais espaçado de tempo em que a expedição permaneceu nas comunidades, visto a necessidade de utilizar o turno da noite para a execução das oficinas.

Nota-se que houve uma flexibilização da metodologia proposta pelos procedimentos pragmáticos da cartilha, a fim de adaptar às condições de aplicabilidade da oficina em um curto espaço de tempo e à realidade contextual do Médio Juruá rural.

Haja vista a relevância dos protocolos da mencionada cartilha, que vem sendo replicada em territórios brasileiros, considera-se fundamental descrever os ajustes que foram feitos, a saber:

Etapa 1) Configurar a Cadeia de Valor e Seus Atores

Essa etapa era iniciada anteriormente à oficina, identificando junto a lideranças e outros(as) moradores(as) a configuração dos elos da cadeia. No momento da oficina havia a validação dos participantes, concordando, suprimindo ou adicionando novas etapas. Em seguida, partia-se para o mapeamento coletivo dos operadores primários da cadeia.

Nota-se que em algumas cadeias, como é o caso da farinha de mandioca, foi necessário esmiuçar mais os elos, alcançando os níveis menores de etapas de trabalho, pois dessa forma aumentou-se a possibilidade de identificar melhor a participação feminina, ocultada pelos elos (que são as etapas macro da cadeia).

Etapa 2) Identificar a Participação Masculina e Feminina

Ao mapear os/as operadores/as primários no quadro, a dinâmica partia para a etapa de votação da participação de homens e mulheres neste segmento. A técnica de votação foi sendo testada de diferentes formas, ora de modo secreto, ora de modo aberto, até que se encontrou a melhor aplicabilidade com este público, que consiste em levantar as mãos para votar.

Na primeira oficina buscou-se mapear a participação de gênero em cada uma das organizações levantadas no quadro (operadores primários, serviços de apoio e instituições reguladoras), não obstante, esse exercício tomou muito tempo e demonstrou ser entediante ao término da ação. Ainda assim, considera-se relevante traçar esse perfil participativo de gênero, podendo haver diferentes propostas para uma aplicação flexível aos variados contextos, considerando público, local, turno, etc.

Etapa 3) Identificar o Trabalho Remunerado e Não Remunerado

Como as cadeias produtivas neste território não oferecem remuneração por etapa, mas sim, pela entrega final do produto, optou-se por não trabalhar esse procedimento, considerando, ainda, que a entrevista semi-estruturada deste diagnóstico fornece o provimento de tais informações.

Etapa 4) Mapear serviços de apoio, serviços operacionais e instituições reguladoras

Essa etapa foi cumprida de forma integral ou, em algumas situações, parcialmente. Neste último caso, justifica-se que os serviços enxergados pelos participantes (operadores primários) na maioria das vezes aludem ao “apoio” de modo geral, não havendo assimilação fácil com os serviços de “regulação” da cadeia. Outro ponto é que em nem todas as oficinas foi possível identificar a posição que tais organizações ocupam dentro dos elos, haja vista as conversas calorosas sobre outras questões tão relevantes quanto.

Etapa 5) Adicionar as situações ou condições relacionadas ao ambiente institucional

Neste momento fazia-se uma leitura de tudo que foi inserido no quadro, e em seguida questionava-se as oportunidades e restrições para o melhor posicionamento feminino na cadeia.

Ao término, era solicitado que uma mulher da comunidade relatasse aos participantes tudo que ocorreu na dinâmica grupal, transmitindo aquilo que foi apreendido por ela.

Assim, em resumo, os principais conteúdos exercitados em cada oficina foram:

I. a configuração da cadeia produtiva e o segmento de atores envolvidos;

II. a identificação de operadores(as) primários(as), entre homens e mulheres, em cada elo da cadeia;

III. a identificação dos serviços de apoio, operacionais e instituições reguladoras; e

IV. a identificação de oportunidades e restrições nas etapas de trabalho, relacionadas ao gênero.

Adiante, segue a relatoria de cada uma das oficinas ministradas.

4.2.1 Oficina 1: Pescado na Vila Ramalho

Cadeia: Pescado

Comunidade: Vila Ramalho (Chue), RDS Uacari

Data: 31/05/2022; **hora**: 19:10 às 20:30

Presentes: 19 comunitários, sendo 13 mulheres e 6 homens

A atividade foi iniciada com apresentação dos trabalhos que estão sendo feitos e das pessoas escaladas para a equipe da ASMAMJ e do IJ.

Como rege a metodologia, a primeira etapa foi de identificação dos elos da cadeia do pescado. Na sequência, a compreensão sobre quais são os agentes operacionais que lidam no dia a dia com as etapas do pescado (operadores primário). Depois houve uma votação para registro da participação de gênero em cada etapa e em cada operador primário. Em seguida, foram mapeados os serviços de apoio e as instituições reguladoras (Figura 44). Por fim, uma apresentação dos resultados com a oratória de duas jovens moradoras da comunidade (Foto 14).

Foto 14 - Oficina participativa sobre a questão de gênero na cadeia do pescado da Vila Ramalho (Chue).
Fonte: Sayori Minato, 2022.

Ao iniciar a oficina, num primeiro momento, foi solicitado para que as pessoas se dividissem em pequenos grupos e discutissem sobre as micro e macro etapas que acontecem na cadeia. Com isso, uma síntese de todos os grupos foi feita para inserção no painel, o que gerou a seguinte sistematização:

1) Insumos e Equipamentos; 2) Pesca; 3) Tratamento; 4) Comercialização e 5) Consumo.

É importante notar que as etapas de comércio e consumo não necessariamente são interdependentes, visto que o pescado nesta comunidade tanto serve para abastecer o mercado, como para o consumo próprio. Neste caso, a depender do modo como se entrega a mercadoria ou se prepara para servir de alimentação, há distintas formas de tratamento.

Em alguns casos, tratar o peixe diz respeito apenas à limpeza e retirada de partes indesejadas (guelras, fato/vísceras) havendo ou não filetagem para a entrega em canais de venda ou para o preparo alimentar da família. Após a limpeza há também outras etapas independentes uma da outra, que são: o salgamento e a secagem ou o congelamento.

Para ambas as etapas – de consumo e de tratamento – a participação da mulher, segundo o grupo presente na oficina, é mais visível, já que, nas famílias e nas comunidades, são elas que lidam diretamente com o preparo do alimento para distribuição ou consumo doméstico (Foto 15).

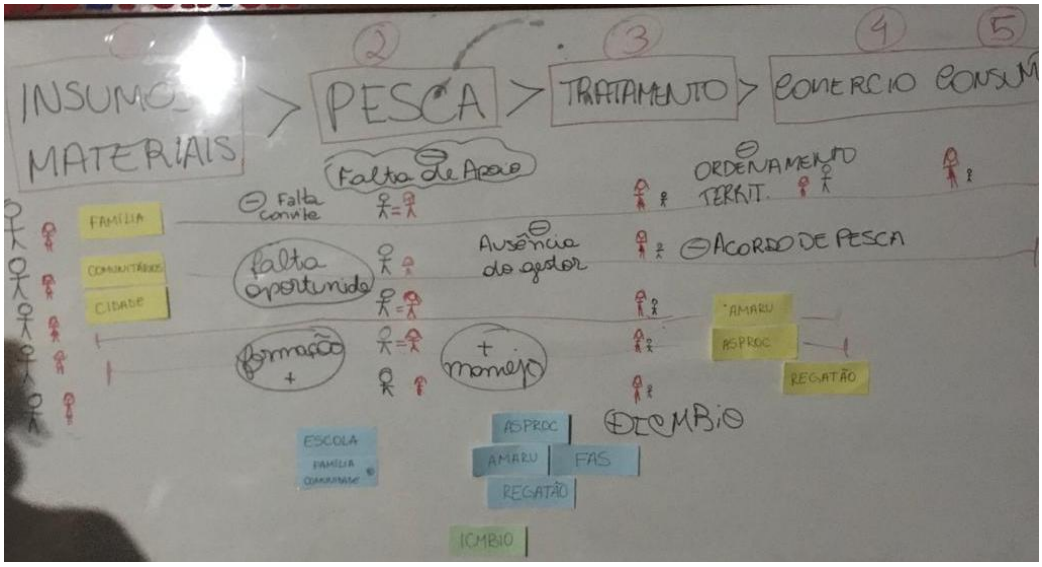


Foto 15 - Quadro gerado sobre a questão de gênero na cadeia do pescado da Vila Ramalho (Chue). Fonte: Fabrício Carvalho, 2022.

Já quando se envolve a etapa de comercialização do pescado, quem costuma levar ao regatão ou outro tipo de mercado são os homens. Questiona-se se o poder de adquirir a renda pelo homem interfere nas tomadas de decisão da família e da mulher. O assunto, porém, não é desenvolvido, sendo este tópico mais direcionado às entrevistas de semi-estruturadas.

No momento anterior à alimentação, venda ou beneficiamento, quando ocorre a prática da pesca propriamente dita, há diferentes formas de participação de gênero, o que geralmente varia de acordo com a técnica de pescaria. É comum entre as mulheres da Vila Ramalho a pesca de caniço, malhadeira (ou caçoeira), mas também se pode observar em menor escala o uso feminino da tarrafa e outros tipos de utensílios e técnicas para captura do peixe, especialmente entre as que são mais ligadas à tradição.

Essa questão também influencia na etapa anterior, referente ao preparo dos insumos, utensílios, materiais e equipamentos: malhadeira, tarrafa, arco e flecha, arpão, etc. Foi citada a confecção e manutenção destes objetos menores, bem como de equipamentos do tipo flutuantes, canoas e outras embarcações, além do preparo e separação de todos os que podem ser usados antes da saída para pesca. A etapa de coleta das iscas também é de grande relevância, sendo que há variados tipos vegetais (frutos, sementes) e animais (geralmente peixes menores). Neste elo da base da cadeia (insumos e equipamentos), segundo o grupo de moradores(as), as mulheres são menos visíveis do que os homens.

Toda essa dinâmica descrita se passa com os operadores diretos da cadeia, que são as famílias e os comunitários de Vila Ramalho e arredores. Grupos externos também são operadores diretos, porém, com outro tipo de participação na cadeia. No caso de moradores das cidades, em sua maioria homens, muitos são considerados invasores e supostamente, na visão dos comunitários, atuam de forma leviana na

RDS Uacari para a venda do pescado. Os regatões aparecem apenas na operacionalização do comércio e embora pratiquem um preço injusto de mercado, em grande parte é a única opção para escoamento da produção. Já as associações de base compostas por homens e mulheres nas posições de diretoria, apoiam o pescado da Vila Ramalho de diversos modos, se fazendo presentes em várias etapas com assistência técnica e impulsionamento como pontapé inicial (preparo de materiais; subsídios para insumos e equipamentos), além da comercialização.

- Afora os agentes operacionais primários, foram mapeados os grupos de atores que prestam serviços de apoio ao pescado local, chegando ao seguinte quadro:
- Entre as associações novamente aparecem a ASPROC (Associação de Produtores Rurais de Carauari) e a AMARU (Associação de Moradores Agroextrativistas da Reserva Uacari), em função da assistência técnica, orientação e subsídios.
- Entre os grupos empresariais e similares, a figura do Regatão novamente aparece.
- Já entre as ONGs e OSCs, um especial destaque para a FAS (Fundação Amazônia Sustentável), que vem apoiando com fundos sociais de benefícios, como o Bolsa Floresta, uma modalidade que é destinada à família, tendo a mulher como titular da conta.
- Entre os serviços de apoio à mulher, observamos a notória importância da Escola Municipal Santo Antônio, localizada na comunidade, que recentemente passou a ter também o Ensino Médio, além do Básico e do Fundamental. Também há grupos de mulheres, como irmãs, tias e avós, que cuidam das crianças enquanto as mães saem para pescar.

Com relação às instituições reguladoras, levantou-se apenas o ICMBio, visto que a SEMA-AM órgão regulador da RDS Uacari, segundo os participantes, têm estado bastante ausente, o que agrava as questões quanto à precária proteção territorial, invasões a lagos e exploração dos recursos aquáticos.

De acordo com os participantes da oficina, nos últimos anos os comunitários têm sentido com frequência a impossibilidade de uso de um de seus lagos, onde há todo o potencial para ocorrer o manejo do pirarucu, o chamado Lago do Puca. Desde 2015 a Vila Ramalho vem buscando entrar em acordo com o herdeiro do antigo dono da terra, anterior à época da reserva (RDS Uacari). O mesmo vem tomando o Lago do Puca como posse privada, inserindo a Colônia de Pesca de Carauari e outros pescadores (ditos “pescadores da cidade” no quadro da oficina) e impedindo o acesso público dos moradores locais, o que, segundo os mesmos, pode ser caracterizado como um uso ilegal do território.

Esta questão é tida como grave para todos de Vila Ramalho, pois enfraquece as possibilidades de consolidar o manejo do pirarucu por ali. Houve no ano passado, em 2021, a primeira contagem para tentativa de “despesca” (nome popular para a pesca manejada de pirarucu no lago), porém, ameaçados e impossibilitados de acessar o

Lago do Puca, os comunitários partiram para o Lago do Tucunaré. Observou-se, no entanto, que não havia cota suficiente para o manejo, o que significa o desequilíbrio desta e de outras espécies no lago. As possibilidades, então, estão no acordo para o uso legal do Puca ou a tentativa para outros dois lagos: o do Tôco e o Preto.

O que nos chama a atenção neste diagnóstico é que, diante das reflexões levantadas pelos moradores na oficina, foi observado que a maior probabilidade de trazer mais visibilidade à mulher na cadeia do pescado é quando ocorre o manejo adequado (Foto 16). Este manejo está em longo processo de estudos e amplas investidas para que se tire protocolos técnicos correspondentes à sustentabilidade na pesca. Com isso, cria-se uma rede de apoio e de fortalecimento junto aos outros grupos operacionais - de apoio e reguladores (comunidades, associações, ONGs, OSCs, fundos sociais, entidades governamentais, etc.) para se alcançar bons resultados na cadeia.

Foto 16: Imagem ilustrativa da feira do pescado organizada pelo ICMBio, do lago de uma comunidade próxima à Vila Ramalho - peixes como pacu, tucunaré, tambaqui, etc., vendidos a preço subsidiado.
Fonte: Manoel Cunha, 2022.

Relatos de moradores no dia seguinte à oficina demonstraram que muitas reflexões e amadurecimentos surgiram com realização desta atividade, como uma verdadeira aula participativa, já que embora a atividade econômica do pescado seja um ponto forte, no dia a dia da comunidade não é comum haver espaço de diálogo sobre isso, especialmente com enfoque de gênero.

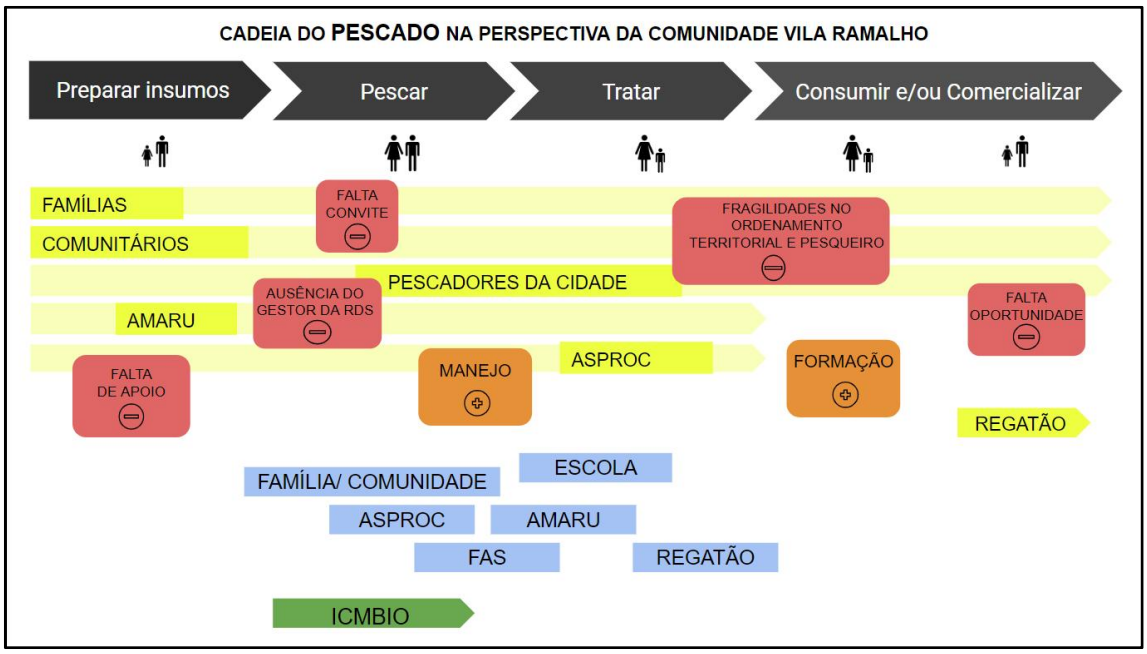


Figura 44: Cadeia do pescado na perspectiva da comunidade Vila Ramalho, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: nesta oficina não foram levantadas as posições dos serviços de apoio; somente da instituição reguladora e das organizações operadoras.

4.2.2 Oficina 2: Seringa em São Raimundo (cadeia da borracha)

Cadeia: Seringa

Comunidade: São Raimundo (RESEX Médio Juruá)

Data: 02/06/2022; **hora**: 19:30 às 21:00

Presentes: 29 comunitários(as), sendo 16 mulheres e 13 homens

Dada a intensa participação dos(as) moradores(as) de São Raimundo na cadeia da seringa, selecionou-se esta comunidade para tratar da temática. Das 33 famílias ali presentes, 30 são extrativistas do látex da *Hevea* sp. para beneficiamento da borracha.

Esta é uma atividade muito cultural na região, desde a época dos chamados "patrões" de seringais, quando o trabalho era escravo ou semiescravo entre os ribeirinhos e ribeirinhas do Médio Juruá. Durante muito tempo o preço da borracha não aparecia como vantagem para os agroextrativistas. No entanto, de alguns anos para cá, houve uma ascensão do preço de mercado, o que motivou a ASPROC a estimular a retomada dos seringueiros locais, fornecendo cursos, assistência técnica e kits para os materiais de trabalho.

Assim, ao desembarcarem na comunidade, a ASMAMJ e o IJ passaram de casa em casa convidando as pessoas que estão envolvidas direta ou indiretamente na cadeia da borracha. A atividade começou com uma apresentação geral do diagnóstico e partiu para a oficina propriamente dita, do mesmo modo como descrito na cadeia do pescado anteriormente.

Os elos apontados para esta cadeia foram resumidos em (Foto 17): 1) Preparar materiais; 2) Abrir Estrada; 3) Cortar; 4) Coalhar; 5) Prensar; 6) Lavar e Secar; 7) Cantina (vender); 8) Comprador.

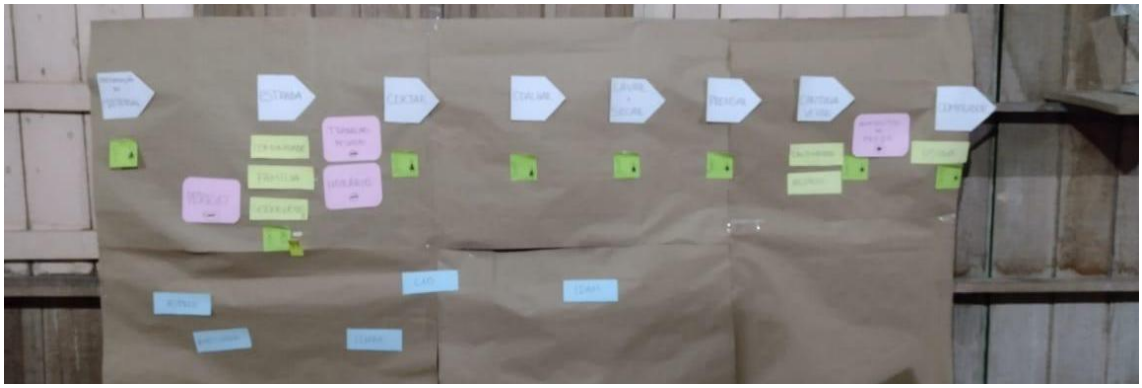


Foto 17: Quadro elaborado na oficina ministrada em São Raimundo.
Fonte: acervo Instituto Juruá, 2022.

Com a divisão de pequenos grupos, as pessoas conversaram entre si, havendo adesão de mulheres, homens e até mesmo jovens de minoridade interessados. Um vocabulário rico e original da cultura seringueira surge com o olhar atento dos jovens: candeeiro, caxinduba, poronga, terçado, tigela e outros nomes surgiram deste léxico próprio e original dos seringueiros. Eles descreveram minuciosamente as seguintes etapas: limpeza das tigelas e baldes, preparação dos adiqueres, faca de cortar a seringueira, além disso, começa a construção de caixa de madeira para coagular e a prensa para prensagem da borracha (Figura 45).

Mulheres e homens se igualam na divisão dos trabalhos relacionados à etapa de preparo dos materiais, havendo destaque para as mulheres no preparo do alimento levado para sustento na estrada (para onde vão principalmente os homens). Ambos os gêneros estão relacionados ao trabalho de limpeza e manutenção dos utensílios.

Já no momento da estrada, que inclui o planejamento das árvores a serem cortadas, abertura da estrada com limpeza da mata, preparo da área, piquete e manutenção, houve um intenso debate sobre a participação de gênero. Embora a conclusão tenha sido de maior adesão dos homens do que das mulheres, muitas disseram estarem presentes na limpeza do mato com o terçado e nas andanças pela floresta, apoiando o trabalho e tornando-o possível e menos árduo. Foi sugerido que essa é uma parte muito perigosa do trabalho, pois é quando se depara com animais como a onça, a cobra e outros bichos peçonhentos. A visão masculina revelada é no sentido de

proteção e preocupação com a mulher nesse tipo de trabalho, o que pode reforçar o estereótipo mais atrelado à cultura de gênero vivida hoje. Há ainda outras restrições, tais como o horário de costume para o corte (na madrugada) e trabalho pesado.

Com a estrada aberta, bem mantida e as seringueiras selecionadas, as tarefas para raspar e sangrar a casca da árvore começam a ser feitas, sendo evidenciado nos tempos de hoje o desempenho do homem. Para a mulher que atua junto ao companheiro (geralmente, o pai ou o marido) no corte, comumente é designada a colheita do látex, segundo o grupo presente. Durante a colheita, a mulher percorre, portanto, a mesma distância no interior da mata que o homem que faz o corte. Ainda assim, a participação feminina nessa etapa costuma ser invisibilizada pelos seringueiros da comunidade, seja por preocupação quanto aos perigos da estrada ou por outros tipos de crenças que acabam bloqueando a atividade das mulheres em uma das cadeias mais rentáveis da região.

Rosangela Cunha, presidente da ASMAMJ e moradora criada em São Raimundo, cita nesse momento que se não houver a prática de ensinamento às mulheres, fica mais difícil da mesma participar e de ser reconhecida como capaz. Ela lembra, ainda, que nos tempos antigos dos velhos seringais, havia muita mulher trabalhando, tanto que hoje vários jovens declaram sobre o trabalho de suas avós, bisavós e outras mulheres anciãs ajudando a transmitir a prática de geração para geração para garantir o melhor jeito de se cortar, de se colher, o melhor local e o momento para que se tire um leite de qualidade.

Além disso, os comunitários indicaram que a participação das mulheres no trabalho nas estradas durante a madrugada é condicionada à existência de filhas mulheres em idade suficiente para realizar o serviço doméstico e de cuidado com filhas e filhos mais jovens. Dessa maneira, é comum que mãe e filha se revezem nos trabalhos de seringa e no doméstico, ou seja, quando uma vai à estrada, a outra realiza o serviço na casa e vice-versa. É importante destacar aqui que essa conformação significa que o trabalho doméstico e não remunerado é considerado responsabilidade das mulheres, seja a mãe ou a filha mais velha.

Com o retorno para casa, o beneficiamento do látex para se transformar em borracha é iniciado, através do processo de coalhar ou coagular o leite. Tudo isso é montado em uma caixa, onde a matéria-prima começa a ficar enxuta, especialmente com alguns cortes da peça. Após essa etapa, há o processo da prensa, da lavagem e da secagem. Tais processamentos foram revelados serem feitos por diferentes pessoas da família (marido, esposa, filhos), porém, o consentimento tirado pelo grupo é que a maioria dos procedimentos se concentra nos homens. O mesmo ocorre para encaminhar os produtos até o entreposto da ASPROC chamado popularmente de cantina, onde se garante a venda e o transporte na balsa da associação. Na cantina, o registrado como responsável pela produção de borracha é, na maioria das vezes, o homem.

O segmento de compradores da borracha do Médio Juruá não foi muito bem descrito pelo grupo, pois uma vez que se encaminha para a ASPROC, a diretoria

cuida das relações com os parceiros comerciais. A indicação é que sejam empresas de pneu e solado de calçado, mas não se soube afirmar ao certo.

Como a ascensão do preço de mercado surge na oficina enquanto uma oportunidade para seringueiras e seringueiros, aqui sugere-se maior conhecimento da etapa de compra e venda. Isso porque o grupo de compradores pode representar um importante aliado na agregação de valor da cadeia, através da requisição por maior equidade de gênero e outros atributos que qualificam a sustentabilidade do processo como um todo.

Além desses grupos empresariais e industriais citados por último e da própria associação de produtores rurais do município, os comunitários de São Raimundo revelam o importante apoio das instituições reguladoras e de prestadores de serviço que os fortalecem na cadeia da borracha, tais como: a associação local - AMECSARA (Associação de Moradores Extrativistas da Comunidade de São Raimundo); o Movimento dos Seringueiros através do CNS (Conselho Nacional das Populações Extrativistas); o IDAM (Instituto de Desenvolvimento do Amazonas) para assistência técnica e extensão rural; e o ICMBio, especialmente através do gestor da RESEX, Manuel Cunha, que além de tudo, é integrante da comunidade.

Foto 18: Algumas das participantes de São Raimundo reunidas após a oficina.
Fonte: Nathalia Messina, 2022.

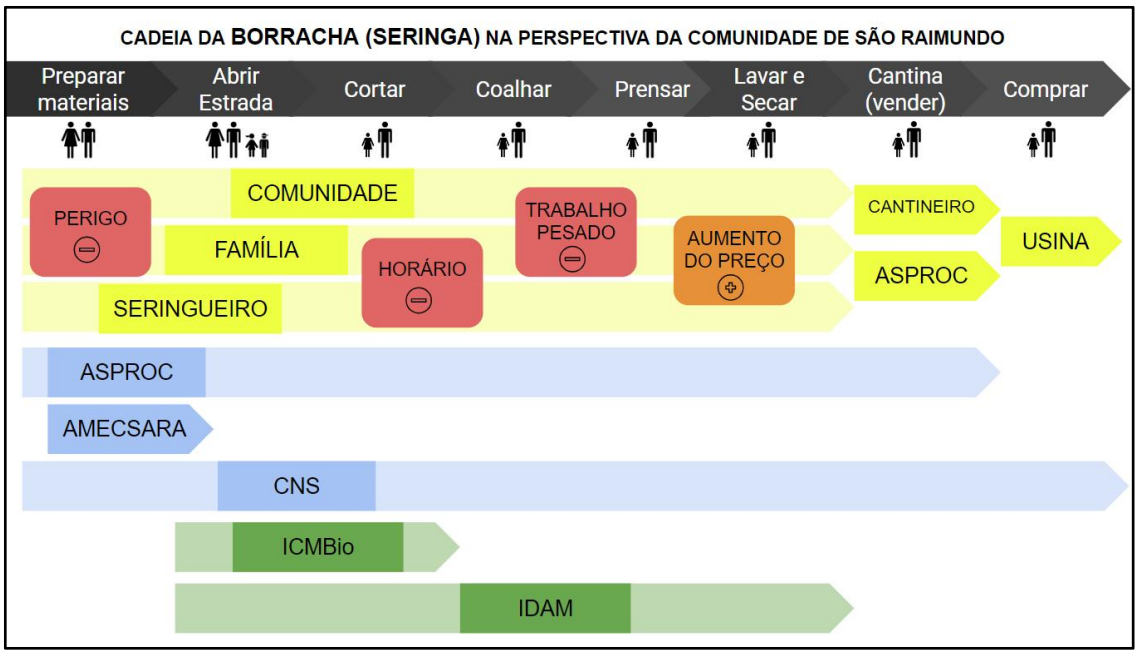


Figura 45: Cadeia da borracha (Seringa) na perspectiva da comunidade de São Raimundo, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical.

4.2.3 Oficina 3: Oleaginosas no Roque

Cadeia: Oleaginosas (murumuru e andiroba)

Comunidade: Roque (RESEX Médio Juruá)

Data: 09/06/2022; **hora**: 19:30 às 21:00

Presentes: 18 comunitários(as), sendo 10 mulheres e 08 homens

Com a presença de importantes lideranças do Roque e da Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá (CODAEMJ), entre homens e mulheres, a oficina debateu a cadeia das oleaginosas com foco no murumuru e na andiroba, visto serem as de maior expressão no território Médio Juruá. Ressalta-se que um importante diferencial, que dá destaque ao Roque como comunidade produtora dos óleos, é o fato da CODAEMJ estar sediada neste local, equipada com uma usina de processamento e salas administrativas.

Dado o início da atividade, foi levantado em grupo as principais etapas que formam os elos da cadeia, considerando a seguinte estrutura: 1) Planejamento e Monitoramento; 2) Preparo dos Materiais; 3) Coleta das sementes; 4) Beneficiamento; 5) Usina; 6) Logística; e 7) Venda.

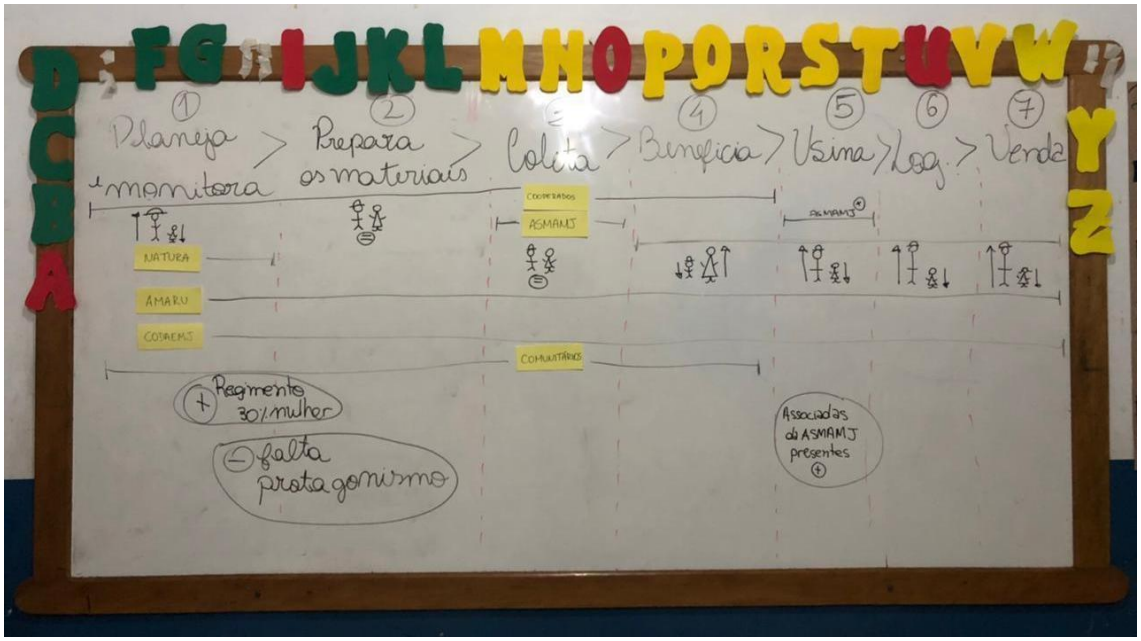


Foto 19 - Quadro elaborado na oficina ministrada no Roque.
Fonte: acervo Instituto Juruá, 2022.

Observou-se que a etapa de planejamento e monitoramento conta com mais participação masculina do que feminina, sendo os operadores desta: as famílias e comunidades da região, a própria CODAEMJ, a Natura e, mais recentemente, a importante parceria da AMARU (Associação de Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari) na operacionalização (Figura 46).

Ao contrário do que sugere a metodologia exercitada - de agrupamento dos elos da cadeia de forma macro -, o Planejamento e Monitoramento poderia ter sido seccionado em etapas menores, visto que há diferenças em termos de participação e tomada de decisão dos operadores. Observa-se, por exemplo, que o monitoramento se dá antes da época da safra e conta com observação de diversos comunitários na atenção à floração e estado de maturação dos frutos. Isso traz subsídios para o planejamento da produção, que se dá através de reuniões e assembleias. Nesses encontros, o que ocorre é a presença mais forte do sujeito masculino e um menor volume de mulheres. O grupo presente aponta que falta protagonismo, aptidão e segurança das mulheres para falarem em coletivo, especialmente quando os encontros ocorrem fora da comunidade e com pessoas de outros lugares. Já nas reuniões internas em grupos menores, elas se fazem presente de modo mais veemente e participativo.

Nas etapas de preparo dos materiais para a coleta das sementes foi diagnosticada a participação igualitária de gênero, conforme votação individual. Porém, em meio ao debate, o discurso de que há mais mulher do que homem foi exaltado. A conclusão a que se chegou é que as mulheres que votaram sentiram que deveriam abrir esse espaço para os homens, mas que na realidade elas estão mais presentes. Há um entendimento empírico de que, com o aumento da rentabilidade desta cadeia para

as famílias extrativistas, o homem passou a se interessar mais de uns anos para cá, somando nas etapas de preparo e coleta. Foi observado que é preciso haver mais investimento em itens de segurança (EPI - Equipamento de Proteção Individual), pois a extração é uma etapa delicada que exige percorrer longas distâncias e arriscar-se na mata, passando por cobras e outros animais peçonhentos, além do contato com os espinhos do murumuru.

O elo do beneficiamento primário ocorre de modo diferenciado no Roque do que nas outras comunidades coletoras. Como a sede da usina está situada nesta comunidade e conta com mesas de secagem e estufa, há uma redução dos processos: da seleção das sementes, parte-se para a limpeza, ensacamento e entrega na usina para a devida secagem. Já em outras comunidades, há uma etapa de pré-secagem, porém na grande maioria, isso não tem ocorrido de forma satisfatória, havendo perdas e prejuízos. Nesta etapa a participação feminina é maior. Por diversas vezes, a diretoria da CODAEMJ presente na oficina levantou a importância de se reestruturar as comunidades com secadores rotativos, já que houve uma imensa perda na cheia histórica de 2021.

Após o beneficiamento prévio realizado artesanalmente pelas famílias e comunidades, as sementes oleaginosas passam para o processamento na usina da cooperativa, que inclui diversas etapas (trituração, secagem, extração do óleo, filtro, etc.). Na equipe contratada da CODAEMJ o número de homens é maior do que o de mulheres. Há controvérsias no entendimento da diretoria sobre a capacidade produtiva de acordo com o gênero: enquanto na opinião masculina, o homem produz mais do que a mulher na usina; na opinião feminina, a mulher trabalha tanto quanto o homem, executando os mesmos procedimentos, seja na esfera tática-operativa ou no âmbito estratégico dos setores deliberativos. A discussão foi calorosa, porém bastante respeitosa. Chegou-se à conclusão de que a atual vaga aberta para novo membro da equipe, embora inicialmente designada para o sexo masculino, será repensada e pode contar com o apoio de associadas da ASMAMJ no processo seletivo, o que foi tido como uma oportunidade a se firmar.

Na logística de venda, negociação e transporte dos produtos, discutiu-se sobre os prejuízos da CODAEMJ e da AMARU devido aos altos impostos e longos deslocamentos, além do estrago de sementes de qualidade. Tais perdas têm sido recorrentes, o que são pontos frágeis da cadeia que requerem atenção e cuidado nas operações do Médio Juruá. Foi também levantada a necessidade de aprimoramento da gestão financeira e adequações jurídicas, com revisão dos termos contratuais entre Natura e CODAEMJ. Como esse assunto se manteve em alta ao longo da oficina, muito se enfatizou sobre possibilidades de superação das fraquezas a partir de um quadro técnico mais equitativo quanto ao gênero, contando, inclusive, com revisões estatutárias e de regimento interno.

Foto 20 - Grupo de extrativistas do Roque presente até o final da atividade.
Fonte: acervo Instituto Juruá, 2022.

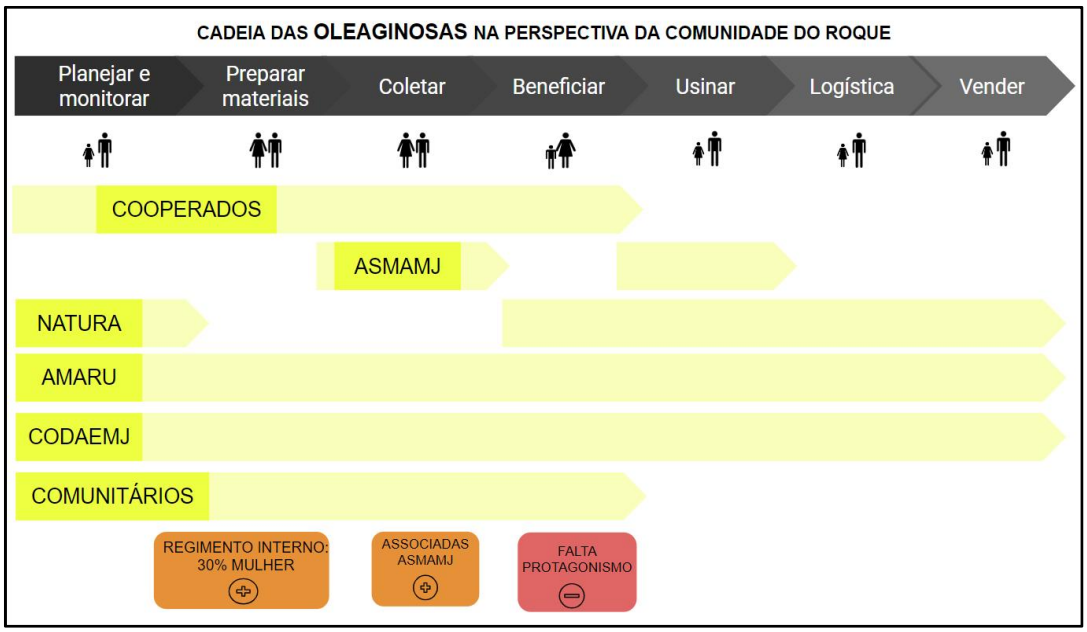


Figura 46: Cadeia das oleaginosas na perspectiva do Roque, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: nesta oficina não foram mapeados os serviços de apoio e instituições reguladoras, haja vista a larga necessidade de se debater os primeiros pontos levantados no quadro.

4.2.4 Oficina 4: Mandioca no Pupuaí (cadeia da farinha)

Cadeia: Mandioca

Comunidade: Pupuaí (RESEX Médio Juruá)

Data: 13/06/2022; **hora**: 19:30 às 21:00

Presentes: ~33 comunitários(as), sendo ~15 mulheres e ~18 homens

A cadeia da mandioca e seu principal produto gerado, a farinha, tem uma presença cultural tão expressiva na região Norte do país, que chega a ser a atividade mais rentável para a maioria da população agroextrativistas do Médio Juruá. Apesar disso, trata-se de uma cadeia delicada em que observamos fragilidades nos três eixos conceituais da sustentabilidade: o social, o ambiental e o econômico.

Embora a mandioca seja uma planta nativa, cultivada há milênios pelos povos originários da Amazônia, sua alta produtividade segundo o atual modelo produtivo ribeirinho precisa ser vista com cautela no que tange a conservação da biodiversidade. O tradicional roçado que ocupa em torno de uma a quatro quadras (hectares) por família nem sempre se faz de modo rotativo e controlado, como de costume. Algumas áreas de queimada têm aumentado em pontos da floresta próximos às comunidades, havendo necessidade de sensibilizar e reeducar alguns ambientes que se encontram nesse contexto. As soluções praticadas por moradores locais consideram o cultivo em várzea nos períodos de verão (seca); o cultivo em sistemas agroflorestais (SAFs) em terra firme; ou o próprio modo tradicional de roçado de forma mais rotativa, contida e com melhores técnicas de controle. De todo modo, em termos de desmatamento escalonável, essa realidade é pouco preocupante diante do que se vê em outras regiões amazônicas e brasileiras na agricultura de larga escala industrial.

O valor simbólico-cultural da mandioca, suas variedades genéticas cultivadas há milhares de anos, e os produtos desta cadeia representam imensa relevância para a conservação da sociobiodiversidade, de tal modo que um conjunto de saberes e práticas tradicionais acerca da Farinha de Mandioca é reconhecido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como bem cultural de natureza imaterial, em certas territorialidades brasileiras. Tal cultura é passada de geração para geração, entre as famílias e especialmente entre as mulheres farinheiras que detém um conhecimento próprio e original.

Essa discussão em torno da cultura alimentar veio à tona como uma oportunidade no momento da oficina de mapeamento da cadeia de valor sensível ao gênero. Acredita-se que o reconhecimento do consumo e produção da farinha e seus subprodutos, além do sistema agrícola que torna a mandioca o principal cultivo, é de suma importância não apenas para a salvaguarda da memória, como também para a valoração da cadeia em ecossistemas que promovam proteção e sustentabilidade.

Ao definirmos os elos da cadeia da mandioca na atividade de grupo focal, sentimos a necessidade de esmiuçar melhor as etapas, visto que, se colocadas de forma macro, a visibilidade das mulheres diminui confronte a dos homens (Figura 47). A estrutura, então, foi formada da seguinte maneira:

1) Materiais: terçado; esmeril/ lima; machado; motoserra; corrente; gasolina; óleo; enxada; panero; caixa d'água e tudo que envolve preparar a terra, manejar a casa de farinha e, ainda, preparar as refeições (marmitas e merenda) para os dias de trabalho.

Foto 21 - Alguns dos materiais necessários ao manejo da casa de farinha.
Fonte: Nathalia Messina, 2022.

2) Preparo da Terra: broca; descansa; derruba; encoivara (ou coivara); descansa; limpa o aceiro; e queima.

3) Plantio e Roça: separa as manivas; planta; replanta; roça/ capina; arranca/ colhe; e carrega para a casa de farinha.

4) Casa de Farinha: raspa a mandioca; lava; ceva; prensa; peneira; torra; e limpa. Por vezes, tira a goma e a manipueira; e faz-se beiju.

Foto 22- Alguns dos processamentos comuns na cadeia produtiva da mandioca.
Fonte: Nathalia Messina, 2022.

5) Venda: ensaca; pesa; e leva à cantina em nome do(a) associado(a).

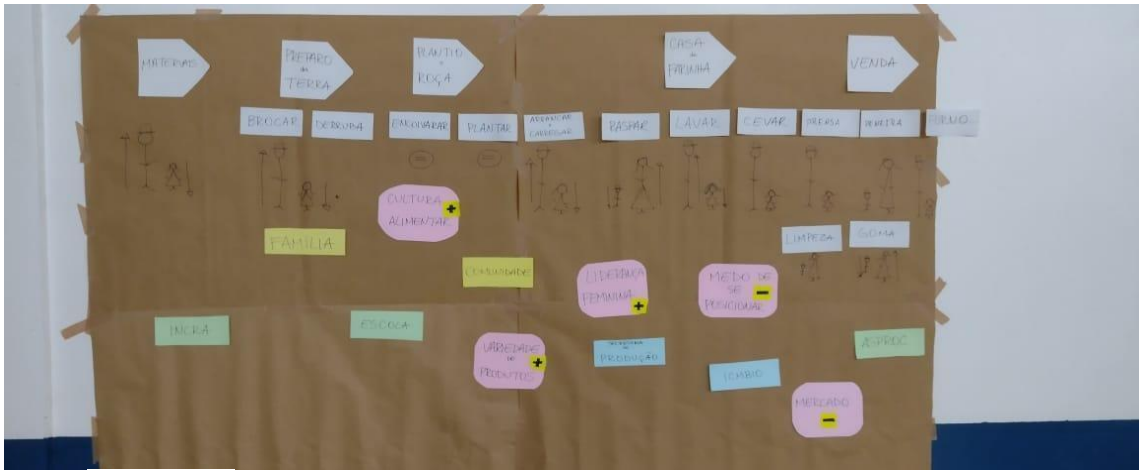


Foto 23: Quadro elaborado na oficina para mapeamento da cadeia da mandioca no Pupuaí.
Fonte: Nathalia Messina, 2022.

Em todos os elos, é notável a participação de operadores primários, que são a família e a comunidade, não havendo empresa relacionada ou outra associação produtora além da ASPROC, que situa-se como operadora na ponta final da cadeia (venda) ou como um serviço de apoio em algumas etapas.

Os homens apareceram com destaque na maioria dos processos, sendo as etapas de 'encoivarar' e 'plantar' equitativas para ambos os gêneros. O grupo indicou que as mulheres participam mais na Casa de Farinha, nos seguintes momentos: 'raspagem da mandioca'; 'peneira'; 'tiragem da goma'; e 'limpeza da casa e dos equipamentos'.

Foto 24 - Participação do grupo na oficina que se deu na casa comunitária do Pupuaí.
Fonte: Sayori Minato, 2022.

Ao observar a forte presença da mulher na Casa de Farinha, o debate ganhou corpo especialmente na diversidade de processamentos e subprodutos que se pode aproveitar da mandioca, tendo como carro chefe das vendas e do autoconsumo a farinha em si, podendo ser a farinha branca ou a amarela. Os demais preparos feitos na própria casa de farinha ou em outros ambientes são: a goma da tapioca, a farinha de tapioca, o beiju, o pé de moleque, o arubé, o tucupi, a macaxeira servida e outros produtos que podem agregar valor às vendas e que geralmente estão sob domínio do conhecimento da mulher.

Embora se perceba tal variedade produtiva diante dessa rica cultura alimentar, um ponto negativo destacado como restrição para a cadeia é o baixo valor de mercado da farinha, que com a alta inflação de 2022 e dos últimos anos, sequer paga o combustível para o transporte e os dias de trabalho na roça.

Ao questionar a ASPROC sobre um possível impulsionamento à cadeia da farinha, a mesma alegou que o fato desta atividade estar repercutindo em queimadas e desmatamentos descontrolados, há um menor incentivo para a produção, priorizando o foco para outras economias que garantem a floresta de pé, tais como a do açaí, a do pirarucu de manejo e a da seringa.

Outra restrição percebida pelos(as) comunitários(as) presentes envolve o medo e a dificuldade que a mulher costuma ter na hora de se pronunciar em grupo – uma típica categoria comum ao contexto histórico-cultural do patriarcado, em cujos espaços políticos e convívio social para as mulheres sempre foram oprimidos.

As perguntas direcionadoras que ficam para a ASMAMJ são: o que fazer para desentravar esses medos? Como podemos reunir coragem para tal? Como empoderarmos umas às outras?

Acredita-se que, com as etapas conclusivas do projeto de diagnóstico de gênero, um cenário de possíveis soluções a curto, médio e longo prazo será criado, de modo multilateral e de baixo para cima.

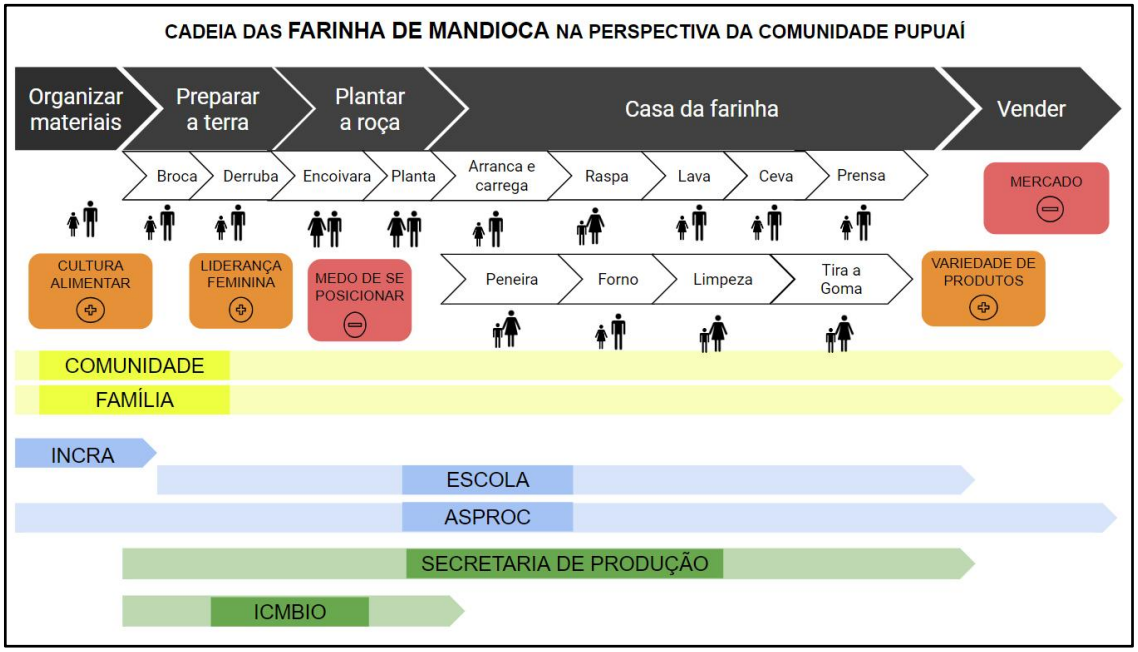


Figura 47: Cadeia da farinha de mandioca na perspectiva da comunidade do Pupuaí, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: Nesta oficina foi necessário desmembrar mais os elos para tornarmos visíveis as atividades às quais as mulheres se dedicam mais.

4.2.5 Oficina 5: Açaí no Bacaba

Cadeia: Açaí

Comunidade: Bacaba (fora da área de proteção - Área do Acordo de Pesca)

Data: 20/06/2022; **hora**: 19:30 às 21:00

Presentes: 13 comunitários(as), sendo 9 mulheres e 4 homens

Tendo em vista a alta produtividade natural dos açaizais e da comunidade do Bacaba na extração do fruto, a oficina de mapeamento da cadeia sensível ao gênero se sucedeu neste ambiente, como bem observado pela equipe de campo da ASMAMJ que conta com membro da AMAB (Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá).

Embora a comunidade esteja fora dos perímetros das Unidades de Conservação, a mesma vem se organizando para proteger o território, seus recursos aquáticos e terrestres, sendo os lagos de manejo e os lagos de reserva (ou de manutenção para fins de segurança alimentar) os melhores exemplos em termos organizacionais – todos em vias de passar por revisões do atual Acordo de Pesca (Figura 48).

Observa-se logo pelo início dos elos da cadeia do açaí uma ferramenta de organização territorial que rege as normas comunitárias e territoriais sobre o uso do solo. Trata-se do Mapeamento dos Açaizais, que são acordos estabelecidos em reuniões sobre os usos dos açaizais presentes no entorno, tais como: uso familiar (sítios particulares que cultivam a espécie); uso comunitário para venda (área de extração comum); uso comunitário para consumo próprio e; uso de diferentes comunidades sobre o mesmo açaizal, seja para venda ou para o autoconsumo.

Após deliberação em reunião coletiva sobre o zoneamento dos açaizais, os trabalhos se voltam para delimitar as áreas com piquetes e limpeza da vegetação para abertura de trilhas e dos pontos de extração. Essa etapa inclui a retirada dos tocos que ficam nos arredores de cada árvore e que são perigosos para o(a) tirador(a) que sobe no pau de açaí.

Ao serem questionados sobre a participação da mulher neste elo da cadeia, muitos afirmaram haver maior presença masculina, tanto nos espaços de tomada de decisão para os acordos, quanto no ambiente de intervenção para piquetear (cravar piquetes) e limpar com terçados (facões).

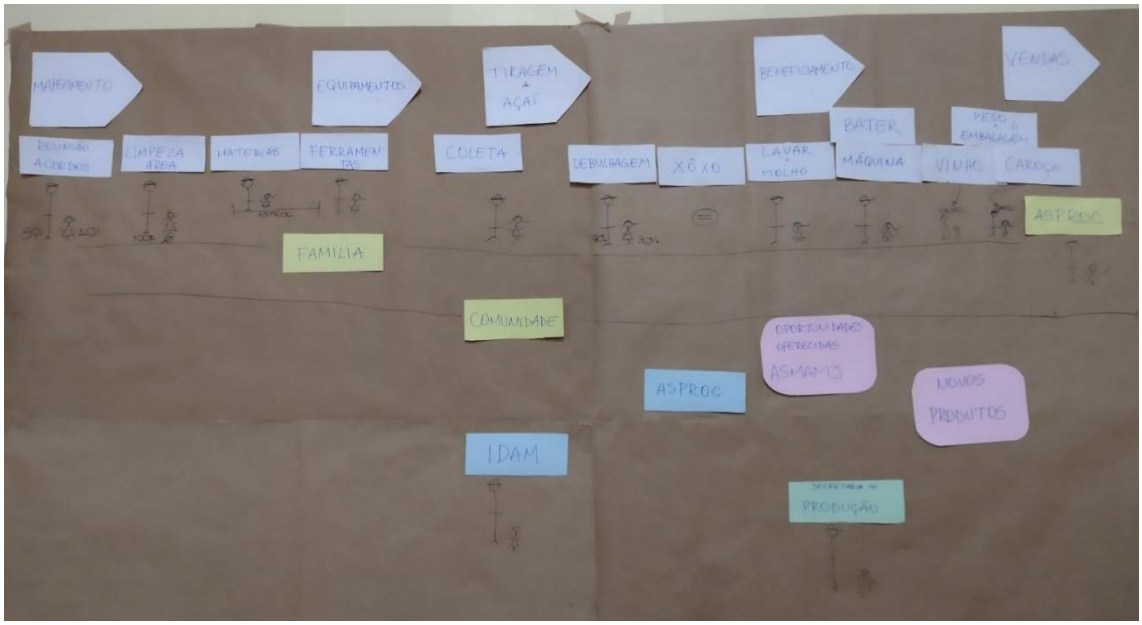


Foto 25 - Quadro elaborado na oficina da cadeia do açaí, na comunidade Bacaba.
Fonte: Nathalia Messina, 2022.

Para o elo conseguinte de preparo dos materiais, ferramentas e equipamentos, novamente a figura masculina recebe maior destaque. Tudo isso envolve: preparar a canoa e os combustíveis; amolar terçado; manter, lavar e consertar a máquina despolpadora; ajeitar o pilão na falta de máquina; adquirir e limpar/esterilizar plásticos para a lona de debulhagem, embalagens de caroço ou do vinho e outros utensílios.

Já na etapa da coleta do fruto, embora a figura do tirador (em sua maioria homens que sobem nas árvores) seja a mais lembrada no imaginário popular, foi ressaltada com suma importância a presença do(a) parceiro(a) que o acompanha para a realização da debulhagem do cacho. Este foi um momento de ampla discussão do grupo para enaltecimento da mulher, embora no consenso geral a aposta é que os homens se somam a cerca de 70% e as mulheres em torno de 30% (estimativa imaginária). Alguns relatos trouxeram a característica de uma pessoa paciente para este trabalho e que pode aliviar o cansaço do(a) parceiro(a) tirador(a) que sobe na palmeira. Tal qualidade da paciência foi majoritariamente atribuída à mulher.

Após debulhar o açaí do cacho, há um outro processo que nos chama a atenção pela participação equitativa de gênero, que é a "catação do xôxo" – um processo de seleção dos caroços de qualidade, que serão ensacados e pesados para a venda e/ou levados para o despolpamento que gera um vinho de qualidade (a polpa).

Mais uma vez é no elo do beneficiamento da cadeia produtiva que a mulher ganha corpo e é reconhecida. No caso do açaí, pelos relatos da comunidade do Bacaba, ainda que os homens estejam mais presentes, há nesse momento um aumento da participação feminina, e um espaço de diálogo mais fomentado durante a oficina.

As oportunidades para criação de novos produtos aparecem concretamente quando resgatamos os cursos de formação proporcionados pela ASMAMJ, tais como o de biojoias e o de saboaria. Enquanto com o primeiro se tem como resultado o polimento das sementes de açaí (e de outras espécies) para a confecção das joias; com o segundo houve mentoria para a extração do óleo do açaí, geralmente mais apreciado quando há azedamento do vinho, para confecção de sabonetes artesanais. Para que essas práticas se tornem escaláveis e gerem renda às famílias produtoras, é necessário priorizar um plano de trabalho da ASMAMJ, caso seja de interesse e esteja no escopo de planejamento da associação.

Outro ponto destacado como oportunidade, que acabou não aparecendo no quadro, foi a usina de processamento do açaí que está sendo projetada pela ASPROC, a fim de atender a este potente mercado com melhores preços, condições justas e honestas de mercado. Para que a participação feminina seja mais evidente neste projeto, é fundamental que as mulheres do território membras e não membras a ASPROC, bem com as membras da ASMAMJ estejam em constante diálogo com os dirigentes, participem das tomadas de decisão e se engajem para um trabalho efetivo no planejamento, na construção e no desenvolvimento da usina do açaí.

Foto 26 - Grupo participante ao término da oficina do Bacaba.
Fonte: Acervo Instituto Juruá.

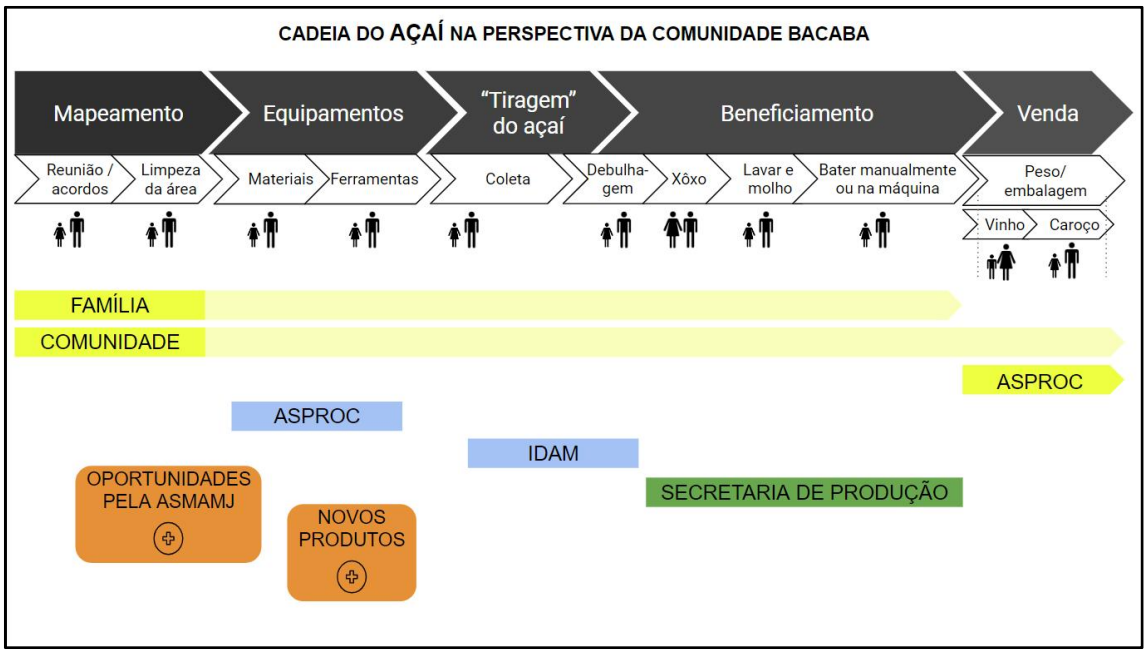


Figura 48: Cadeia do açaí na perspectiva da comunidade Bacaba, conforme mapeamento participativo. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários da cadeia. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: Nesta oficina foi necessário desmembrar mais os elos para tornarmos visíveis as atividades às quais as mulheres se dedicam mais. OBS 3: nesta oficina não foram levantadas as posições dos serviços de apoio e instituições reguladoras; somente as das organizações operadoras primárias.

4.2.6 Oficina 6: Pirarucu de Manejo no Lago Serrado

Cadeia: Pirarucu de manejo

Comunidade: Lago Serrado (baixo Médio Juruá – fora da área de proteção)

Data: 25/06/2022; **hora**: 20:05 às 21:30

Presentes: 23 comunitários, sendo 15 mulheres e 8 homens

A atividade no Lago Serrado obteve destaque quanto às percepções dos participantes sobre os valores e estereótipos de gênero. A comunidade em foco é referência em organização social e busca por equidade de gênero, sendo a responsável pela criação da principal associação de base local (na área do baixo Médio Juruá), a AMAB, e uma das articuladoras do ordenamento pesqueiro via Acordo de Pesca nesta região.

A oficina em Lago Serrado notabilizou a importância das mulheres nas cadeias de valor da região, especialmente a do pirarucu que conta com um manejo sustentável bem sucedido e, portanto, com protocolos estabelecidos para melhores práticas de conservação, organização comunitária e arranjos produtivos.

O fato da AMAB ser presidida por uma mulher é um ponto alto dos agentes operacionais desta cadeia, havendo bons resultados acerca da participação feminina e busca por uma divisão mais justa dos trabalhos, sejam eles de mercado ou doméstico.

Assim, para o cenário do manejo do pirarucu e seus elos da cadeia, temos: 1) Planejamento e Avaliação; 2) Insumos e equipamentos; 3) Monitoramento; 4) Contagem; 5) Pesca e Pré-Beneficiamento; 6) Transporte (lago para a unidade de pré-beneficiamento e viagem à sede do município); 7) venda.

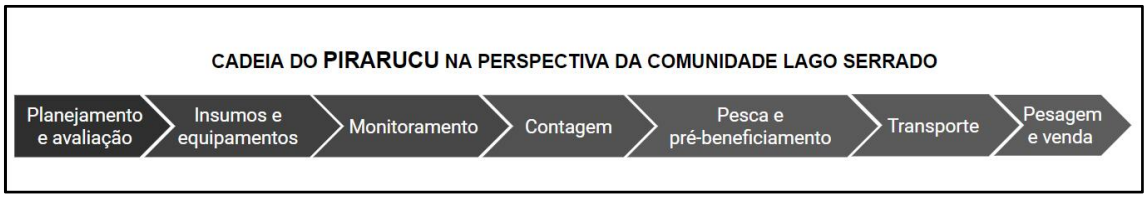


Figura 49: Os elos da cadeia do pirarucu na perspectiva da comunidade Lago Serrado, conforme mapeamento participativo. OBS: Houve perda de registro sobre os demais elementos que compõem o quadro. Para melhor entendimento deste cenário, sugere-se a leitura da Figura 50.

No elo da pesagem para a venda uma particularidade é manifestada como oportunidade de espelhamento para outras comunidades: o aproveitamento da força da juventude nos elos finais da cadeia. Isso se explica pelo fato de que carregar e pesar o charuto - peixe inteiro eviscerado (sem as vísceras), são atividades que exigem muita força física. Neste momento temos o registro das informações sobre cada peixe: peso, comprimento, sexo, hora de abate, hora de gelo, local que foi capturado, etc.

Foto 27 - Carregamento do pirarucu na cidade de Carauari.
Fonte: Sayori Minato, 2022.

Na etapa de beneficiamento, mais uma vez revela-se a força do time feminino, com especial reconhecimento às moradoras de Lago Serrado, visto que desempenham o ágil trabalho no evisceramento e boas práticas de manipulação do pirarucu.

Tal fator é apontado como uma oportunidade que deve ser aproveitada para melhoramento dos processos do manejo e multiplicação da experiência para mulheres destas e de outras comunidades, somando a uma participação cada vez mais ativa nas outras etapas da cadeia.

O elo da contagem é o que mais vem despontando para um acolhimento das mulheres na região do Médio Juruá, como oportunidade de inclusão social e geração de renda. No ano de 2021 ocorreu na comunidade do Xibauazinho (localizada no extremo da RDS Uacari, a 42 horas de barco da sede de Carauari), o I Curso de Contagem para Mulheres, promovido pelo IJ, em parceria com a ASMAMJ. Neste ano de 2022, a edição II do curso ocorreu em Setembro, dessa vez coordenado pela AMAB, junto aos mesmos parceiros, a fim de atender à área abaixo da sede municipal - área do Acordo de Pesca.

Com as mulheres melhores inseridas na contagem, notabiliza-se a importância das mesmas se fazerem presentes nos principais espaços de tomada de decisão sobre o manejo, como na Reunião de Avaliação e Planejamento do Manejo dos Lagos , coordenado pela ASPROC todos os anos. Em 2022, para Lago Serrado, já foi diferente do que nos anos anteriores, pois dessa vez houve mais adesão das mulheres do que dos homens na reunião, com participação especial da presidenta Fernanda Moraes compondo a mesa da cerimônia.

Afora os elos e etapas deste trabalho de mercado, boa parte do grupo participante da oficina levantou um tópico fundamental às cadeias de valor sensíveis ao gênero: o trabalho doméstico e de cuidados como base fundamental para a sustentabilidade dos trabalhos produtivos. Foi largamente afirmado e celebrado pelo grupo presente que sem os trabalhos geralmente realizados pela mulher em casa, de cozinha, limpeza, tutela dos filhos, entre outros, nenhum tipo de manejo produtivo seria possível de acontecer.

De todo modo, segundo a presidenta Fernanda de Araujo Moraes (AMAB), é preciso desenvolver na comunidade as questões de machismo sobre aspectos psicológicos e sócio-políticos entre homens e mulheres, com o objetivo de equilibrar as responsabilidades e os papéis de gênero, e liberar tempo e espaço para que a mulher possa se descobrir em suas vocações.

Com essa brilhante participação de Lago Serrado e da AMAB, encerram-se as atividades de grupo focal na expedição da ASMAMJ com o Instituto Juruá para diagnóstico de gênero nas cadeias de valor.

Foto 28 - Participantes da oficina da cadeia do pirarucu de manejo, na comunidade Lago Serrado. Fonte: acervo IJ, 2022.

4.2.6.6 Diagrama extra: Pirarucu no Médio Juruá

Haja vista a perda de registro do quadro geral resultante da oficina no Lago Serrado, optou-se por expor o resultado de outra oficina sobre o pirarucu, baseada na mesma ferramenta de grupo focal. Tal atividade foi realizada em Abril de 2022, em Manaus, com moradores e/ou trabalhadores do Médio Juruá e outros participantes (Foto 28), no âmbito do curso "*Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero*", realizado por meio da parceria entre o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e a Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável, via GIZ, com recursos do BMZ e apoio do consórcio Eco-Consult/Conexsus. Tal curso foi o motivador para a multiplicação dos conhecimentos adquiridos na região de estudo. Diante disso, exibe-se abaixo o quadro elaborado na oficina do curso (Figura 50):

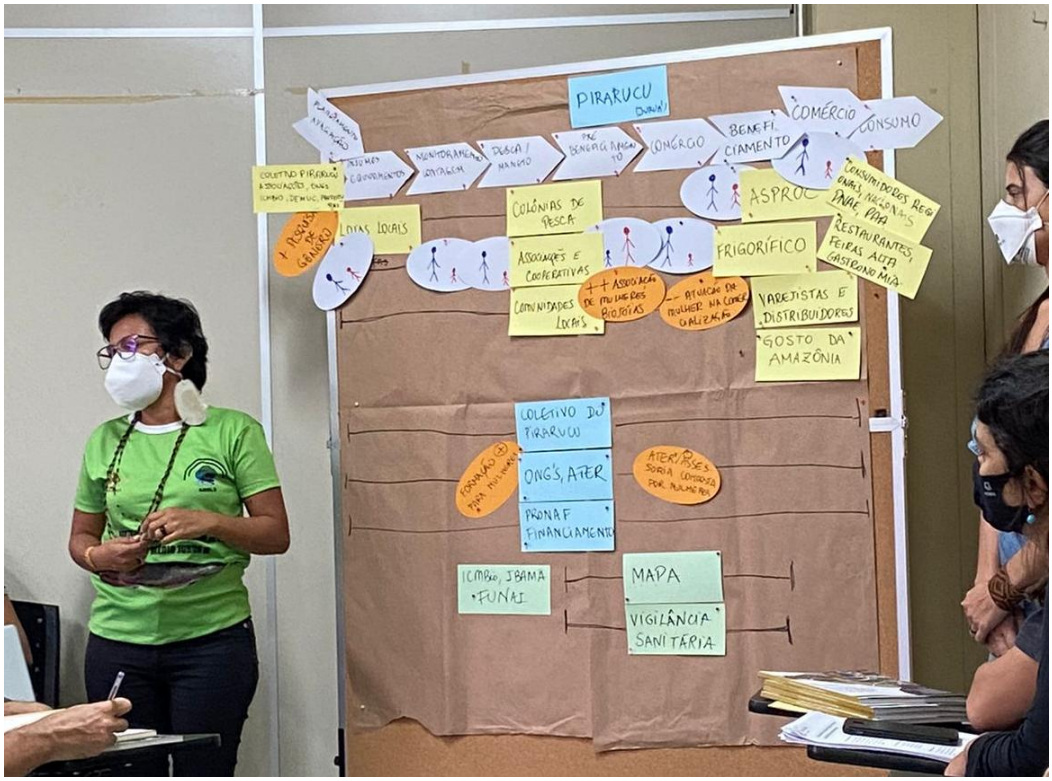


Foto 29 - Curso "*Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero"* no momento da oficina de *"Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero"* sobre o Pirarucu, que gerou a Figura 50.

Fonte: Claudia de Souza, 2022.

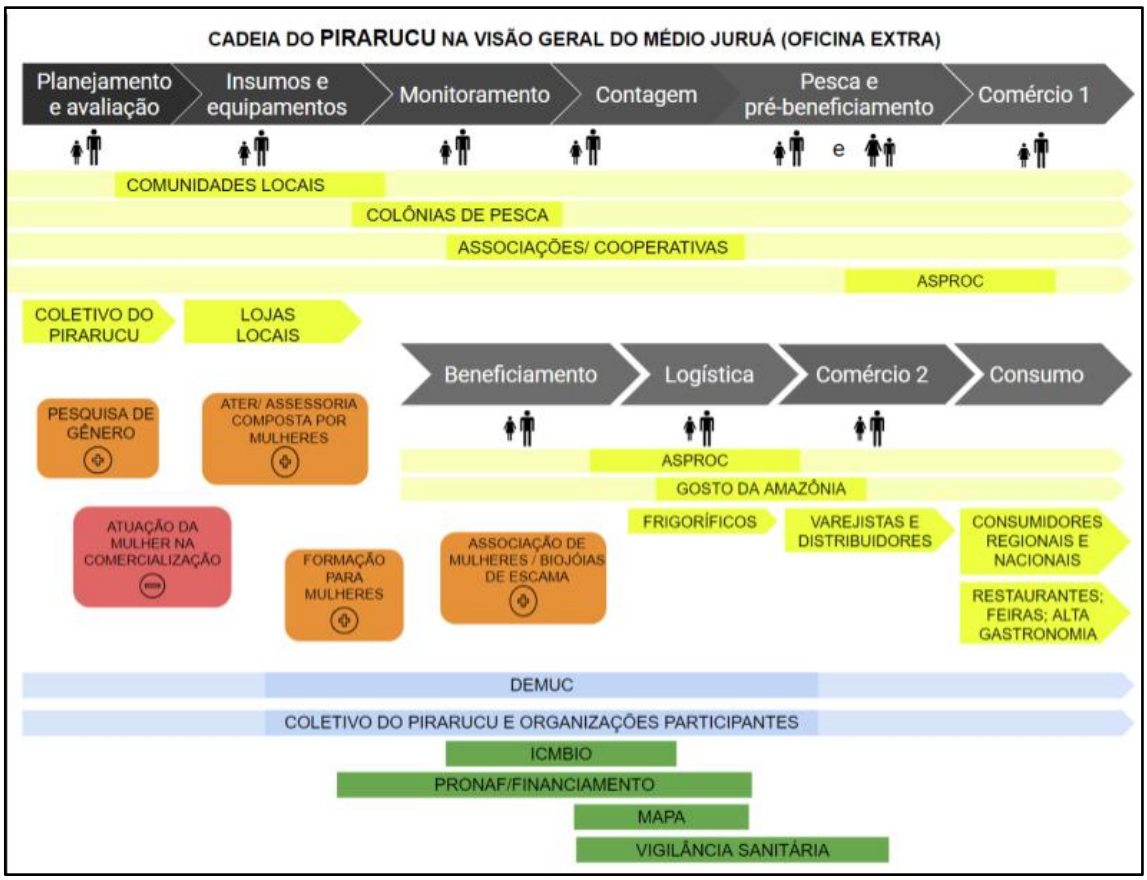


Figura 50: Cadeia do pirarucu na perspectiva geral do Médio Juruá, conforme mapeamento

participativo, realizado por moradores e/ou trabalhadores da região, durante o curso "*Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero*", em Manaus, Abril de 2022. Na legenda das cores, temos: Em escala de cinza: os elos da cadeia. Em amarelo: operadores primários. Em azul: serviços de apoio. Em verde: ambiente regulador. Em vermelho: restrições. Em laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição em que os mesmos ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente aquele elo relacionado na vertical. OBS 2: Nesta oficina não foram levantadas as posições das instituições reguladoras; somente as das organizações operadoras primárias e os serviços de apoio.

4.3 DIAGNÓSTICO DA JUVENTUDE

Foto 30 - Alguns dos jovens participantes das entrevistas.
Fonte: acervo Instituto Juruá, Julio Voltolini e Bernardo Oliveira, 2021.

Como as percepções de jovens e adultos em geral se distinguem, sendo a juventude composta por um grupo plural de diferentes crenças e percepções socioculturais e políticas, realizamos também análises focadas em jovens nas comunidades do Médio Juruá. Para isso, realizamos entrevistas individuais semi-estruturadas, as quais foram aplicadas manualmente (em papel) em 22 comunidades, com 135 jovens compreendidos na faixa etária de 12 a 18 anos, visto que este é o ponto de virada para caracterização do outro perfil de grupo entrevistado, o de gênero - homens e mulheres adultos(as).

4.3.1 Contexto Socioeconômico

No total dos 135 entrevistados, 94 eram meninas e 39 meninos, 2 jovens não responderam. A proporção das meninas entrevistadas entre 12 a 14 anos (consideradas crianças e pré-adolescentes) é de 23% e a de meninos é de 13%.

Fazendo um comparativo analítico da idade das meninas e meninos com suas **situações conjugais e familiares**, percebe-se o cenário mostrado na Tabela 11.

Tabela 11: Intervalo e média de idades de meninas e meninos para diferentes estimativas, além de número e quantidade de filhos.

	Meninas (94)	**Meninos (39)**
Idade (média)	15 anos	15 anos
Idade (intervalo)	12-18 anos	13-18 anos
Tempo vivendo na comunidade (média)	13 anos	13 anos
Intenção de deixar a comunidade	25 (27%) entrevistadas	14 (36%) entrevistados
Casado(a)/vive junto	15 (16% das meninas entrevistadas)	2 (5% dos meninos entrevistados)
Filhos	10 (11% das entrevistadas)	0 entrevistado com filho
1 filho	6 entrevistadas	0 entrevistado com filho
2 filhos	4 entrevistadas	0 entrevistado com filho
Idade ao ter primeiro filho (média)	15 anos	0 entrevistado com filho
Idade ao ter primeiro filho (intervalo)	13 - 17 anos	0 entrevistado com filho
Idades dos filhos (intervalo)	1 mês - 3 anos	0 entrevistado com filho

Mais jovens pensam em deixar a comunidade que os adultos e os motivos são em sua maioria relacionados a oportunidades de estudo e trabalho. Chama a atenção que, entre os entrevistados, somente as meninas têm filhos, sendo que quatro meninas já têm dois filhos. Diferentemente dos adultos, vemos que a idade média do primeiro filho é acima dos 15 anos, já acima da idade considerada estupro de vulnerável (menores de 14 anos), o que pode indicar um aumento da idade reprodutiva dos comunitários. Porém, ter filhos abaixo dos 18 anos é considerado

gravidez na adolescência, o que afeta os estudos e oportunidades dessas meninas. De fato, duas meninas afirmaram que pararam os estudos por causa dos filhos.

Foto 31 - Curso da ASMAMJ de medicina natural no módulo sobre parteria tradicional (acompanhamento do pré-natal).
Fonte: Ronnayana Silva, 2022.

Foram apuradas as categorias de **cor e raça**, dos que responderam 102 (75%) se declaram pardos, 23 (17%) brancos, 7 (5%) pretos e 3 (2%) indígenas. A maioria, 129 dos entrevistados, concorda com a classificação e 6 não responderam. As categorias de cor e raça foram baseadas na série histórica de classificações consolidada pelo IBGE, atualmente composta por um quadro de pessoas: *pardas, brancas, pretas, amarelas* ou *indígenas*. Não obstante, no Brasil vários são os fatores que incidem sobre a identidade racial, tal como origem territorial, cor da pele, classe social, tradições culturais, heranças e ancestralidades[44].

Sobre a **escolaridade**, dos 135 entrevistados, 34 (25%) não estão mais estudando e, desses 35, 27 (79%) gostariam de voltar a estudar. Os principais motivos apontados que impedem o estudo são: 25 (73%) falta de oportunidade, 4 (12%) trabalho em casa e 2 (6%) por causa dos filhos. Dos que estão estudando, 2 (2%) frequentam o Ensino Fundamental I (como a idade recomendada de término é de dez anos e os entrevistados são todos maiores de doze, eles estão acima da idade recomendada);

[44] Leonardo Athias, pesquisador da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE é o responsável pelo tema das identidades raciais. Ele cita que "pelos dados da Pcerp [Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População], vários fatores influenciam a autoclassificação. Cor da pele, ancestralidade, origem e até a classe social" (IBGE. Revista Retratos, N.11. Maio de 2018, p.17).

61 (61%) frequentam o Ensino Fundamental II (desses, 17 (28%) são maiores de catorze anos, ou seja, acima da idade recomendada) e 66 (66%) frequentam Ensino Médio.

Foto 32 - Ensino Médio e Técnico Profissionalizante na Casa Familiar Rural do Campina
Fonte: Julio Voltolini, 2021.

4.3.2 Sonhos e desejos; Medos e aflições

A dominância de entrevistados estudando ou que gostariam de voltar a estudar, citada na seção anterior, se reflete bastante nos **sonhos** desses jovens. Quando perguntados "*Qual seu maior sonho/desejo na vida?*", muitas das palavras mencionadas descrevem profissões das quais se exige formação universitária, como pode ser visualizado na nuvem de palavras (Figura 51).

Figura 51: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos **jovens** quando perguntados sobre seus sonhos e desejos. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: professor (34), medicina (22), viajar (14), jogador(a) futebol (11), ser policial (10).

Nesse sentido, perguntamos aos jovens se a formação que desejam está disponível na região e, caso não esteja, o que os impede de acessar essa formação no local em que ela está disponível. Apenas 16% dos jovens afirmou que os cursos/formação que desejam estão disponíveis na região, e os principais motivos citados como impeditivos do acesso a esses cursos onde eles são oferecidos foram fatores como locomoção e questões financeiras (Figura 52).

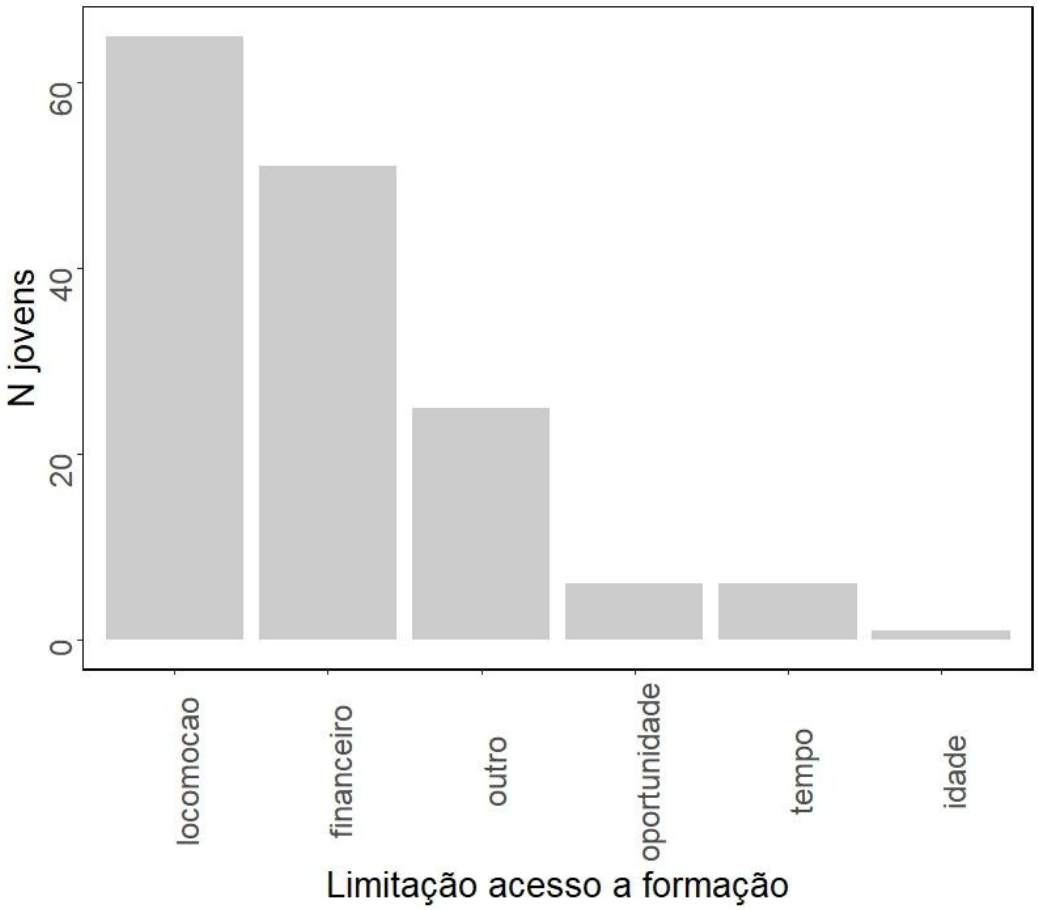


Figura 52: Fatores impeditivos ao acesso à formação e/ou cursos a partir da percepção dos jovens.

Os **medos/anseios** dos jovens entrevistados são sentimentos que complementam seus sonhos, já que entre as expressões e palavras mais citadas quando questionados "*Qual sua maior aflição/preocupação/medo?*", incluem os medos de não terem acesso à educação e de terem que desistir dos estudos (Figura 53). Outros medos bastante citados são: o de ficar longe ou de perder a família, a falta de dinheiro e a preocupação com a saúde (Figura 53).

Figura 53: Nuvem de palavras com as palavras mais mencionadas pelos **jovens** quando perguntados qual era seu maior medo ou aflição. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: doença (13), doença família (13), longe família (8), dinheiro (7), cobra (6), não estudar (6), morte família (5).

4.3.3 Juventude, Trabalho e Cadeias Produtivas

4.3.3.1 Cadeias Produtivas

Sobre a **participação de adolescentes nas cadeias produtivas**, é possível observar a diferença entre a proporção de meninos e meninas que participam em pelo menos uma (1) etapa das cadeias produtivas, sendo o primeiro grupo mais presente que o outro (Figura 54).

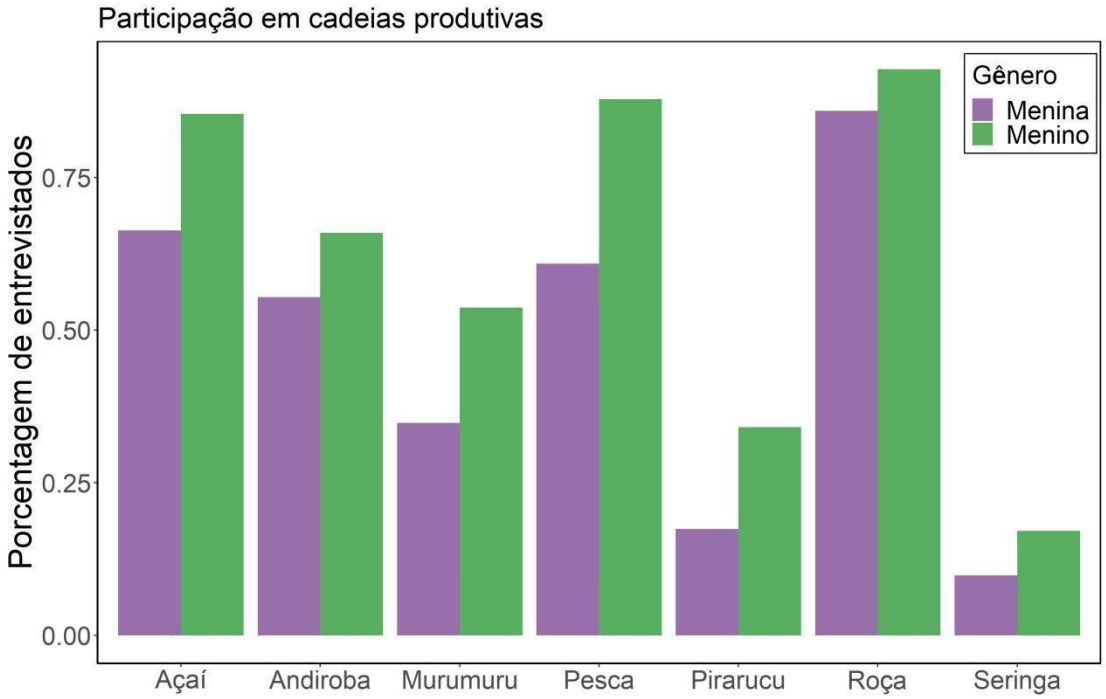


Figura 54: Proporção de meninos e meninas participantes de pelo menos uma (1) etapa de cada cadeia produtiva.

Quando observadas a participação em cada etapa das cadeias produtivas, as diferenças de meninos e meninas ficam mais notáveis, como mostrado nas figuras em escala Likert abaixo:

Roça de mandioca: É possível observar que os meninos participam significativamente de todas as etapas, sendo as finais (de registro e de transporte para o escoamento) um pouco menos, mas ainda bem mais do que as meninas (Figura 55). Essas, por sua vez, também trabalham em toda a cadeia do roçado, porém em um número menos expressivo que os meninos, o que pode corroborar com as falas manifestadas nas oficinas de grupo focal sobre a obrigatoriedade das meninas adolescentes se responsabilizarem ou co-responsabilizarem pelos trabalhos domésticos.

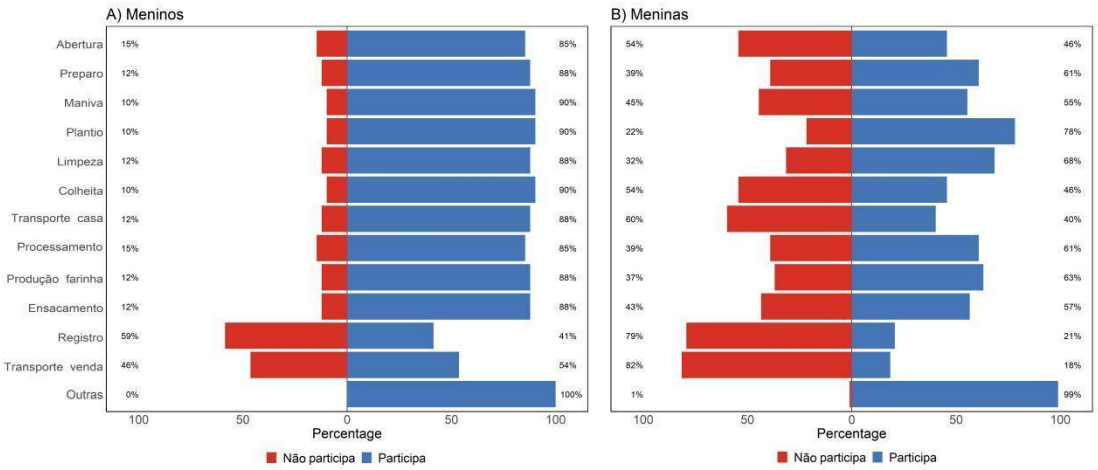


Figura 55: Gráfico da participação nas etapas do roçado por gênero: A) meninos e B) meninas.

<u>Manejo do pirarucu:</u> Nessas atividades notamos que a maioria dos jovens adolescentes não tem participação (Figura 56).

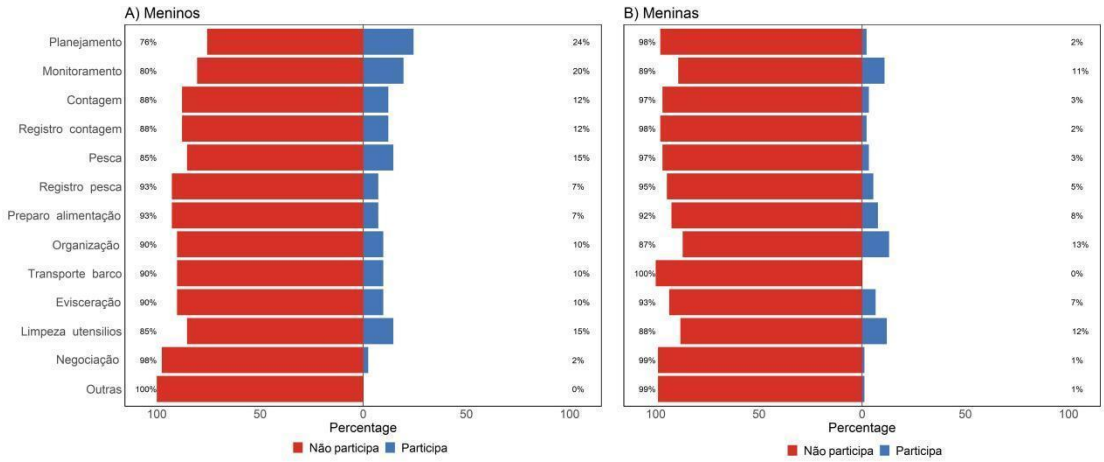


Figura 56: Gráfico da participação por gênero em cada etapa do manejo do pirarucu por A) meninos e B) meninas.

<u>Pescado:</u> Diferentemente do pirarucu de manejo, nas demais atividades pesqueiras os meninos participam bastante de várias etapas. Já as meninas tem uma participação bastante reduzida, sendo ativas principalmente na pesca com caniço e na etapa de salgamento do pescado (Figura 57).

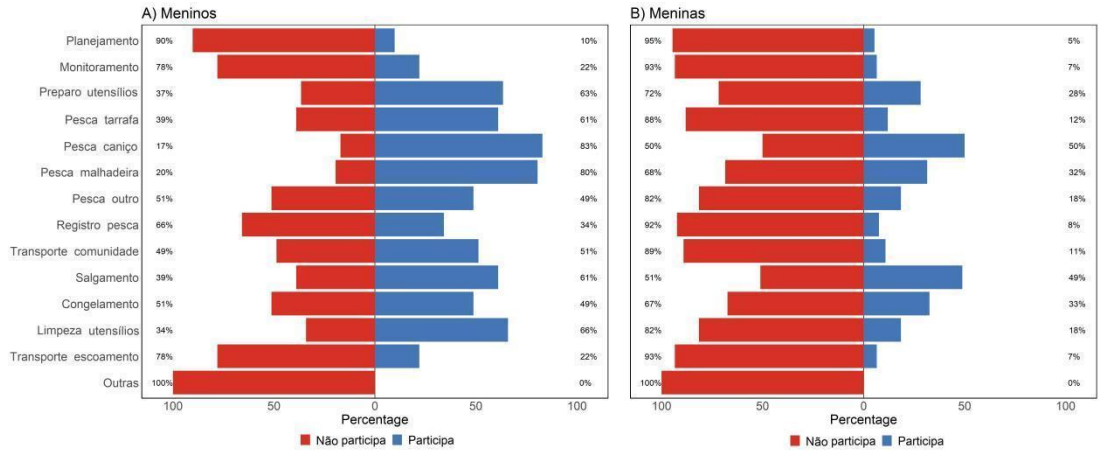


Figura 57: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da pesca por A) meninos e B) meninas.

Foto 33 - Menino participante da pesca.
Fonte: Sayori Minato, 2022.

Seringa: Nessa atividade há pouca participação dos jovens adolescentes de forma geral, com reduzida participação dos meninos e quase nenhuma participação das meninas (Figura 58).

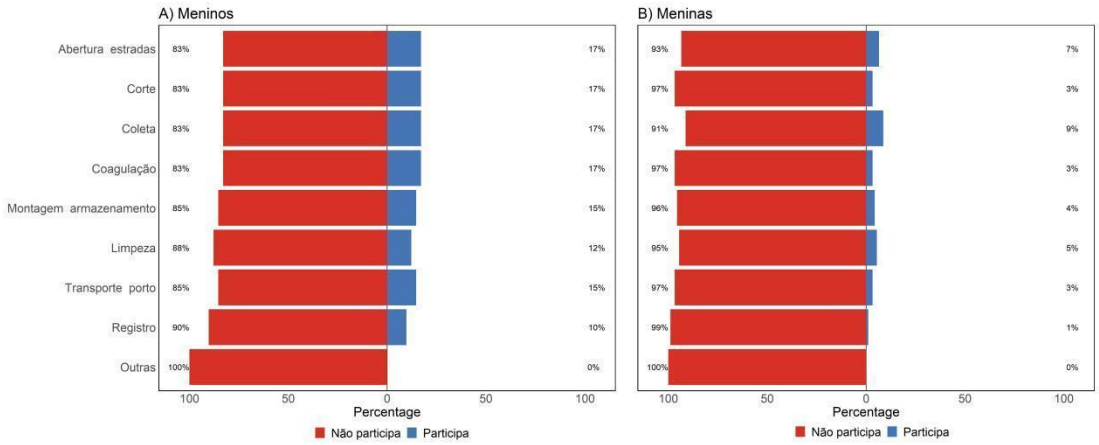


Figura 58: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração da seringa por A) meninos e B) meninas.

<u>Murumuru:</u> Diferentemente do esperado, que mulheres e meninas estariam mais envolvidas na extração de oleaginosas, os meninos novamente tem uma participação bem mais expressiva que as meninas nas diferentes etapas (Figura 59).

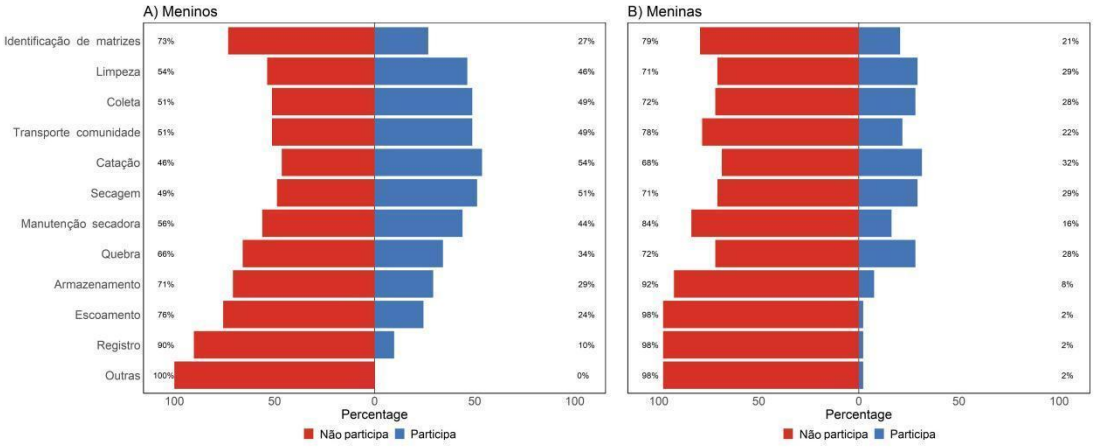


Figura 59: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração do murumuru por A) meninos e B) meninas.

<u>Andiroba:</u> Nessa atividade, assim como revelado no grupo de adultos, observa-se uma menor diferença entre meninos e meninas nas etapas de trabalho, ainda que os meninos participem em uma proporção ligeiramente maior (Figura 60).

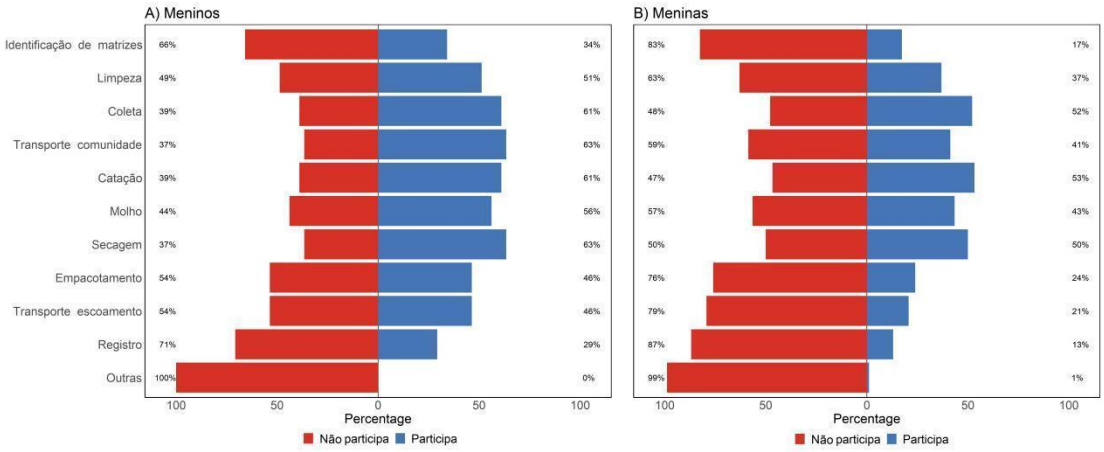


Figura 60: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração da andiroba por A) meninos e B) meninas.

<u>Açaí:</u> Assim como nas entrevistas com os adultos, vê-se uma participação maior dos meninos mais jovens nessa atividade. A etapa com maior participação das meninas é a debulhagem do açaí, bem como ocorre no grupo de mulheres adultas (Figura 61).

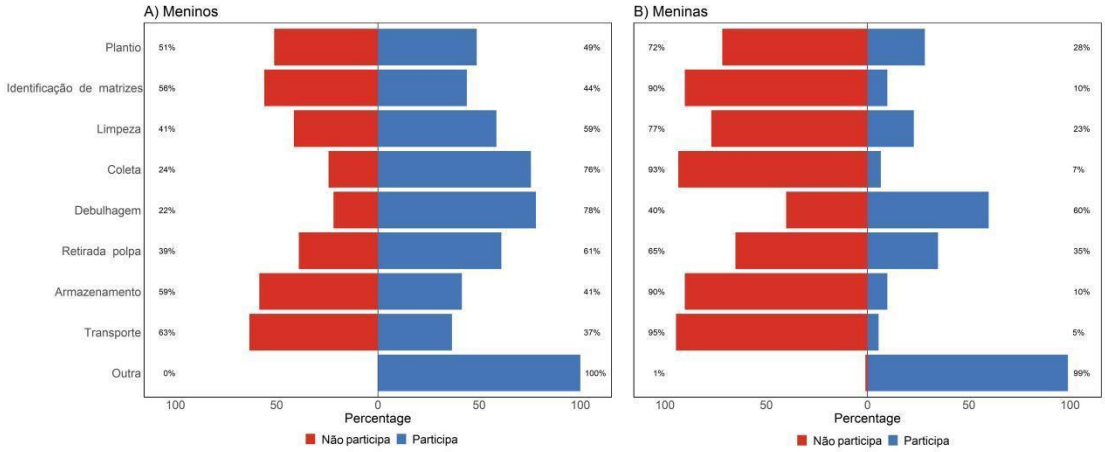


Figura 61: Gráfico da participação por gênero em cada etapa da extração do açaí por A) meninos e B) meninas.

Quando questionados quanto à realização de **cursos de capacitação para as cadeias produtivas** da região, 58% dos jovens adolescentes e pré-adolescentes afirmaram ter vontade de participar.

Figura 62: Nuvem de palavras representando as respostas dos **jovens** quando questionados sobre o tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao nº de citações. Palavras com a mesma cor receberam um nº similar de menções.

Figura 63: Atividades produtivas que **adolescentes** acreditam que funcionariam e que gostariam que existissem na comunidade. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: saboaria (16), artesanato (9), banana (9), plantar açaí (4), crochê (4).

Perguntamos aos jovens se, dentre as atividades que realizam, há alguma que não gostam e apenas 24% dos jovens disse não haver atividade que realizam a contragosto. As principais atividades que não gostam de realizar são relacionadas à roça de mandioca de maneira geral, ou às etapas específicas dessa cadeia produtiva (Figura 55), e à cadeia do murumuru. Os motivos de não gostarem da roça de mandioca foram descritos como 'muito trabalho' e 'sol muito quente'; e em relação ao murumuru, o principal motivo citado foi o contato com os espinhos da palmeira. Outro motivo citado para justificar o fato de não gostarem do trabalho nas cadeias do murumuru, da andiroba e da seringa, foi a longa distância entre suas casas e os locais de coleta desses recursos.

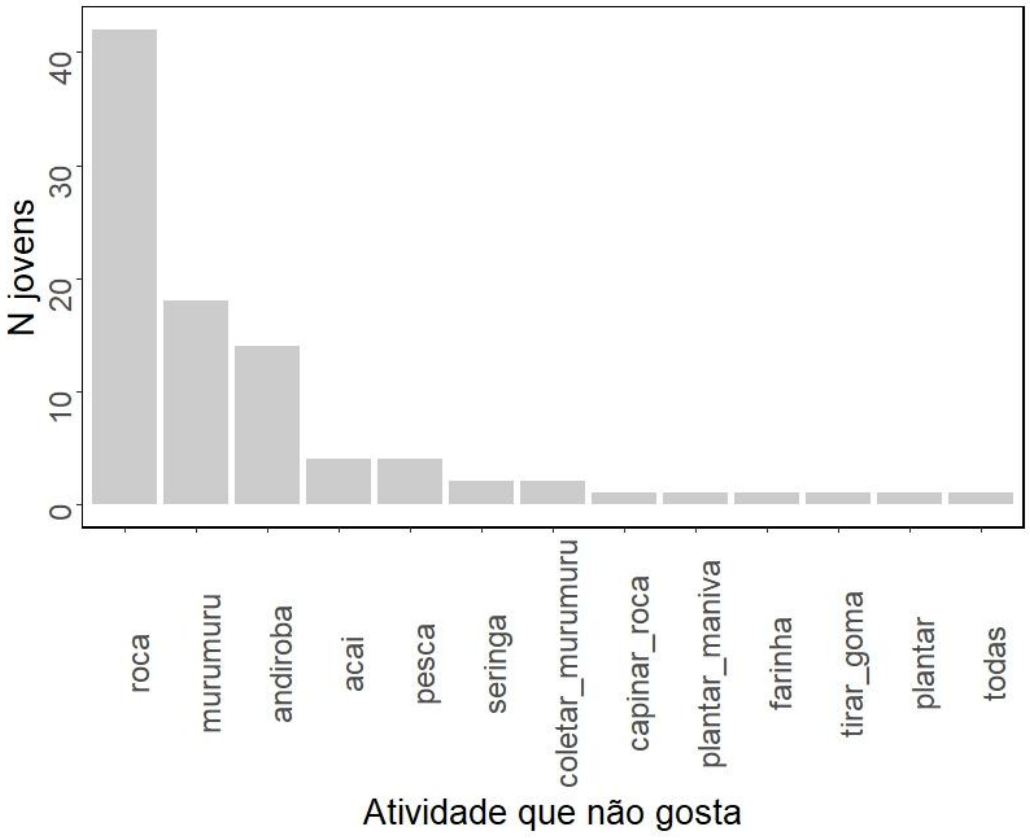


Figura 64: Atividades que jovens disseram não gostar de realizar.

Figura 65: Atividades citadas como preferidas pelos jovens. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: açaí (33), andiroba (16), pesca(15), roça (12), raspar mandioca (6), murumuru (5).

4.3.3.2 Uso do Tempo

Acessamos a distribuição de tempo entre atividades ao longo do ano para meninas e meninos da mesma maneira que fizemos para mulheres e homens, com uso do painel de categorias de atividades e a distribuição dos feijões de acordo com o tempo usado em cada categoria ao longo do último ano.

Entre meninas e meninos, se repete o padrão encontrado para mulheres e homens: meninas têm maior porcentagem de seu tempo dedicado a trabalhos domésticos e de cuidados (29%) em relação aos meninos (20%), enquanto esses dedicam mais tempo aos trabalhos de mercado do que elas (15% do tempo deles e 9% do delas, Figura 66, Tabela 12).

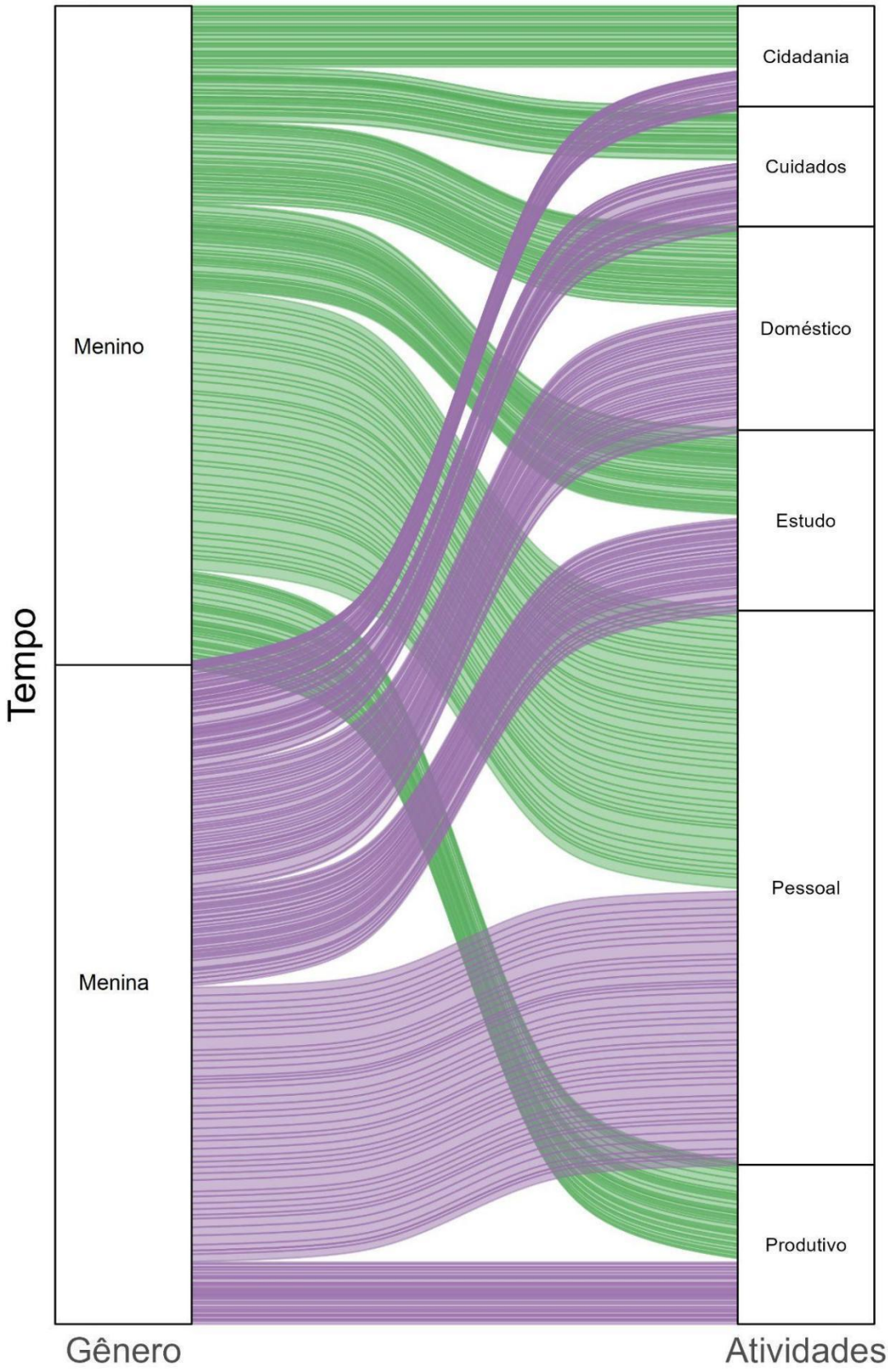


Figura 66: Diagrama Sankey mostrando a proporção de tempo gasta em cada atividade por meninos (verde) e meninas (lilás). Cada linha representa uma pessoa e a espessura das linhas representa o tempo dedicado a cada atividade.

Tabela 12: Porcentagem do tempo gasto por meninos e meninas nas diferentes atividades.

Atividades	**Meninos:**	**Meninas:**
trabalho de mercado	15%	9%
trabalho doméstico	12%	19%
trabalho de cuidados	8%	10%
exercício da cidadania	9%	6%
estudos	13%	14%
atividades pessoais	42%	42%

Perguntamos, ainda, se os jovens se sentem **satisfeitos em relação a distribuição de uso do seu tempo** ou se gostariam de poder distribuí-lo de alguma forma, e 81% dos jovens disseram que estão satisfeitos. Dentre os que gostariam de usar seu tempo de maneira diferente, 'tempo comigo mesmo' foi a categoria mais citada, seguido de tempo para lazer, estudos, família, e maior dedicação a alguma atividade produtiva (Figura 67).

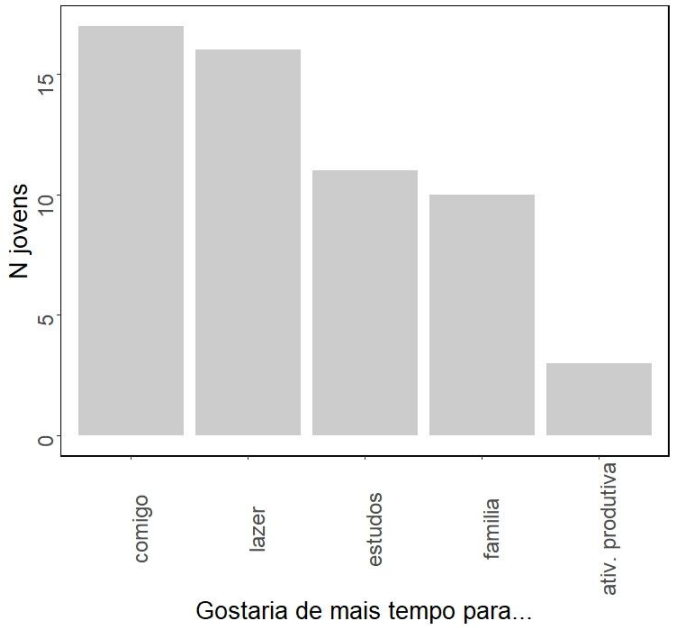


Figura 67: Atividades para as quais os jovens gostariam de dedicar mais tempo.

Quando perguntados se, durante seu **tempo livre**, os jovens consideravam que podiam fazer o que gostavam na comunidade, 84% disseram que sim. As atividades que disseram fazer em seu tempo livre são relacionadas a esportes (o futebol protagonizando esse espaço), estudos, convivência social (amigos, passeios, brincadeiras, dança), uso do celular, leitura, descanso, banho, pesca, caça e outras (Figura 68).

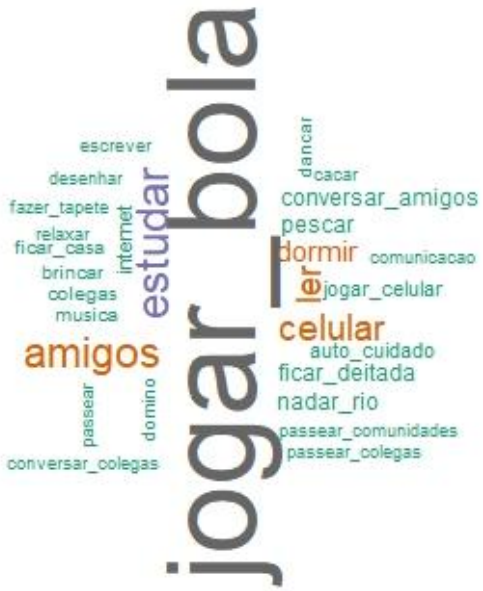


Figura 68: Atividades que os jovens costumam fazer em seu **tempo livre**. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: jogar bola (53), estudar (15), amigos (13), celular (10), ler (9), dormir (7).

Em relação às **atividades que gostariam que estivessem disponíveis na comunidade** durante seu tempo livre, as que mais apareceram foram as atividades relacionadas a aulas e oficinas para o desenvolvimento de novas habilidades, como aprendizado, tecnologia, artes e esportes, de acordo com a Figura 69.

Figura 69: Nuvem de palavras representando atividades que jovens demonstraram interesse em desenvolver em suas comunidades. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções: computação (7), violão (6), canto (5), música (3), vôlei (3).

4.3.5 Percepções de Qualidade de vida, Papéis de gênero e Valores

Adicionalmente, avaliamos as **percepções e valores das meninas e meninos sobre qualidade de vida, direitos básicos, autodesenvolvimento, relações comunitárias, autonomia, trabalho e estereótipos de gênero**. Essa análise foi baseada na escala psicométrica Likert, cuja resposta se dá em uma gradação de concordância total (nível 5) até a discordância total (nível 1).

Sobre as percepções da **qualidade de vida** e oportunidades na comunidade, observamos que tanto para meninos quanto para meninas o maior ponto de discordância das questões apresentadas é sobre as questões de permanência na comunidade (Figura 70).

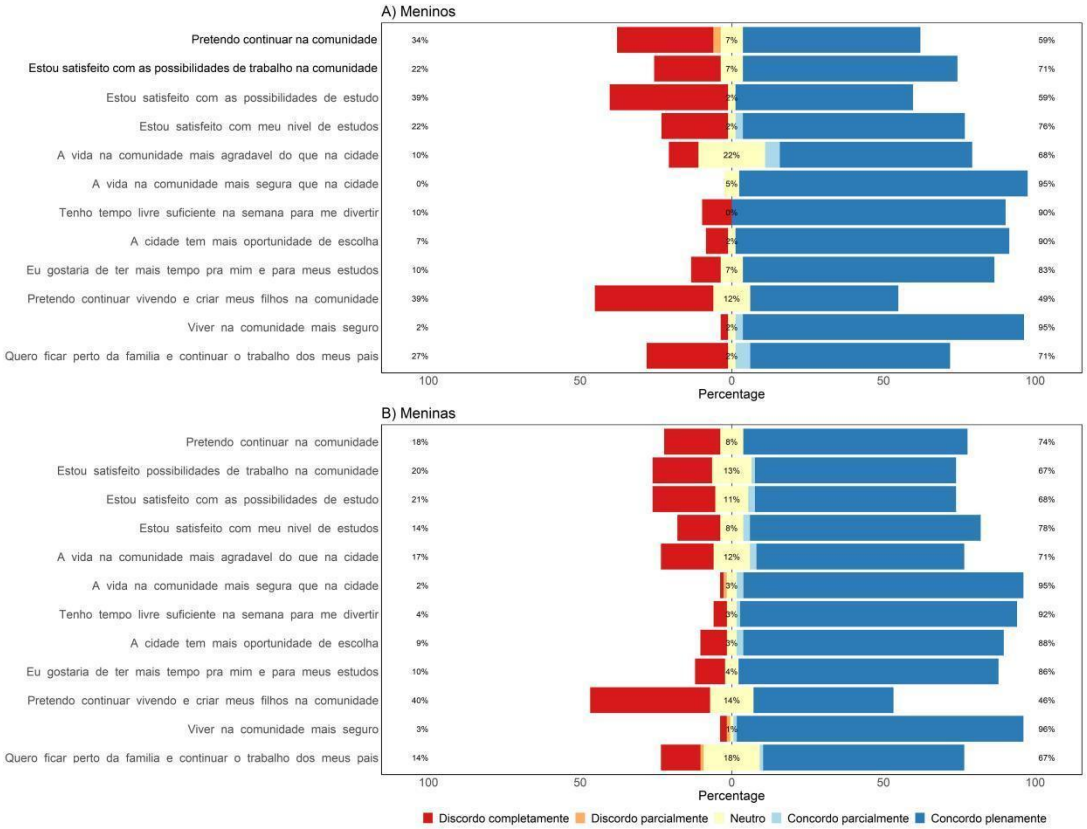


Figura 70: Percepções relativas a qualidade de vida e oportunidades na comunidade de meninos (A) e meninas (B), com base na escala Likert.

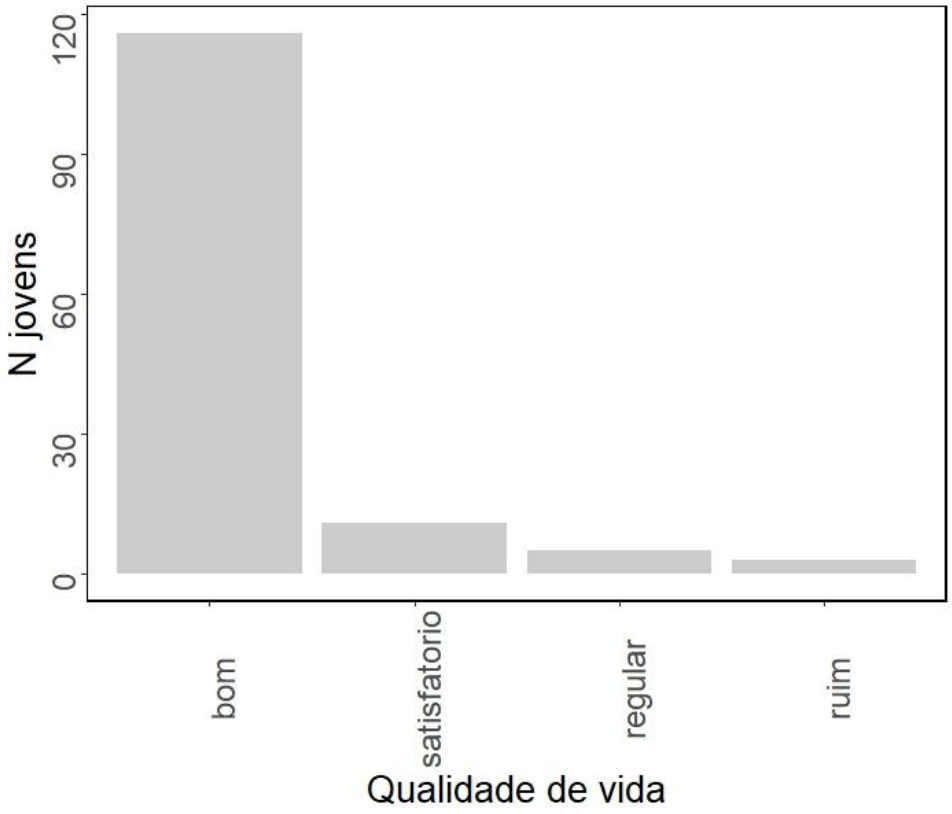


Figura 71: Percepção dos jovens em relação a seu padrão de qualidade de vida.

No tema dos **direitos reprodutivos** a grande maioria dos jovens diz ter acesso a anticoncepcionais e autonomia na decisão reprodutiva (Figura 72). A porcentagem de meninas que discorda da afirmação de que pode decidir quando ter filhos está de acordo com a proporção de meninas que têm filhos. Porém, todas as meninas com filhos concordam plenamente que puderam escolher quando ter filhos. Novamente é importante chamar a atenção para o contraste das respostas já que duas dessas meninas afirmaram terem que parar com os estudos devido aos filhos.

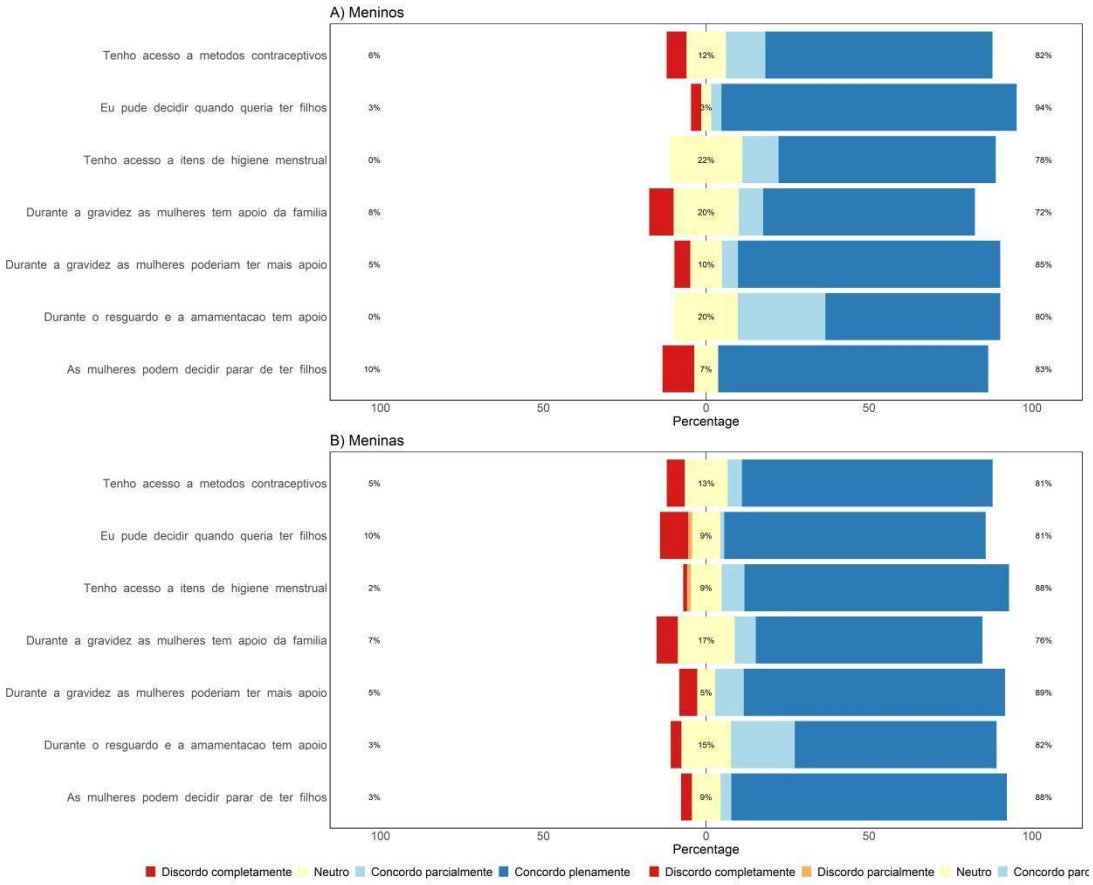


Figura 72: Percepções relativas aos direitos reprodutivo de meninos (A) e meninas (B), com base na escala Likert.

Na percepção sobre a participação nas cadeias produtivas, percebemos opiniões bastante similares entre meninos e meninas (Figura 73).

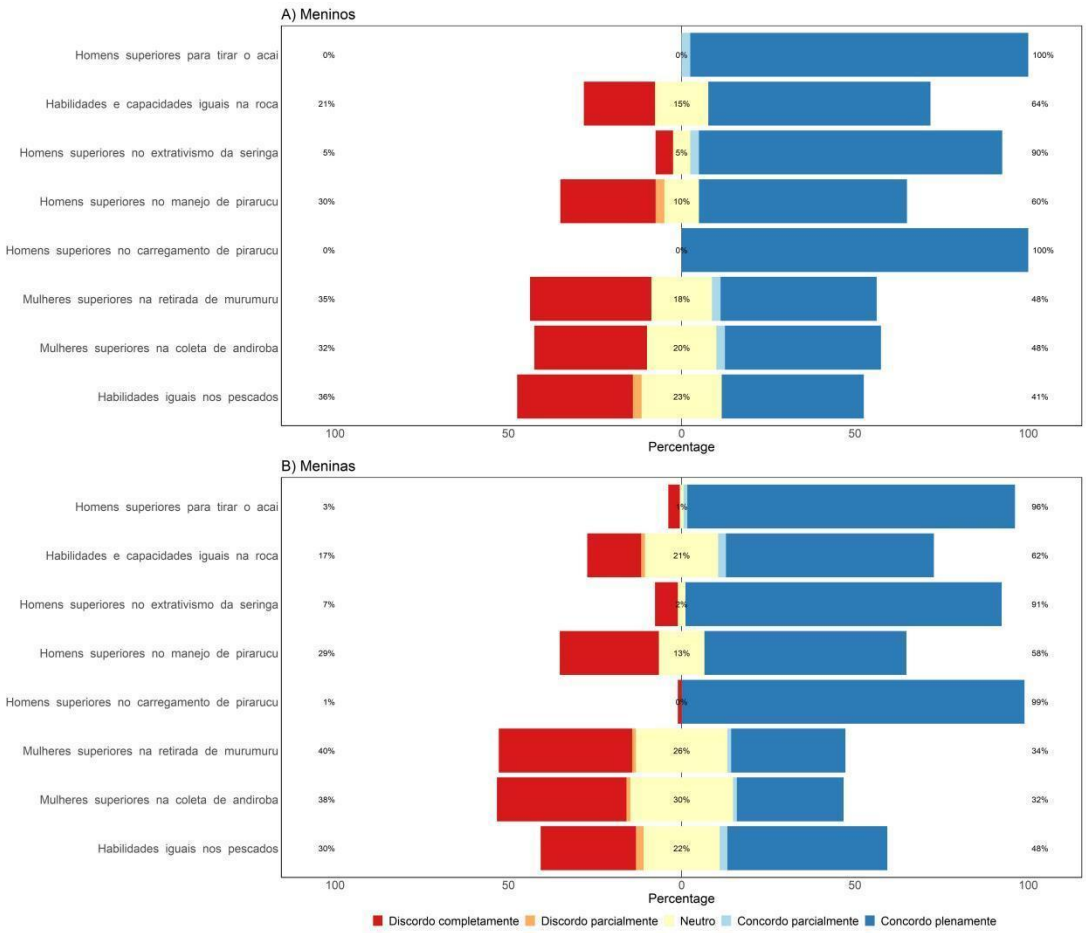


Figura 73: Percepções relativas à participação nas cadeias produtivas (A) e meninas (B), com base na escala Likert.

Com relação às percepções das questões de equidade de direitos e responsabilidades entre os gêneros, e as percepções sobre o feminismo, observamos respostas bastante similares com um viés supostamente feminista. Pequenas diferenças incluem a percepção que homens trabalham mais que mulheres (18% dos meninos discordam *versus* 36% das meninas), que homens gostam mais de esporte (20% dos meninos discordam *versus* 32% das meninas) e que tem medo de defender a igualdade entre homens e mulheres (90% dos meninos discordam *versus* 77% das meninas), entre outras pequenas diferenças (Figura 74).

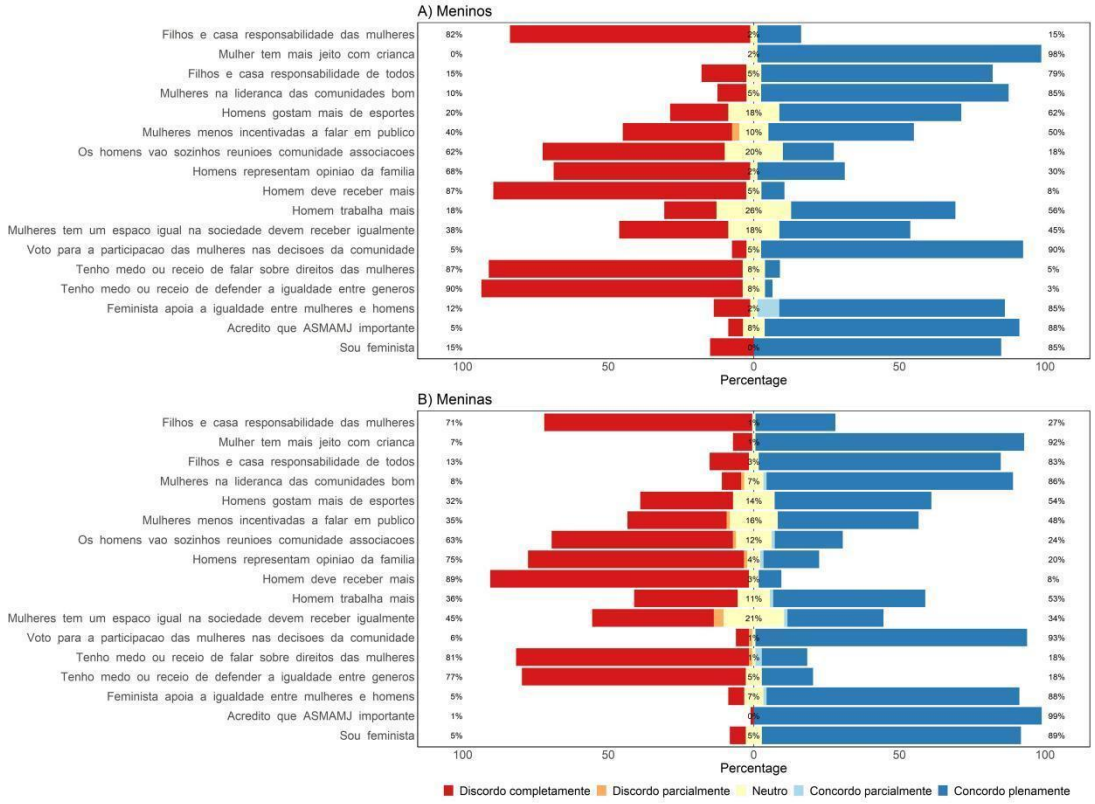


Figura 74: Percepções relativas ao feminismo e direitos e deveres com os filhos de meninos (A) e meninas (B), com base na escala Likert.

Esses resultados indicam percepções bastante parecidas entre meninos e meninas, contrastando resultados obtidos. Por exemplo, nas questões relacionadas às atividades das cadeias produtivas, muitos meninos e meninas afirmaram que homens e mulheres têm habilidade iguais no roçado, porém a participação das meninas é muito menor que a dos meninos nessa atividade (Figura 55). Percebe-se também que no uso do tempo, meninos usam mais tempo que meninas nas atividades de cidadania (que incluem voluntariado, atividades comunitárias, participações políticas, em assembleias etc.), enquanto as meninas dedicam mais tempo cuidando de terceiros (crianças, idosos e pessoas com deficiência) e se dedicando ao trabalho doméstico (Figura 66) - uma situação que tende a persistir na vida adulta, como indicam os resultados do diagnóstico de gênero (Figura 24).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste amplo diagnóstico de aspectos da realidade de gênero e da juventude no Território Médio Juruá, é importante notar que as análises não se esgotam neste documento. Diversos são os pontos que devem ser levados a debate para melhores interpretações e reflexões, de forma coletiva e com a participação ativa de atores das comunidades, a fim de que as organizações locais possam priorizar estratégias de curto, médio e longo prazo em seus planos de ação.

Um adendo face aos procedimentos metodológicos de pesquisa abordados é que algumas técnicas investigativas podem não captar a realidade total dos fatos. O que nos leva a pensar sobre isso é o viés supostamente feminista que as reaçoes dos entrevistados às afirmações apresentadas na escala psicométrica Likert revelaram. Enquanto esse método traz resultados tais como 81% dos homens e 89% das mulheres se autodeclaram feministas, as entrevistas com perguntas objetivas revela que 34% do tempo das mulheres é dedicado ao trabalho doméstico e de cuidados familiares, enquanto apenas 22% do tempo dos homens é direcionado para tais atividades; e um número significativamente maior de homens do que de mulheres participa de reuniões entre comunidades (um indicativo da influência díspar entre gêneros na tomada de decisão no território).

Ainda, enquanto 96% de homens e mulheres afirmam a responsabilidade do cuidado com os filhos e com a casa é responsabilidade de toda a família, a entrevista objetiva revela que, depois de ter filhos, mulheres estão bem mais sujeitas a interromperem seus estudos e trabalhos remunerados do que os homens, sendo os cuidados com os filhos o principal fator da causa.

De todo modo, acreditamos que o conhecimento é construído em camadas e que diferentes metodologias revelam fragmentos dos múltiplos aspectos que compõem contextos sociais complexos. Assim, confiamos na metodologia científica de apuração dos dados, na medida em que outras camadas reflexivas são sobrepostas aos resultados encontrados. Esse processo se torna ainda mais legítimo quando acontece a partilha e a validação do conhecimento com as comunidades e as organizações de base, o que faz deste relatório um documento vivo, dinâmico e atualizável.

Quanto às metas relacionadas à equidade de gênero e oportunidades para os jovens adolescentes e pré-adolescentes, observa-se que em alguns contextos pouco houve mudança da geração dos adultos entrevistados (18 a 83 anos de idade em Mai-Jun 2022) para a geração dos mais jovens (12 a 18 anos de idade em Mai-Jun 2022). Vejamos, por exemplo, as situações de casamento infantil e gravidez precoce, assuntos que percorrem todo Brasil e se apresentam também no Médio Juruá. Enquanto as mulheres adultas que passaram por gravidez precoce revelam ter tido seus primeiros filhos aos 12 (3 mulheres), 13 (3 mulheres) e 14 anos (9 mulheres), as adolescentes e pré-adolescentes entrevistadas, que também passaram por isso, revelam ter tido o filho primogênito aos 13 anos (1 menção), 14 (1 menção) e 15 (5 menções). Já entre os meninos entrevistados desta geração, nenhum declarou ter tido filhos até o presente momento.

Além do mais, todas as dez adolescentes e pré-adolescentes que afirmaram terem tido seu primeiro filho entre 13 e 17 anos de idade declararam concordar plenamente com a afirmação: "*pude escolher quando ter filhos*". A interpretação da pergunta pode ter enviesado a resposta dessas meninas, já que a pergunta não foi explicitamente se elas planejaram a gravidez. Esses resultados indicam que os assuntos da gravidez na adolescência, do casamento infantil e da iniciação sexual precoce devem ser abordados no território, através de uma agenda educativa, construída de forma participativa.

Assim, considerando os dados do perfil reprodutivo, que demonstram que:

- a maioria das mulheres (103 entrevistadas ou 51%) e uma parcela menor dos homens (10 entrevistados ou 9%) tiveram o primeiro filho antes dos 18 anos;
- 2% (5 entrevistadas) das mulheres adultas tiveram seu primeiro filho com menos de 14 anos de idade (Figura 5) enquanto somente das meninas adolescentes e pré-adolescentes; em contraponto a nenhum homem e menino com filhos nessa idade;
- mais de 70% dos(as) adultos(as) dizem ter acesso a métodos contraceptivos (Figura 6);
- 30% das mulheres e 37% dos homens disseram considerar que não podem decidir quando ter filhos (Figura 6);

Considerando ainda que:

- 45% das mulheres entrevistadas e apenas 5% dos homens com filhos disseram ter parado de realizar alguma atividade remunerada ou produtiva após serem mães ou pais;
- 19% das mulheres, face a 8% dos homens deixaram de estudar para poderem cuidar dos filhos (Figura 9).
- a principal pessoa responsável pelo cuidado com crianças durante reuniões comunitárias ou de associações é uma mulher (Figura 15);

Perguntamos a integrantes da ASMAMJ: de que forma a associação lida com essa realidade? Que ações e/ou medidas podem ser implementadas para minimizar o impacto da gravidez na adolescência, visto que o cuidado com filhos é um dos fatores apontados como responsáveis por afastar as mulheres do estudo, do mercado de trabalho, bem como das posições de lideranças em contextos sociais? Contamos com a resposta da Raqueline Nery, que é gestora ambiental, assessora da ASMAMJ, atual analista executiva do Fundo Médio Juruá (FMJ) e uma das principais forças femininas do Território Médio Juruá (TMJ).

Nery (2022) relatou que a maneira de lidar com essa realidade é priorizar o acolhimento dessas mulheres, fazendo com que elas se sintam parte fundamental do processo de lutas e conquistas da ASMAMJ. Também destacou ações no eixo de saúde, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Associação das Parteiras Tradicionais do Amazonas e Secretaria Municipal de Saúde de Carauari, com as quais foram realizadas oficinas de trocas de saberes sobre o uso de plantas medicinais e a oficina de resgate das parteiras tradicionais. Nesses encontros são inseridas as pautas de saúde da mulher, prevenção, entre outras. Raqueline Nery explica ainda, que a parceria com a Secretaria Municipal de Saúde possibilita a realização de consultas ginecológicas e exames preventivos, porém, de modo pontual em eventos, ou seja, não é uma prática periódica. A gestora ambiental complementa com a seguinte fala:

> "Ainda temos muito a avançar. Acredito que poderiam ser inseridas atividades mais voltadas para o autoconhecimento, conhecimento do corpo e prevenção, pois, como os números mostram, ainda há um grande número de gravidez indesejada em jovens da região" (Raqueline Nery, 2022).

Ela destaca, ainda, que devem trabalhar muito o fortalecimento psicológico dessas mulheres para garantir que não se calem ao sofrer violações. Mesmo que hoje a ASMAMJ entenda que as mulheres do território são empoderadas e que são poucos os relatos sobre violência, é fundamental estabelecer parcerias com as comunidades e associações de base, tal como vem promovendo a AMAB, cuja presidência atualmente é feminina, com forte atuação na Cadeia do Pirarucu, e que propõe ações de acolhimento a essas mulheres. Um exemplo prático disso é a atividade de "Roda de Conversa", que em parceria com órgãos municipais, profissionais da saúde e assistência social, objetiva proporcionar um momento de escuta e contação de histórias, no qual o brincar, o sorrir e o chorar são gestos bem vindos. Os homens (maridos e/ou companheiros) também são incluídos nas atividades, pois há um princípio de interação entre os casais, visto que a ideia não é competir, mas sim, ter mulheres esclarecidas, empoderadas e com parceiros que as respeitem e apoiem, enfatizou Raqueline Nery em entrevista ao Instituto Juruá.

Somando os depoimentos da ASMAMJ com a proposição de uma agenda educativa, defendemos que o objetivo dessa abordagem seja de permitir que meninas e meninos, mulheres e homens se apropriem dos conhecimentos e ferramentas necessários para que realizem escolhas conscientes, envolvendo consentimento informado, em relação às decisões que concernem aos seus corpos, sua sexualidade e seu futuro. Nesse sentido, uma ação com potencial de fomentar esse espaço educativo é o estabelecimento de grupos de apoio entre mulheres, homens e jovens, vinculados a profissionais sensíveis às particularidades do território e capacitados no tema da educação e saúde sexual. Através desses grupos, contemplando as vozes das juventudes no contexto das comunidades, e em escuta ativa às adolescentes e

mulheres, seria possível entender o que é necessário para, e efetivamente construir um ambiente de suporte coletivo a mulheres e jovens em situação de vulnerabilidade e abuso na região.

O início precoce do trabalho reprodutivo deve impactar a vida social, a saúde, a educação e a emancipação para a vida adulta das jovens, já que casamento e maternidade são fatores que se relacionam com aumento das restrições de gênero, no contexto da cultura machista que o Amazonas, o Brasil e o mundo estão inseridos.

Além disso, outros resultados indicam impactos da reprodução da economia patriarcal que oprime mulheres e meninas no Médio Juruá. Como exemplo, citamos o contraste entre jovens meninos que participam ativamente das cadeias produtivas, enquanto as meninas quase não participam. Outro exemplo é o recebimento do pagamento das safras por cadeia, cuja destinação ora se faz mais para o homem, ora mais para a família, ora para estes dois, e em nenhuma cadeia a mulher revelou receber mais ou igualmente a renda mediana de ambos, ainda que participe fortemente, como no caso da andiroba. Além do mais, as cadeias percebidas como mais rentáveis na região, que são a da Seringa e a do Pirarucu, são as que mulheres menos participam em suas etapas de trabalho.

Nas oficinas de grupo focal, uma narrativa foi replicada mais de uma vez sobre o modo como as mães transferem às filhas jovens os papéis de trabalho doméstico e cuidados dos membros da família, liberando os filhos do sexo masculino a usarem o tempo de maneira mais diversa: seja jogando futebol, estudando ou participando das etapas das cadeias produtivas - esta última atividade nem sempre como uma opção de escolha. Esta condição foi amplamente discutida durante e após a oficina da cadeia da seringa, ocorrida em São Raimundo e deixou o alerta de Rosângela Cunha, presidenta da ASMAMJ e moradora desta comunidade: "*se não houver a prática de ensinamento às mulheres, fica mais difícil delas participarem e serem reconhecidas como capazes*", reforçando o estereótipo de gênero observado nos gráficos, de que "*homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas à seringa*" - afirmação com que 78% dos homens e 77% das mulheres concordam.

Estereótipos de gênero construídos na cultura machista são aspectos do imaginário social que bloqueiam a autonomia das mulheres em múltiplas dimensões. O fato de os homens protagonizarem majoritariamente os espaços públicos e de tomada de decisão, se relaciona com sua vida social mais ativa e diversa, enquanto que às mulheres ficam reservados principalmente a vida e o trabalho no espaço privado da casa. A questão abordada no relatório sobre a pilotagem da rabeta ou voadeira tem a ver com esse ponto. Apenas 57% das mulheres, face a 100% dos homens disseram saber pilotar, sendo que 67% das que não sabem pilotar, demonstraram não ter interesse em aprender. Será essa falta de interesse uma consequência do não estímulo coletivo a esse tipo de atividade ao longo da criação das meninas?

Por fim, ao serem questionados se o trabalho da ASMAMJ é indispensável para alcançarmos bons resultados em termos de igualdade de gênero, 84% dos adultos *concordam* ou *concordam plenamente* enquanto 93% dos jovens *concordam plenamente* com a afirmação. Isto nos encaminha para uma agenda política e propositiva junto à Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá para o

alcance da meta pela equidade de gênero em todos os aspectos da vida. E o presente relatório traz contribuições importantes para o direcionamento e construção desse caminho.

7. LISTA DE ANEXOS

Os documentos anexos estão em formato PDF, seguindo os mesmos títulos nomeados abaixo:

ANEXO A - ENTREVISTA SOBRE GÊNERO E CADEIAS DE VALOR

ANEXO B - ENTREVISTA SOBRE JUVENTUDE E CADEIAS DE VALOR

ANEXO A

ENTREVISTA SOBRE GÊNERO E CADEIAS DE VALOR

DIAGNÓSTICO DE GÊNERO

ID da entrevista: _____

Comunidade:_____
Entrevistada (o): _____

PERFIL

1. Idade: __
2. Há quanto tempo vive na comunidade? ___
3. Tem planos de continuar vivendo na comunidade?
    a. sim
    b. não. Por que? _____

De acordo com as categorias de cor e raça do IBGE, como você se declara?

	indígena
	parda
	amarela
	preta
	branca

Você se identifica com a categoria declarada?

( ) Sim

( ) Não. Como você prefere se autodeclarar?_____

Estado civil:

	Solteira (o)
	Casada (o)
	Viúva (o)
	Divorciada (o)
	Vive com parceiro (a)

Com que idade se casou/ foi morar junto com o(a) companheiro(a)?____

Filhos:

	0-5 anos	6-10 anos	11-18 anos	maior de 18
Feminino				
Masculino				

Com que idade teve seu primeiro filho? ___

Adultos dependentes na casa:

Há dependentes na casa (idoso, portadores de deficiência, acamados)?

Quem é responsável pelos cuidados diários relativos a essas pessoas?

	Idoso	Descapacitados	Responsável pelos cuidados
Feminino			
Masculino			

Grau de parentesco com dependente:

- filho
- filha
- pai
- mãe
- sogro
- sogra
- outro _____

Mobilidade:

1. Sabe dirigir rabeta/voadeira?
    a. sim. com quem aprendeu?
        i. pai
        ii. mãe
        iii. marido/esposa
        iv. outro_____
    b. não, porque?
        i. não tem interesse
        ii. não tem tempo para aprender
        iii. não pôde aprender por ser mulher
        iv. tem medo
        v. outro _____
2. Tem rabeta disponível para você, caso precise?
    a. sim
    b. não
3. Por qual motivo você costuma sair da comunidade?
    a. Recebimento de benefício
    b. compras em geral, venda de mercadoria
    c. tratamento médico
    d. visita a familiares
    e. Outro: _____

AUTONOMIA ECONÔMICA E CADEIAS PRODUTIVAS

Atividades produtivas na casa:

1. Alguém na casa tem trabalho assalariado?
    a. sim. Quem? _____ Qual trabalho? _____
    b. não

Quais atividades produtivas são realizadas na sua casa?

Atividade econômica	**sim/não**	**De quais você participa**	**Realizada só por homens**	**Se só realizada por homens, por que?**
Roça de mandioca				
Pescado				
Manejo do pirarucu				
Açaí				
Muru-muru				
Andiroba				
Seringa				
Quelônios				
Meliponicultura				
Frutas e outros vegetais				
Artesanato/Saboaria				
Carpintaria/Marcenaria (canoas, casas, mobiliários e outros)				
Outra _____				

De quais etapas você participa nas seguintes cadeias?

Atividade	Etapa	participação (S/N)
Roça de mandioca	abertura do roçado (corte e queima)	
	preparo da terra	
	preparação da maniva	
	plantio	
	limpeza do roçado	
	colheita	
	transporte do roçado para casa de farinha	
	processamento da mandioca	
	produção da farinha e derivados	
	ensacar a farinha e derivados	
	registro de produção e venda	
	transporte para escoamento (associação)	
	outras	
Manejo de pirarucu	avaliação/ planejamento	
	monitoramento/vigilância dos lagos	
	contagem do pirarucu	
	registro informações contagem	
	pesca do pirarucu	
	registro de informações da pesca	
	preparo da alimentação durante a pesca	
	lavagem das roupas e organização dos ambientes no acampamento/flutuante	
	transporte até o barco	
	evisceração	
	limpeza dos espaços e utensílios	
	negociação para comercialização	

	outras	
Manejo do pescado	Avaliação e planejamento	
	Monitoramento e vigilância	
	preparo dos utensílios (tarrafa, caniço, etc)	
	pesca com tarrafa	
	pesca com caniço	
	pesca com malhadeira	
	outro tipo de pesca	
	transporte para comunidade	
	Registro de informações de pesca	
	salgamento	
	congelamento	
	limpeza e reparo de utensílios	
	transporte para escoamento	
	outras	
Seringa	abertura de estrada	
	corte da seringa	
	coleta	
	coagulação	
	montagem das pranchas e armazenamento	
	limpeza dos espaços/utensílios	
	transporte para porto	
	registro produção e venda	
	outras	
Muru-muru	identificação das matrizes	
	limpeza da área	
	coleta	
	transporte até comunidade	
	catação / seleção das sementes boas	
	secagem	
	manutenção da secadora	

	quebra	
	armazenamento	
	transporte para escoamento (porto/cooperativa)	
	registro de produção e venda	
	outras	
	identificação das matrizes	
	limpeza da área	
	coleta	
	transporte até comunidade	
	catação / seleção das sementes boas	
	molho	
	secagem	
	empacotamento/armazenamento	
	transporte para escoamento (porto/cooperativa)	
	registro de produção e venda	
Andiroba	outras	
	plantio	
	identificação de matrizes	
	limpeza da área	
	coleta	
	debulhagem e molho (água sanitária/quente)	
	retirada da polpa / produção do vinho	
	armazenamento	
	transporte para escoamento	
Açaí	outras	

Divisão do trabalho/remuneração:

Atividade econômica	Há quanto tempo trabalha na atividade	Você e seu marido/esposa dedicam o mesmo tempo a essa	Finalidade da produção*	Recebe a remuneração em mãos	Quanto você costuma receber por safra	Quanto seu marido/esposa costuma receber por safra

		atividade (+/-/=)				
Roça de mandioca						
Manejo do Pescado						
Manejo do pirarucu						
Açaí						
Muru muru						
Andiroba						
Seringa						

*principalmente consumo próprio; mais consumo que venda; mais venda que consumo; principalmente venda

1. Por qual motivo você não participa da atividade _____?
    a. não tem interesse
    b. não tem acesso aos conhecimentos/formação necessários
    c. não tem acesso aos utensílios necessários
    d. porque não consegue acessar o lugar em que a atividade é realizada
    e. motivo relacionado a gênero. qual? _____
    f. porque tem medo de se machucar
    g. outro _____

2. **Se tem filhos**: Depois de ter filhos, ou durante a gestação, precisou deixar de realizar alguma das atividades que você realizava antes?
    a. Sim. Qual atividade? _____ Por quanto tempo parou? _____Por que teve que parar?
    b. Não
3. E seu marido/ sua esposa parou alguma atividade?
    a. Sim. Qual atividade?_____ Por quanto tempo?_____Por que teve que parar?
    b. Não
4. Você já participou de algum curso ou treinamento para realizar alguma dessas atividades?
    a. Se sim: qual? _____
    b. Se não: gostaria de participar de alguma capacitação/treinamento?
        i. sim. Qual? _____
        ii. não

5. A família recebe algum dos benefícios abaixo:
    a. Bolsa família
    b. Bolsa floresta (FAS)
    c. Seguro defeso
    d. ICMS Verde
    e. Outros_____
    f. Se sim: Quem recebe?
        i. Eu
        ii. Meu marido/ minha esposa
6. Na sua opinião, quais dessas atividades são mais arriscadas/perigosas?
    a. _____
    b. _____
    c. _____
7. Conhece alguém que já sofreu acidente grave realizando alguma dessas atividades?
    a. Se sim:

i. Quantos homens? _____
ii. Quantas mulheres? _____

b. Que tipo de acidente?
i. perda de consciência
ii. fratura/luxação
iii. queimadura
iv. perda de mobilidade/visão/audição
v. perda de membro
vi. morte
vii. outro _____

Usos do tempo / divisão de tarefas:

	Atividades	**Tempo gasto**
A. Trabalho com atividades produtivas para venda e/ou consumo próprio		
Atividades produtivas com retorno financeiro* (horas/semana ou Mês/Ano) *preencher de acordo com as que são realizadas pela entrevistada (o)		
Atividades produtivas para consumo próprio (horas/semana) *preencher de acordo com as que são realizadas pela entrevistada (o)	**Pesca pro rancho**	
	Caça	
	Agricultura/ plantio	
	Criação de animal (para SAN)	
	Compras de comida para a casa	
	Coleta e transporte de água	
	Beneficiamento, preparação de conserva de alimentos e bebidas fermentadas (ex. salgar peixe/carne de caça)	
	Confecção de roupas (costura, crochê, tricô)	
	Produção de canoas/móveis/cestaria para a casa	

	Construção para uso próprio (casa)	
Trabalho para terceiros / autônomo/comércio (horas/semana)	Trabalho assalariado	
	Trabalho como empregador/patrão	
	Trabalho autônomo (ex. mercadinho)	
	Trabalhos esporádicos (apoio a pesquisa, p. ex)	
B. Trabalho não remunerado		
Trabalho não remunerado relativos ao lar		
Trabalho doméstico (horas/semana)	Cozinhar, preparar alimentos e bebidas	
	Lavar a louça e limpar fogão/forno/pia	
	Levar comida a alguém da família no trabalho/escola	
	Limpar a casa (varrer, passar pano, tirar pó)	
	Retirar e separar o lixo	
	Lavar, secar e passar a roupa	
	Reparar roupas	
Manutenção e reparo da casa (horas/mês)	Manutenção, instalações e pequenos reparos na estrutura da casa	
	Manutenção de eletrodomésticos/bens da casa	
	Manutenção e limpeza de barcos/motores de uso próprio	
Compras para o lar (horas/mês)	Comprar comida e outros bens para a casa (eg. produtos de limpeza, vassoura, utensílios de cozinha, etc)	
	Comprar roupas, calçados e outros bens para membros da família	
	Comprar barcos/motor	

Cuidados com plantas e mascotes (horas/semana)	Cuidado com mascotes	
	Cuidado com plantas	
Trabalho não remunerado de cuidado a membros do lar		
Cuidados com membros do lar de 0 a 14 anos (horas/semana)	Alimentar	
	Dar banho, limpar, arrumar, fazer dormir	
	Brincar, conversar, ler	
	Cuidados temporário com saúde - ex. gripe/resfriado	
	Ajudar nas tarefas escolares	
	Ir a reuniões/apresentações/outras atividades na escola	
	Levar a escola/ centros de educação	
	Acompanhar/Levar ao médico/hospital/centros de saúde	
Cuidados com membros do lar de 15 a 59 anos (horas/semana)	Cuidado temporário com saúde - ex: gripe, resfriado	
	Acompanhar/Levar ao médico/hospital/centros de saúde	
	Acompanhar/Levar a qualquer outro lugar	
	Outras atividades de cuidado/apoio	
Cuidados com membros do lar de 60 anos ou mais (horas/semana)	Cuidado temporário com saúde - ex: gripe, resfriado	
	Acompanhar/Levar ao médico/hospital/centros de saúde	
	Acompanhar/Levar para resolver questões legais/administrativas/financeiras - ex: ir ao banco na cidade	
	Acompanhar/Levar para qualquer outro lugar	
	Outras atividades de cuidado/apoio	

Cuidados com membros do lar com discapacidades ou dependência permanente (horas/semana)	Alimentar, dar banho, trocar e arrumar	
	Brincar, conversar, ler	
	Estar responsável por	
	Cuidado temporário com saúde - ex: gripe, resfriado	
	Cuidado permanente com saúde	
	Acompanhar/Levar ao médio/hospital/centros de saúde	
	Acompanhar/Levar a qualquer outro lugar	
	Outras atividades de cuidado/apoio	
Trabalho não remunerado para comunidade/voluntariado		
Comunidade (horas/mês)	Melhora da comunidade - serviços de limpeza/ construção coletivos	
	Vida social da comunidade - preparação de festejos, organização eventos esportivos, etc	
	Outras atividades de apoio à comunidade	
	Reuniões comunitárias	
	Reuniões associações	
	Atividades políticas	
Trabalho voluntário ONGs	Relacionadas à saúde	
	Relacionadas à educação	
	Relacionadas a associações/cooperativas	
	Outras atividades voluntárias	
C. Atividades pessoais		
Aprendizagem e estudo	Ir à escola	

(horas/semana)	Assistir a aulas de educação a distância / extracurriculares	
	Estudar, fazer tarefas	
	Deslocamento para atividades de estudo	
Convivência social e atividades recreativas (horas/semana)	convivência com família/amigos/outras pessoas	
	Participar de celebrações comunitárias / religiosas	
	outras atividades de convivência social	
Participação em eventos culturais/esportivos/entretenimento (horas/semana)	Eventos culturais/entretenimento	
	Eventos esportivos	
Artes e hobbies (horas/semana)	Artes plásticas, gráficas, literárias, cênicas, musicais	
	Jogos de tabuleiro/azar/outros	
Uso meios de comunicação (horas/semana)	Ler livros, revistas, jornais, outro material	
	Ver televisão/filmes	
	Escutar rádio ou outros meios de áudio	
	Utilizar computador, tablet ou celular e rádio de comunicação (internet inclusive)	
Cuidado pessoal (horas/dia)	Limpar-se e arrumar-se	
	Cuidados com a saúde (inclusive deslocamento)	
	Descansar, rezar ou meditar	
	Comer e beber	
	Dormir	

1. Você está satisfeita(o) com como usa seu tempo hoje em dia?
    a. sim;
    b. não, gostaria de ter mais tempo comigo mesma/para lazer
    c. não, gostaria de ter mais tempo para estudar

d. não, gostaria de ter mais tempo com minha família
e. não, gostaria de ter mais tempo para realizar determinada atividade produtiva. Qual? _____
f. não, gostaria de ter mais tempo para outro _____

2. Dentre as atividades que você realiza, há alguma que você não goste de fazer?
    a. não
    b. sim. Por que? _____
3. O que você gosta de fazer no seu tempo livre?
    _____
4. Há alguma atividade que você gostaria de fazer no tempo livre e não faz?
    a. não
    b. sim. Qual o motivo?
        i. falta acesso a itens necessários à atividade em casa
        ii. falta acesso a itens necessários à atividade na comunidade
        iii. falta de acesso a itens necessários à atividade no território
        iv. dificuldade de deslocamento até o local onde a atividade acontece
        v. por motivo relacionado a gênero
        vi. outro _____
5. De maneira geral, como você avalia seu padrão de qualidade de vida?
    a. Bom
    b. Satisfatório
    c. Ruim
    d. Regular
6. Qual seu maior sonho/desejo na vida?
    _____
7. Qual sua maior aflição/preocupação/medo?
    _____

AUTONOMIA EM TOMADA DE DECISÃO

1. Escolaridade:
    a. não sabe ler e escrever
    b. sabe ler e escrever mas não foi à escola
    c. ensino fundamental
    d. ensino médio
    e. ensino técnico
    f. ensino superior
    g. pós-graduação
2. Gostaria de estudar mais?
    a. não
    b. sim. O que acredita que te impede de fazer isso?
        i. filhos
        ii. falta de oportunidade

iii. trabalho em casa

iv. trabalho fora de casa

v. dificuldade de transporte

vi. outro _____

3. **Se recebe dinheiro**: É você que decide como usar o dinheiro?
    a. não recebe
    b. não
    c. sim. Como você usa, geralmente?
        i. principalmente gastos com a casa/filhos, um pouco para uso próprio/cuidado pessoal
        ii. principalmente para uso pessoal/cuidado próprio, um pouco para casa/filhos
        iii. parte para casa/filhos, parte para uso pessoal, parte para economias/reservas de dinheiro
4. Tem conta bancária?

    a. Sim

    b. Não

5. Tem possibilidades de acessar créditos ou já acessou em algum momento?

    a. Sim

    b. Não

6. Tem posição de liderança (liderança, cônjuge de liderança, professora, cantineira, liderança de associação, etc) na comunidade?

    a. sim

    b. não. Você sente vontade de ocupar posição de liderança na comunidade?

        i. Se sim: o que acredita que é necessário para que você possa ocupar esse espaço?

        _____

7. Participa de reuniões comunitárias de tomada de decisão sobre atividades produtivas?
    a. Se sim: Se sente à vontade para dar sua opinião? Sente que é escutada/levada em conta?
        i. sim
        ii. não. por que?_____
    b. Se não: por que não vai?_____ O que acha que é necessário para que você participe das reuniões? _____

8. Quem está incluso no DAP da família?
    a. eu e meu marido/esposa
    b. só eu
    c. só meu marido/minha esposa
    d. eu, meu marido/esposa e filhos
    e. outro _____
9. Você faz parte de alguma associação?

    a. Se sim: Qual?
        i. ASPROC
        ii. AMARU
        iii. AMAB
        iv. ASMAMJ
        v. AMECSARA
        vi. AANE

vii. Outra_____

b. Você participa das reuniões da associação?
   i. sim
   ii. não. por que? _____
c. Se não: Alguém da sua casa é associado(a)? Você gostaria de ser associada(o)? Por que não é?

10. De quantas reuniões envolvendo mais de duas comunidades você participou nos últimos 12 meses? ___
11. **Se tem filhos:** Durante essas reuniões, quem é responsável por cuidar dos filhos?
    a. eu
    b. meu/minha companheiro(a)
    c. avó
    d. avô
    e. outra mulher da família/comunidade
    f. outro homem da família/comunidade
    g. outro _____
    h. não se aplica (não tem filhos ou não tem filho pequeno)
12. Você considera que nesses momentos de reuniões, a associação/cooperativa responsável leva em conta a necessidade de cuidado das crianças?
    a. sim
    b. não. Como você imagina que essas necessidades podem ser atendidas, permitindo a participação de mães e pais nas reuniões/tomada de decisão?

Qualidade de vida, desenvolvimento pessoal/comunitário e autonomia

1 - Discordo muito → 5 – Concorda muito

		1	2	3	4	5
1	Me sinto segura(o) na comunidade. (segurança física)					
2	Minha relação com as pessoas da comunidade é harmoniosa e respeitosa.					
3	Meu/minha parceiro(a) fica com as crianças para eu ir as reuniões/ atividades das associações.					
4	Meu/minha parceiro(a) me apoia a ir as reuniões desde que eu leve as crianças					
5	Meu parceiro/(a) não me deixa participar das reuniões					
6	Minha família passa por dificuldades financeiras.					
7	Minha família tem acesso a alimentação saudável e fresca o ano todo.					
8	Estou satisfeita(o) com o acesso a serviços de saúde na comunidade.					
9	Tenho acesso a itens básicos de higiene (banheiro em condições de uso, vaso sanitário, pia/lavatório, papel higiênico, sabão, chuveiro).					
10	Tenho acesso a métodos contraceptivos (pílula, injeção, camisinha, DIU, tabelinha)					
11	Eu pude decidir quando queria ter filhos					
12	Somente para mulheres: Tenho acesso a itens de higiene pessoal durante o ciclo menstrual.					
13	Durante a gravidez, as mulheres tem apoio da família (dela ou do companheiro).					
14	Durante a gravidez, as mulheres poderiam ter mais apoio da comunidade.					
15	Durante o resguardo e a amamentação, as mulheres tem apoio para cuidar da casa/ das crianças na comunidade.					
16	As mulheres tem autonomia para decidir quando parar de ter filhos.					

PERCEPÇÕES E VALORES - ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

1 - Discordo muito → 5 - Concordo muito

		1	2	3	4	5
1	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para tirar o **açaí**.					
2	Acredito que os homens e mulheres têm habilidades e capacidades iguais para desenvolverem as atividades relacionadas à **roça da mandioca**.					
3	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas à **seringa**.					
4	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas ao **manejo de pirarucu**.					
5	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas ao **carregamento de pirarucu**.					
6	Acredito que as mulheres têm habilidades e capacidades superiores às dos homens para desenvolverem as atividades relacionadas ao **muru muru**.					
7	Acredito que as mulheres têm habilidades e capacidades superiores às dos homens para desenvolverem as atividades relacionadas à **andiroba**.					
8	Acredito que os homens e mulheres têm habilidades e capacidades iguais para desenvolverem as atividades relacionadas aos **pescados**.					
9	O cuidado com os filhos e com a casa é responsabilidade das esposas e das filhas mulheres.					
10	Mulher tem mais jeito com criança do que homem.					
11	O cuidado com os filhos e com a casa é responsabilidade de todos da familia					
12	Ter mais mulheres na liderança das comunidades é positivo.					
13	Homens gostam mais de esportes do que mulheres.					
14	Mulheres são menos incentivadas a falar em público do que homens					
15	Os homens vão sozinhos às reuniões da comunidade e das associações.					
16	Os homens representam a opinião da família toda.					
17	Homem deve receber mais do que mulher.					
18	Homem trabalha mais do que mulher.					
19	Acredito que as mulheres já alcançaram um espaço igual ao dos homens na sociedade e devem receber igual ao homem					
20	Eu voto para a participação das mulheres nas decisões da comunidade/associação.					
21	Tenho medo ou receio de falar sobre direitos das mulheres.					
22	Tenho medo ou receio de defender a igualdade entre homens e mulheres					
23	Acredito que ser feminista é defender e apoia a igualdade de oportunidades para as mulheres e homens.					
24	Acredito que o trabalho da ASMAMJ é indispensável para alcançarmos bons resultados em termos de igualdade entre mulheres e homens.					
25	Eu me declaro uma pessoa feminista.					

ANEXO B

ENTREVISTA SOBRE JUVENTUDE E CADEIAS DE VALOR

Questionário Juventude

ID da entrevista: _____

Comunidade:_____
Entrevistada (o): _____

PERFIL

1. Idade: __
2. Há quanto tempo vive na comunidade? ___
3. Tem planos de continuar vivendo na comunidade?
    a. sim
    b. não. Por que?_____

De acordo com as categorias de cor e raça do IBGE, como você se declara?

	Indígena
	Parda
	Amarela
	Preta
	Branca

Você se identifica com a categoria declarada?

( ) Sim

( ) Não. Como você prefere se autodeclarar?_____

Estado civil:

	Solteira (o)
	Casada (o)
	Viúva (o)
	Divorciada (o)
	Vive com parceiro (a)

Com que idade se casou/ foi morar junto com o companheiro?____

Filhos:

	quantidade	idade(s)
Feminino		
Masculino		

1. Com que idade teve seu primeiro filho? ___

2. Depois de ter filhos, ou durante a gestação, precisou deixar de realizar alguma das atividades que você realizava antes?
    a. Sim. Qual atividade? _____ Por quanto tempo parou? _____
    b. Não
3. E seu marido/ sua esposa parou alguma atividade?
    a. Sim. Qual atividade?_____ Por quanto tempo?_____
    b. Não

Adultos dependentes na casa:

Há dependentes na casa (idoso, portadores de deficiência, acamados)?

Quem é responsável pelos cuidados diários relativos a essas pessoas?

	Idoso	Descapacitados	Responsável pelos cuidados
Feminino			
Masculino			

AUTONOMIA ECONÔMICA E CADEIAS PRODUTIVAS

Atividades produtivas na casa:

Atividade econômica	**participa**	**há quanto tempo**	**tem planos de continuar**	**com quem aprendeu**
Roça				
Pescado				
Manejo do pirarucu				
Açaí				
Muru-muru				
Andiroba				
Seringa				
Quelônios				
Outra _____				

De quais etapas você participa nas seguintes cadeias?

Atividade	**Etapa**	**participação (S/N)**
Roça de mandioca	abertura do roçado (corte e queima)	

	preparo da terra	
	preparação da maniva	
	plantio	
	limpeza do roçado	
	colheita	
	transporte do roçado para casa de farinha	
	processamento da mandioca	
	produção da farinha e derivados	
	ensacar a farinha e derivados	
	registro de produção e venda	
	transporte para escoamento (associação)	
	outras	
Manejo de pirarucu	avaliação/ planejamento	
	monitoramento/vigilância dos lagos	
	contagem do pirarucu	
	registro informações contagem	
	pesca do pirarucu	
	registro de informações da pesca	
	preparo da alimentação durante a pesca	
	lavagem das roupas e organização dos ambientes no acampamento/flutuante	
	transporte até o barco	
	evisceração	
	limpeza dos espaços e utensílios	
	negociação para comercialização	
	outras	
Manejo do pescado	Avaliação de planejamento	
	Monitoramento e vigilância	
	preparo dos utensílios (tarrafa, caniço, etc)	

	pesca com tarrafa	
	pesca com caniço	
	Pesca com malhadeira	
	outro tipo de pesca	
	Registro de informações da pesca	
	transporte para comunidade	
	salgamento	
	congelamento	
	Limpeza e reparo de utensílios	
	transporte para escoamento	
	outras	
Seringa	abertura de estrada	
	corte da seringa	
	coleta	
	coagulação	
	montagem das pranchas e armazenamento	
	limpeza dos espaços/utensílios	
	transporte para porto	
	registro produção e venda	
	outras	
Muru-muru	identificação das matrizes	
	limpeza da área	
	coleta	
	transporte até comunidade	
	catação / seleção das sementes boas	
	secagem	
	manutenção da secadora	
	quebra	
	armazenamento	
	transporte para escoamento (porto/cooperativa)	
	registro de produção e venda	

	outras	
Andiroba	identificação das matrizes	
	limpeza da área	
	coleta	
	transporte até comunidade	
	catação / seleção das sementes boas	
	molho	
	secagem	
	empacotamento/armazenamento	
	transporte para escoamento (porto/cooperativa)	
	registro de produção e venda	
	outras	
Açaí	plantio	
	identificação de matrizes	
	limpeza da área	
	coleta	
	debulhagem e molho (água sanitária/quente)	
	retirada da polpa / produção do vinho	
	armazenamento	
	transporte para escoamento	
	outras	

1. Você já participou de algum curso ou treinamento para realizar alguma dessas atividades?
    c. Se sim: qual? _____
    d. Se não: gostaria de participar de alguma capacitação/treinamento?
        i. sim. Qual? _____
        ii. não
2. Dentre as atividades que você realiza, há alguma que você não goste de fazer?
    a. não
    b. sim. Por que? _____
3. Qual sua atividade preferida? _____
   Por que?_____

4. Há alguma atividade produtiva que você gostaria de fazer, acha que teria sucesso, mas que ainda não existe na sua comunidade/região?
    a. _____
    b. _____
    c. _____

Usos do tempo / divisão de tarefas:

	Atividades	**Tempo gasto**
A. Trabalho com ocupação/atividades produtivas para venda e/ou consumo próprio		
Atividades produtivas com retorno financeiro* (horas/semana ou mês/ano) ***preencher de acordo com as que são realizadas pela entrevistada (o)**		
Atividades produtivas para consumo próprio (horas/semana ou mês/ano) ***preencher de acordo com as que são realizadas pela entrevistada (o)**	**Pesca pro rancho**	
	Caça	
	Compras de comida para a casa	
	Agricultura/ roça	
	Criação de animais (para SAN)	
	Coleta e transporte de água	
	Beneficamento, preparação de conserva de alimentos e bebidas fermentadas (ex. salgar peixe/carne de caça)	
	Confecção de roupas (costura, crochê, tricô)	
	Produção de canoas/móveis/cestaria para a casa	
	Construção para uso próprio (casa)	

B. Trabalho não remunerado		
Trabalho não remunerado relativos ao lar		
Trabalho doméstico (horas/dia)	Cozinhar, preparar alimentos e bebidas	
	Lavar a louça e limpar fogão/forno/pia	
	Levar comida a alguém da família no trabalho/escola	
	Limpar a casa (varrer, passar pano, tirar pó)	
	Retirar e separar o lixo	
	Lavar, secar e passar a roupa	
	Reparar roupas	
Manutenção e reparação da casa (horas/mês)	Manutenção, instalações e pequenos reparos na estrutura da casa	
	Manutenção de eletrodomésticos/bens da casa	
	Manutenção e limpeza de barcos/motores de uso próprio	
Cuidados com plantas e mascotes (horas/semana)	Cuidado com mascotes	
	Cuidado com plantas	
Trabalho não remunerado de cuidado a membros do lar		
Cuidados com membros do lar de 0 a 14 anos (horas/semana)	Alimentar	
	Dar banho, limpar, arrumar, fazer dormir	
	Brincar, conversar, ler	
	Cuidados temporário com saúde - ex. gripe/resfriado	
	Ajudar nas tarefas escolares	
	Ir a reuniões/apresentações/outras	

	atividades na escola	
	Levar a escola/ centros de educação	
	Acompanhar/Levar ao médico/hospital/centros de saúde	
Cuidados com membros do lar de 15 a 59 anos (horas/semana)	Cuidado temporário com saúde - ex: gripe, resfriado	
	Acompanhar/Levar ao médico/hospital/centros de saúde	
	Acompanhar/Levar a qualquer outro lugar	
	Outras atividades de cuidado/apoio	
Cuidados com membros do lar de 60 anos ou mais (horas/semana)	Cuidado temporário com saúde - ex: gripe, resfriado	
	Acompanhar/Levar ao médico/hospital/centros de saúde	
	Acompanhar/Levar para resolver questões legais/administrativas/financeiras - ex: ir ao banco na cidade	
	Acompanhar/Levar para qualquer outro lugar	
	Outras atividades de cuidado/apoio	
Cuidados com membros do lar com discapacidades ou dependência permanente (horas/semana)	Alimentar, dar banho, trocar e arrumar	
	Brincar, conversar, ler	
	Estar responsável por	
	Cuidado temporário com saúde - ex: gripe, resfriado	
	Cuidado permanente com saúde	
	Acompanhar/Levar ao médio/hospital/centros de saúde	
	Acompanhar/Levar a qualquer outro lugar	
	Outras atividades de cuidado/apoio	

Trabalho não remunerado para outros lares/comunidade/voluntariado		
Comunidade (horas/mês)	Melhora da comunidade - serviços de limpeza/ construção coletivos	
	Vida social da comunidade - preparação de festejos, organização eventos esportivos, etc	
	Outras atividades de apoio à comunidade	
	Reuniões comunitárias	
	Reuniões associações	
	Atividades políticas	
Trabalho voluntário ONGs	Relacionadas à saúde	
	Relacionadas à educação	
	Relacionadas a associações/cooperativas	
	Outras atividades voluntárias	
C. Atividades pessoais		
Aprendizagem e estudo (horas/semana)	Ir à escola	
	Assistir a aulas de educação a distância / extracurriculares	
	Estudar, fazer tarefas	
	Deslocamento para atividades de estudo	
Convivência social e atividades recreativas (horas/semana)	convivência com família/amigos/outras pessoas	
	Participar de celebrações comunitárias / religiosas	
	outras atividades de convivência social	
Participação em	Eventos culturais/entretenimento	

eventos culturais/esportivos/entretenimento (horas/semana)	Eventos esportivos	
Artes e hobbies (horas/semana)	Artes plásticas, gráficas, literárias, cênicas, musicais, cinematográficas, etc.	
	Tecnologia de ponta (informática, robótica, dispositivos móveis, apps, etc.)	
	Jogos de tabuleiro/azar/outros	
Uso meios de comunicação (horas/semana)	Ler livros, revistas, jornais, outro material	
	Ver televisão/filmes	
	Escutar rádio ou outros meios de áudio	
	Utilizar computador, tablet ou celular e rádio de comunicação(internet inclusive)	
Cuidado pessoal (horas/dia)	Limpar-se e arrumar-se	
	Cuidado com a saúde (inclusive deslocamento)	
	Descansar, rezar ou meditar	
	Comer e beber	
	Dormir	

1. Você está satisfeita(o) com como usa seu tempo hoje em dia?
    a. sim;
    b. não, gostaria de ter mais tempo comigo mesma/para lazer
    c. não, gostaria de ter mais tempo para estudar
    d. não, gostaria de ter mais tempo com minha família
    e. não, gostaria de ter mais tempo para realizar determinada atividade produtiva. Qual? _____
    f. não, gostaria de ter mais tempo para outro _____

2. O que você gosta de fazer no seu tempo livre?
    _____
3. Há alguma atividade que você gostaria de fazer no tempo livre e não faz?
    a. não
    b. sim. Qual o motivo?
        i. falta acesso a itens necessários em casa
        ii. falta acesso a itens/logistica necessários na comunidade/território

iii. dificuldade de deslocamento até o local onde a atividade acontece
iv. por motivo relacionado a ser mulher/ homem
v. outro _____

4. Você sente que pode fazer o que gosta aqui na comunidade?

    a. sim

    b. não. Quais outras atividades além das disponíveis você gostaria de poder fazer? _____

5. Com o que você sonha em trabalhar nos próximos anos? _____
6. E quando for mais velho? _____
7. Do que você acredita que precisa para poder realizar esse trabalho no futuro?
    a. acesso a estudos
    b. acesso a utensílios/ ferramentas
    c. acesso a mobilidade até o local em que a atividade é realizada
    d. mais tempo atividades de meu interesse
    e. outros _____
8. A formação/capacitação de que você precisa está disponível aqui na região?
    a. sim
    b. não
9. O que você tem vontade de estudar? _____ Que cursos você tem vontade de fazer?

10. Os cursos que você tem vontade de fazer estão disponíveis aqui na região?

    a. sim

    b. não. É acessível (em termos financeiros, locomoção, internet, tempo disponível) pra você fazer esse curso no lugar em que ele é oferecido?

        i. sim

        ii. não por motivos financeiros

        iii. não por motivos de locomoção

        iv. não por falta de tempo

        v. não por outro motivo _____

11. De maneira geral, como você avalia seu padrão de qualidade de vida?

    a. Bom

    b. Satisfatório

    c. Ruim

    d. Regular

    e. Poderia ser melhor

12. Qual seu maior sonho/desejo na vida?

    _____

13. Qual sua maior aflição/preocupação/medo?

_____

AUTONOMIA EM TOMADA DE DECISÃO

1. Escolaridade:
    a. não sabe ler e escrever
    b. sabe ler e escrever mas não foi à escola
    c. educação infantil (~ 0 a 5 anos)
    d. ensino fundamental I (1º ao 5º ano)
    e. ensino fundamental II (5º ao 9º ano)
    f. ensino médio
    g. ensino técnico
    h. ensino superior
2. Você ainda está estudando?
    a. sim
    b. não
3. Se não: Gostaria de estudar mais?
    a. não
    b. sim. O que acredita que te impede de fazer isso?
        i. Cuidado com os filhos
        ii. falta de oportunidade
        iii. trabalho em casa
        iv. trabalho fora de casa
        v. dificuldade de transporte
        vi. outro _____
4. Substituir a pergunta abaixo por: **Já teve ou tem experiência com educação financeira?**
    a. Não
    b. Sim. Como (escola, em casa, etc.)?_____
5. Participa de reuniões comunitárias de tomada de decisão sobre atividades produtivas?
    a. Se sim: Se sente à vontade para dar sua opinião/ contribuir para as discussoes? Sente que é escutada/levada em conta?
        i. sim
        ii. não. por que?_____
    b. Se não: por que não vai?_____
    O que acha que é necessário para que você contribua para as conversas as

reuniões?

_____

6. Você faz parte de algum coletivo ou outro tipo de organização/projeto?
    a. sim: Qual? _____
    b. não
7. De quantas atividades coletivas envolvendo mais de duas comunidades você participou nos últimos 12 meses? ___
8. **Se tem filhos:** Durante esses encontros, quem é responsável por cuidar dos filhos?
    a. eu
    b. meu/minha companheiro(a)
    c. avó
    d. avô
    e. outra mulher da família/comunidade
    f. outro homem da família/comunidade
9. Quais são as suas maiores preocupações em relação ao
    a. trabalho (hoje em dia e futuro)?
    b. educação (hoje e no futuro)?
    c. vida em comunidade?
    d. vida pessoal (amigos, afetos, vontades, desejos)?

Cadeias produtivas

1. Você é remunerado por algum tipo de trabalho? (em dinheiro, ponto ou outro tipo de benefício)
    a. sim. Qual atividade? _____
    b. não
2. Você está feliz com essa remuneração/sente que é suficiente?
    a. sim
    b. não. Por que? _____

Qualidade de vida e satisfação

1- Discordo muito → 5 - Concordo muito

	1	2	3	4	5
Pretendo continuar a morar na minha comunidade quando eu alcançar a idade adulta					
Estou satisfeita/o com as possibilidades de trabalho na comunidade					
Estou satisfeita/o com as possibilidades de estudo acessíveis pra mim					
Estou satisfeita/o com meu nível de estudos					
A vida na comunidade é mais agradável do que na cidade					
A vida na comunidade é mais segura que na cidade					
Tenho tempo livre suficiente na semana para me divertir e passar tempo com amigos					
Na cidade, tem mais oportunidade e liberdade para escolher o que fazer da vida					
Eu gostaria de ter mais tempo pra mim e para meus estudos					
Pretendo continuar vivendo na comunidade e quero criar meus próprios filhos aqui.					

Viver na comunidade é mais seguro					
Ficar perto da minha família e continuar o trabalho que meus pais fazem é um dos motivos que me faz querer viver aqui					
A proteção desse território é importante para mim					
Tenho acesso a métodos contraceptivos (pílula, injeção, camisinha, DIU, tabelinha)					
Eu pude decidir quando queria ter filhos					
Somente para mulheres: Tenho acesso a itens de higiene pessoal durante o ciclo menstrual.					
Durante a gravidez, as mulheres tem apoio da família (dela ou do companheiro na comunidade.					
Durante a gravidez, as mulheres poderiam ter mais apoio da comunidade.					
Durante o resguardo e a amamentação, a tem apoio para cuidar da casa/ das crianças na comunidade.					
As mulheres tem autonomia para decidir quando parar de ter filhos.					

PERCEPÇÕES E VALORES - ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

1 - Discordo muito → 5 - Concordo muito

		1	2	3	4	5
1	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para tirar o **açaí**.					
2	Acredito que os homens e mulheres têm habilidades e capacidades iguais para desenvolverem as atividades relacionadas à **roça da mandioca**.					
3	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas à **seringa**.					
4	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas ao **manejo de pirarucu**.					
5	Acredito que os homens têm habilidades e capacidades superiores às das mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas ao **carregamento de pirarucu**.					
6	Acredito que as mulheres têm habilidades e capacidades superiores às dos homens para desenvolverem as atividades relacionadas ao **muru muru**.					
7	Acredito que as mulheres têm habilidades e capacidades superiores às dos homens para desenvolverem as atividades relacionadas à **andiroba**.					
8	Acredito que os homens e mulheres têm habilidades e capacidades iguais para					

	desenvolverem as atividades relacionadas aos **pescados**.					
9	O cuidado com os filhos e com a casa é responsabilidade das esposas e das filhas mulheres.					
10	Mulher tem mais jeito com criança do que homem.					
11	O cuidado com os filhos e com a casa é responsabilidade de todos da familia					
12	Ter mais mulheres na liderança das comunidades é positivo.					
13	Homens gostam mais de esportes do que mulheres.					
14	Mulheres são menos incentivadas a falar em público do que homens					
15	Os homens vão sozinhos às reuniões da comunidade e das associações.					
16	Os homens representam a opinião da família toda.					
17	Homem deve receber mais do que mulher.					
18	Homem trabalha mais do que mulher.					
19	Acredito que as mulheres já alcançaram um espaço igual ao dos homens na sociedade e devem receber igual ao homem					
20	Eu voto para a participação das mulheres nas decisões da comunidade/associação.					
21	Tenho medo ou receio de falar sobre direitos das mulheres.					
22	Tenho medo ou receio de defender a igualdade entre homens e mulheres					
23	Acredito que ser feminista é defender e apoia a igualdade de oportunidades para as mulheres e homens.					
24	Acredito que o trabalho da ASMAMJ é indispensável para alcançarmos bons resultados em termos de igualdade entre mulheres e homens.					
25	Eu me declaro uma pessoa feminista.					